

O LIVRO



SELVAGEM

JUAN  
VILLORO

# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe X Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

---

## SOBRE A EQUIPE X LIVROS:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [X Livros](#).

---

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais

lutando por dinheiro e poder,  
então nossa sociedade poderá  
enfim evoluir a um novo nível."

---

JUAN VILLORO

*O livro selvagem*

Tradução:  
ANTÔNIO XERXENESKY



*Para minha irmã, Carmen*

## *SUMÁRIO*

A separação

O frasco de ferro

O tio Tito

Livros que mudam de lugar

Os remédios da farmácia

Controle seu poder

A história que um livro conta nem sempre é a mesma

Os livros de sombra

*O livro selvagem*

A história se apaga

Um inimigo

O livro pirata

O príncipe é quem manda

Tito cozinha romances

Catalina na biblioteca

O tempo e os biscoitos

Motores que não fazem barulho

Uma radiação em zigue-zague

O Clube da Sombra

Uma isca mais succulenta

O que começa quando algo termina

## *A SEPARAÇÃO*

Vou contar o que aconteceu quando eu tinha treze anos. Foi algo que nunca mais esqueci, como se a história tivesse me agarrado pelo pescoço. Pode soar estranho, mas consigo inclusive sentir as "mãos" da história em mim, uma sensação tão nítida que sei até que as mãos usavam luvas.

Enquanto a história continuar em segredo, permanecerei sendo prisioneiro dela. Agora que começo a escrever, sinto um pequeno alívio. As "mãos" da história continuam em mim, mas um dedo já se soltou, como uma promessa de que estarei livre quando terminar.

Tudo começou com um cheiro de purê de batata. Minha mãe fazia purê quando tinha algo do que reclamar ou estava de mau humor. Esmagava as batatas com mais força do que o necessário, com uma verdadeira fúria. Isso a ajudava a relaxar. Sempre gostei de purê de batata, ainda que na minha casa tivesse gosto de problema.

Naquela tarde, quando senti o cheiro do vapor que saía da cozinha, fui ver como estavam as coisas. Minha mãe não percebeu minha presença. Chorava em silêncio. Teria feito qualquer coisa para que ela voltasse a ser a mulher sorridente que eu tanto adorava, mas não sabia como alegrá-la.

A partir daquele momento, a ouvi soluçar todas as noites. Eu costumava acordar em horários esquisitos. Quando criança, adormecia e só despertava de manhã. Porém, aos treze anos, comecei a ter o "sonho escarlate", um pesadelo recorrente. Nele, eu aparecia em um corredor comprido, úmido e escuro. Ao fundo, a luz de uma chama se agitava. Eu caminhava até ela. Então me dava conta de que me encontrava em um castelo. Meus passos ressoavam no escuro, e aí eu percebia que estava usando botas de ferro. Era um soldado de armadura. Deveria resgatar alguém no final do corredor, alguém que chorava e tinha voz de mulher, uma voz

agradável e muito triste. Eu caminhava na direção do som durante um longo tempo, pois o corredor parecia ficar mais comprido a cada passo. Por fim, entrava em um quarto de paredes vermelhas. Nessa época, minha cor favorita era o escarlate. Como eu adorava o som da palavra "escarlate"! No sonho, não conseguia enxergar a mulher que chorava, mas sabia que ela estava lá. Antes de ir em sua direção, me aproximava de uma parede, hipnotizado pela cor escarlate. Só então me dava conta de que a superfície era líquida. Ninguém tinha pintado aquelas paredes. Colocava minhas mãos nelas, e o sangue escorria entre meus dedos. Então eu acordava, morto de medo.

Depois de acender a luz, olhava para o mapa-múndi pendurado sobre a escrivaninha e para o meu último bicho de pelúcia, com o qual eu às vezes dormia. Se aos treze anos alguém tivesse me dito que eu era uma criança, teria ficado furioso. Sentia-me como um jovem rapaz. Meu coelho de pelúcia estava ali porque eu gostava dele. Mas podia dormir sem o bicho e era capaz de me defender sozinho. Nem mesmo quando tinha o "sonho escarlate" eu o levava para a cama. O coelho me observava do seu canto, com um olho mais baixo que o outro. Eu não pedia ajuda a ele, mas demorava um bom tempo para conseguir dormir de novo.

Nas noites de pesadelo, acordava com muita sede. Se a água que minha mãe deixava ao lado da cama já tivesse acabado, não me atrevia a ir até a cozinha, como se o "sonho escarlate" se passasse lá.

Então, tentava me distrair com os países do mapa-múndi. Meu favorito era a Austrália, que era pintado com um rosa cor de chiclete. Meus três animais preferidos eram australianos: o coala, o canguru e o ornitorrinco.

O que eu mais adorava nos coalas era o jeito como eles se dependuravam nas árvores. Eu abraçava o travesseiro como se fosse um coala, até adormecer com a luz acesa.

Talvez por estar crescendo, cenas de terror costumavam surgir em minha mente. Meus amigos do colégio gostavam de histórias de

fantasmas e vampiros. Eu não, mas em compensação tinha aquele sonho terrível.

Certa noite, acordei ainda mais assustado. Acendi a luz e olhei minhas mãos, com medo de que elas estivessem manchadas de sangue. Só havia as marcas de tinta com as quais tinha voltado do colégio. Olhei para o mapa-múndi e, antes de conseguir pensar em países distantes, ouvi alguém soluçando. O ruído vinha do corredor e tinha o tom inconfundível da voz da minha mãe.

Desta vez, criei coragem de sair. O pranto dela era mais importante que meu pesadelo, então fui, descalço, até o quarto de meus pais.

Eles dormiam em camas separadas. As cortinas estavam abertas, e a luz da lua entrava no quarto e se espalhava sobre a cama do meu pai, que era a mais próxima da janela. Vi muitas outras camas desde então, mas nenhuma me impressionou tanto como aquela: meu pai não estava lá.

Mamãe chorava, de olhos fechados. Não se deu conta de que eu estava lá. Fui até a cama do meu pai, levantei as cobertas e me enfiei ali debaixo. Senti aquele cheiro delicioso de couro e loção pós-barba, e peguei no sono no mesmo instante. Nunca dormi melhor do que naquela noite.

No dia seguinte, ela não gostou de me encontrar dormindo na cama do meu pai. Respondi que era sonâmbulo e tinha chegado ali sem querer.

— Era só o que me faltava! — exclamou minha mãe. — Um filho sonâmbulo!

A caminho da escola, minha irmã Carmen riu de mim porque eu andava e dormia ao mesmo tempo. E então me perguntou se eu podia ensiná-la a ser sonâmbula. Carmen tinha dez anos e acreditava em tudo que eu dizia. Expliquei que pertencia a um clube cujos membros se reuniam à noite: percorríamos as ruas dormindo.

— Como se chama o clube? — perguntou Carmen.

— O Clube da Sombra — me veio o nome de repente.

— Posso fazer parte dele?

— Antes você precisa passar por várias provas. Não é tão fácil — respondi.

Carmen pediu que eu a acordasse alguma noite para levá-la até o clube. Prometi que sim, mas claro que não cumpri.

Preocupada com o meu sonambulismo, mamãe falou com sua amiga Ruth, que tinha vivido na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial e visto coisas mais espantosas do que uma criança sonâmbula. Quando minha mãe conversava com Ruth, se tranquilizava ouvindo histórias piores que a dela. Nossa vida não era perfeita, mas pelo menos não estávamos sendo bombardeados.

Quando voltei do colégio, minha mãe falava por telefone com Ruth. Apesar disso, o ar cheirava a purê de batata. As terríveis histórias da amiga não tinham conseguido tranquilizá-la.

Parei diante da porta e observei minha mãe chorar em silêncio. Logo fiz a pergunta que tinha ensaiado mil vezes na escola:

— Onde está o papai?

Ela me olhou através das lágrimas. Sorriu como se eu fosse uma paisagem bonita e maltratada.

— Precisamos conversar — foi sua resposta, mas não disse mais nada. Continuou esmagando as batatas, acendeu um cigarro, fumou de maneira desajeitada, e a cinza caiu sobre o purê.

Fiquei parado como uma estátua até ela dizer:

— Seu pai vai morar um tempo fora de casa. Alugou um estúdio. Está cheio de trabalho, e nós fazemos muito barulho. Quando terminar esse trabalho, vai a Paris construir uma ponte.

Algo me fez pensar que meu pai nunca voltaria àquela cama que vi sob a luz da lua.

Minha mãe se ajoelhou e me abraçou. Nunca tinha me abraçado daquele jeito, ajoelhada no chão.

— Não vai acontecer nada com você, Juanito — me disse.

Sempre que me chamava de Juanito, algo terrível acontecia depois. Não era um apelido carinhoso, e sim um apelido de crise, o purê de batata dos apelidos.

Não estava preocupado com o que poderia acontecer comigo, mas com ela. Queria que ela sorrisse como quando ia me buscar na escola, e eu sabia que ela era a mais bonita de todas as mães.

— Não se preocupe — respondi —, estou do seu lado.

Foi a pior coisa que eu poderia ter dito. Ela chorou mais do que nunca e me abraçou com muita força, até que o purê de batata com cinza queimou no fogão.

Minha irmã chegou mais tarde porque tinha aula de piano e nos encontrou comendo pizza. Para ela, a tarde tinha sido muito divertida. Mamãe estava sem apetite e deixou que Carmen comesse tudo que quisesse.

— Tenho uma coisa para contar — mamãe falou, como se mastigasse cada palavra —, papai foi viajar.

Carmen achou aquilo o máximo, porque pensou que papai lhe traria um bicho de pelúcia na volta.

Fiquei triste de ver minha irmã feliz por não saber a verdade, mas eu seria capaz de fazer qualquer coisa para que ela nunca a soubesse.

Naquela época, o divórcio ainda não estava na moda. Nenhum dos meus amigos tinha pais separados. Ainda assim, eu sabia que isso podia acontecer. Tinha visto um filme bem engraçado sobre uma criança que se diverte muito porque tem duas casas e convence os pais a deixarem-na fazer tudo que tem vontade nas duas.

Meus pais não brigavam, mas também não conversavam como um casal que se ama. Nunca se beijavam ou davam as mãos.

Uma tarde, mexendo nos papéis do escritório do meu pai, encontrei uma carta dentro de um livro. O envelope tinha desenhos incríveis: espirais rosa, asteriscos azuis, relâmpagos em zigue-zagues verdes. Parecia a capa de um disco de rock.

O envelope continha uma carta. Era de uma amiga que amava muito meu pai e sonhava em viajar para Paris com ele. Senti um embrulho no estômago e entreguei a carta à minha mãe.

Isso foi dois meses antes de o purê de batata queimar. Às vezes, achava que ela tinha ficado triste por minha culpa. Tudo porque entreguei a maldita carta.

— Você vai se divorciar? — perguntei à minha mãe, quando Carmen não estava mais nos ouvindo.

Eu não queria me divertir em duas casas diferentes, como a criança do filme. Na verdade, também não queria ver meu pai. Gostaria que ele voltasse para que minha mãe ficasse contente. Só isso.

— Não sei o que vai acontecer. Papai ama muito vocês, é o que importa.

Mas isso não importava para mim. Queria que ele a amasse. Fui até meu quarto fazer um juramento solene. Peguei o mapa-múndi e, diante do desenho da Austrália, jurei que naquela casa seríamos felizes, ainda que eu tivesse que lutar muito por isso.

Nessa noite não tive pesadelos, mas também não consegui dormir.

Fui até o quarto que era dos meus pais e onde agora sobrava uma cama. Pelo menos eu achava que sobrava. Estava prestes a me deitar lá, quando vi que Carmen tinha chegado antes. Como sempre, parecia muito alegre. Talvez sonhasse que tinha sido aceita no Clube da Sombra.

## *O FRASCO DE FERRO*

Minha mãe começou a deixar cigarros por todo lado. Nem sequer os fumava até o fim. Estava tão nervosa e fazia tantas ligações, que os cigarros se acumulavam em montinhos no cinzeiro sem que ela terminasse de fumar um só deles. Havia sinais de fumaça em todos os cômodos, como se morássemos em um acampamento indígena.

Tudo cheirava a cinzas e a purê de batatas. Na semana da separação, comemos almôndegas com purê de segunda a sábado. No domingo, minha mãe nos deixou com sua amiga Ruth, que nos deu umas salsichas alemãs deliciosas, polvilhadas com um ingrediente que eu não conhecia: noz-moscada.

Minha mãe nos buscou bem tarde. Carmen já tinha adormecido abraçada ao seu castor de pelúcia. Eu estava caindo de sono, mas consegui escutar a conversa entre minha mãe e a amiga:

— O pior vão ser as férias — comentou minha mãe —, não sei o que fazer com eles.

Por “eles”, ela queria dizer “Carmen e eu”.

— Você vai dar um jeito — disse Ruth. — Posso ficar com a Pinta.

Pinta era a nossa cadelinha maltês, de pelo preto e branco. Fiquei surpreso (e, em parte, aliviado) que Ruth tivesse se oferecido para ficar com a cadela, mas não conosco.

Por que não podíamos passar as férias em casa? Faltavam duas semanas para o fim das aulas. No colégio, havia poucas tarefas para fazer. O professor não tinha mais pressa de nos ensinar: dava-nos um papel para que desenhássemos qualquer coisa por horas e horas. Depois, cantávamos músicas compridas, e ele não se incomodava se errássemos. Era como se as aulas de verdade tivessem acabado e só estivéssemos ali por obrigação, preenchendo os dias que faltavam até o verão, até as “férias longas”, como a gente chamava.

O melhor momento da vida era o primeiro dia de férias. O sol entrava de outro jeito no quarto: um sol animado, cor de mel, que aquecia as cortinas e sinalizava que passaríamos dois meses sem ter de ir para a escola. Nesse primeiro dia, tudo podia acontecer, como se a luz viesse da Austrália e de seus desertos de areia avermelhada.

Se você fica um ano sem comer algo que adora (como chocolate, espaguete ou frango assado) e então o experimenta de novo, acha aquilo ainda mais saboroso. Isso também acontecia com o primeiro dia de férias.

Pablo, meu melhor amigo, morava a duas quadras de distância. Planejamos muitas brincadeiras para o verão, entre elas entrar em uma casa abandonada com janelas quebradas e gatos selvagens. Seria o melhor verão da minha vida. No entanto, minha mãe tinha outros planos para mim.

Certa tarde, voltei para casa depois de brincar com Pablo e encontrei o corredor cheio de caixas.

— São as coisas do seu pai — explicou minha mãe.

Aproximei-me de uma caixa e vi muitos livros. Meu pai estudou engenharia e escreveu um livro com um título muito esquisito: *Pontes levadiças*. Ele me explicou que esse era o nome das pontes que se dividem em duas partes, que se erguem para que os barcos possam passar.

Pensei que ele mesmo buscaria suas coisas, mas logo chegaram dois carregadores e, num instante, levaram todas as caixas.

— As caixas vão para um depósito, até seu pai voltar de Paris.

— Ele não ia alugar um estúdio?

— Vai construir uma ponte em Paris.

Talvez ele fosse mesmo construir uma ponte em Paris, mas também visitaria aquela amiga que tinha enviado a carta. Achei os desenhos que ela fez no envelope muito bonitos, mas detestava a ideia de meu pai fugindo com ela.

Também odiei saber que meu pai ia construir uma ponte lá. Seria uma ponte que se levantava para os barcos passarem, com certeza. Essa era sua especialidade. Eu preferia as pontes que não se

separavam e que continuavam firmes e fixas, ligando as duas margens.

Não me importava que os livros chatos dele fossem embora de casa.

Minha mãe tomava comprimidos de cor azul-celeste para dor de cabeça. Logo ficamos sabendo que não se tratava de uma simples dor, mas de uma doença mais forte chamada enxaqueca.

Também sofria de gastrite. Suco de laranja era muito pesado para seu estômago, e ela sempre o tomava com um canudinho de vidro para não engolir ar (que, pelo visto, era ainda mais pesado). Dava para perceber o quanto ela era bonita até mesmo quando tomava suco, apesar de fazer uma cara horrível de quem está bebendo vidro, vidro estilhaçado que a destroçava por dentro.

A cada três dias me mandava ir até a farmácia comprar remédio para enxaqueca ou para gastrite. Quando íamos à casa da nossa avó, dizia:

— É o cigarro. A culpa toda é do cigarro.

Mas minha mãe não conseguia parar de fumar, ainda mais tão cheia de problemas. Quando a minha avó falava mal do cigarro, minha mãe fechava um olho como se fosse uma pistoleira prestes a disparar, acendia um fósforo com um movimento rápido digno de um especialista em explosivos e fumava com uma intensidade toda especial. E, então, se comunicava conosco como uma índia. De sua boca saíam sinais de fumaça que queriam dizer: “Faço o que bem entender”.

\* \* \*

Certa noite, sonhei que seguia um gato branco e entrava na casa abandonada. Em todas as partes, havia fogueiras feitas com móveis. No salão principal, uma mesa enorme queimava. Meu pai estava sentado em um sofá lendo jornal. De repente, o jornal começava a pegar fogo, mas ele não fazia nada: observava as chamas como se fossem uma notícia. Acordei antes que o fogo alcançasse as mãos dele.

Concluí que meu pai preferia viver em uma casa abandonada, com os móveis e o jornal pegando fogo, a viver conosco. Senti muita raiva dele e bati no meu travesseiro até não poder mais. Então imaginei que era um coala, e abracei o travesseiro como se ele fosse uma árvore. Tinha chorado, e a fronha estava úmida. Talvez por isso eu tenha sonhado que chovia muito no bosque australiano onde eu levava uma vida de coala feliz.

Adorava a sensação maravilhosa de frescor quando me deitava na cama e os lençóis tinham acabado de ser trocados.

Por causa dos problemas que estávamos tendo desde que meu pai fora embora, passaram-se dias e dias sem que trocassem meus lençóis. No início, não me dei conta, mas uma noite me perguntei se algum dia eles voltariam a ter cheiro de amaciante.

Carmen também percebeu isso e pingou umas gotas de xampu nos dela para que tivessem cheiro de novos.

Para disfarçar que tinha chorado, minha mãe usava óculos escuros. Parecia uma mafiosa, ainda mais quando estava com um cigarro na boca e um lenço na cabeça. Mas ficava legal. As mulheres mafiosas podem ser lindas.

Faltavam só dois dias para as férias quando ela nos chamou:

— Precisamos conversar.

Fomos até a sala de jantar, onde ela fatiava um melão. Nos últimos dias, andava tão nervosa que se cortava ao preparar qualquer refeição. Sempre que ia cozinhar, já deixava à mão uma caixa de curativos, certa de que ia se machucar. Depois colocava álcool na ferida, e o jantar sempre ficava com cheiro de farmácia.

Fiquei com medo de que ela arrancasse um dedo fora enquanto falava conosco. Por sorte, largou a faca e disse:

— A Pinta vai passar as férias na casa da Ruth.

Falou como se fosse normal que cachorros tirassem férias.

— E nós? — perguntou Carmen.

Essa parte foi mais difícil. As palavras saíram da boca de minha mãe como se fossem feitas de algodão.

— Os Bermúdez gostam muito de vocês — disse.

Leila Bermúdez era a melhor amiga de minha irmã. Como sempre, Carmen ficou feliz com a solução. Se estivesse num barco prestes a naufragar, ficaria muito alegre por ter de subir num bote inflável. Mesmo nos piores momentos, ela sempre encontra algo fantástico.

Como ela tinha sido intimada a ficar com a melhor amiga, pensei que me deixariam na casa de Pablo. No entanto, minha mãe disse:

— Você vai ficar com o tio Tito.

— Por quê?

— Ele pediu.

— Prefiro ficar no Pablo. Ou com a vovó.

— Pablo tem quatro irmãos. Não tem espaço para você. E a sua avó está velha demais para cuidar dos outros.

— Prefiro ficar com outra pessoa.

— Por quê?

— O tio Tito tem pelos brancos saindo do nariz — foi a única coisa que me ocorreu.

Era verdade. O tio Tito tinha pelos até na orelha, que ele aparava, mas não fazia nada com os que saíam do nariz.

— Ele gosta muito de você — minha mãe comentou.

Isso também era verdade. Sempre que eu o via, ele lia para mim alguma história de um dos milhares de livros que tinha em casa. Era muito legal quando falava da vida dos dragões, das espadas da Idade Média e dos foguetes do futuro. Porém, eu não queria morar com ele. O que eu faria em uma casa tão escura quanto a dele, com tantos livros empoeirados?

Tio Tito não tinha filhos. Era primo de minha mãe e sempre morou sozinho, junto com sua imensa biblioteca. Por que tinha pedido que eu ficasse com ele? Eu o achava simpático, mas preferia vê-lo só de vez em quando.

— Ele tem livros magníficos — acrescentou minha mãe.

— Mas não tem televisão.

Eu gostava de tv tanto quanto de frango assado. Já os livros me interessavam muito pouco, especialmente se fossem sobre

engenharia.

Não continuamos discutindo porque ela ficou nervosa, resolveu cortar outra fatia de melão, e um fio de sangue escorreu pela mesa.

— Não consigo nem cortar um melão — ela falou, desesperada.

Carmen e eu dissemos que não era bem assim: em todo o prédio, ninguém cortava melões melhor do que ela. Não voltamos a falar sobre a casa onde eu passaria as férias.

No dia seguinte, pensei que minha mãe me amava demais para me mandar para a casa do tio Tito. Aquilo não podia ser verdade.

Tudo bem que Pinta fosse para a casa de Ruth e aprendesse a latir em alemão, e que Carmen ficasse na casa de Leila Bermúdez. Eu ficaria com minha mãe. Ela precisava de mim, eu tinha certeza disso.

No último dia de aula, ela se esqueceu de nos buscar. Várias vezes ela chegava atrasada, e nós éramos os últimos alunos no pátio do colégio, mas, naquele dia, tinha se esquecido completamente. O porteiro queria fechar a escola, pois também estava entrando em férias.

Peguei a mochila de Carmen e falei para irmos caminhando. Conhecia o percurso, embora nunca o tivesse feito a pé. Demoramos duas horas para chegar em casa.

O que poderia ter acontecido de tão grave com minha mãe que a tinha impedido de ir nos buscar? Teria morrido? Desmaiado? Uma dor que nenhum comprimido resolvesse?

Tocamos a campainha de casa e pensei comigo mesmo: “Se ela não abrir em quinze segundos, é porque está morta”.

A porta abriu treze segundos depois. Minha mãe nos olhou, surpresa, como se tivéssemos saído de um sonho. Só então se deu conta de que tinha se esquecido de ir nos buscar.

— Meu Deus! Que horas são?! — exclamou. — Como estou esquecida!

Pedi mil desculpas.

— Eu estava fazendo a mala de vocês e perdi a noção do tempo — explicou.

A mala de Carmen já estava pronta, assim como um cestinho com seus bichos de pelúcia favoritos.

— Falta o Juanito — falou minha irmã, e foi pegar o boneco que tinha o meu nome (deu esse nome ao boneco para que eu aceitasse levá-la ao Clube da Sombra).

Até aquele momento, ainda acreditava que Carmen iria para outra casa mas que eu ficaria. Minha mãe não podia se separar de mim.

— Vou terminar a sua mala — ela disse, e se dirigiu ao meu quarto.

Segui-a lentamente.

Vi minha mãe ajoelhada em frente à cama, dobrando camisetas e colocando-as com muito cuidado dentro da mala. “Está fazendo isso para que eu ache que vou ter que ir à casa de meu tio, mas não vou cair nessa”, pensei.

Continuou colocando coisas na mala até pegar um objeto pequeno e escuro. Um frasco. O médico tinha me receitado ferro. Todas as manhãs, eu tomava uma colherada de um xarope preto. O gosto era horrível, mas o pediatra tinha dito: “O ferro é bom para o crescimento”, como se eu fosse uma ponte em construção. Detestava esse remédio que os outros diziam ser tão importante para mim.

Apenas naquele instante, ao ver que o frasco de ferro também estava sendo guardado na mala, eu entendi que era tudo verdade, que eu iria mesmo passar dois longos meses na casa do tio Tito. Se minha mãe tinha se dado ao trabalho de separar o frasco, é porque o negócio era sério.

Foi quando aprendi, pela primeira vez e para sempre, que certos detalhes são o que tornam uma história verdadeira. Quando o frasco foi parar na mala, tudo pareceu real. Tinha chegado a hora de aceitar: eu iria para uma casa que mal conhecia.

O que eu não sabia é que isso me levaria à maior aventura de minha vida.

## *O TIO TITO*

Meu tio morava na parte antiga da cidade. Naquele bairro, enquanto algumas casas eram derrubadas a golpes de marreta para dar espaço a edifícios modernos, outras estavam prestes a desabar por conta própria; outras, ainda, tinham sacadas seguras com corda para que não despencassem e esmagassem as pessoas que caminhavam pela rua.

Era nessa zona de demolição, que os adultos chamavam de “Centro”, que se encontrava a residência de tio Ernesto, conhecido como Tito pela família e como dom Tito pelos carteiros, que entregavam os vários livros que ele encomendava das mais diversas livrarias do mundo todo.

Meu tio morava com três gatos: um era preto e se chamava Obsidiana; outro era branco e tinha o nome de Marfim; e o filho dos dois, meu preferido, era branco com manchas pretas e era conhecido como Dominó.

Por cinquenta e oito anos, meu tio morou sem nenhuma outra companhia além de seus livros e seus gatos. De repente, para a surpresa da família, decidiu que tinha chegado a hora de se casar.

Ficou casado durante um ano. Tudo que me lembro da mulher dele é que usava óculos redondos e espirrava muito por causa do pó dos livros. Em um momento de desespero, ela disse ao meu tio: “Não podemos morar neste labirinto. Sou alérgica a papéis velhos”. Meu tio concordou: deixou a casa para os livros e se mudou com a esposa para um pequeno apartamento. No entanto, a vida sem biblioteca se revelou muito triste, e ele decidiu largar a mulher e voltar aos seus livros.

Por todos esses motivos, fiquei surpreso com a decisão de me mandarem para a casa dele. Meu tio se sentia bem na solidão; não costumava fazer festas ou marcar encontros, nem parecia precisar

de outra companhia além dos três gatos. Por que desejava que eu fosse lá? Tudo era muito estranho.

Eu levava um livro na minha mala: *Tudo sobre as aranhas*. Já o tinha lido, e foi por isso mesmo que o escolhi: gostava mais de reler um livro incrível do que me arriscar com um desconhecido.

Quando chegamos à casa de meu tio, adorei a cabeça de leão que mordida uma lua de metal e servia para bater na porta.

Estavam derrubando a casa ao lado, e isso fazia muito barulho. Mal deu para escutar as nossas batidas. Minha mãe pediu que eu batesse os pés no chão com força, mas eu estava usando sapatos com sola de borracha e não consegui fazer muito barulho. Por um instante, tive a esperança de que meu tio não abriria a porta nunca e eu poderia voltar com a minha mãe. Justo naquele momento, a porta se abriu.

— Ficaram muito tempo batendo? — perguntou meu tio. — Lá dentro mal se ouve o que acontece aqui fora.

Ele tinha razão. Assim que fechou o portão, um grande silêncio se espalhou, como se estivéssemos no fundo do mar.

— Coloquei isolantes especiais. Só assim consigo me concentrar para ler — meu tio me encarou com olhos tão atentos que pareciam prestes a saltar de seu rosto.

Tive vontade de dizer: “Não me olhe desse jeito porque não sou um livro”, mas não me atrevi.

Por toda parte, havia estantes de livros e volumes empilhados em colunas que chegavam até o teto.

— Venham até a sala de estar — disse meu tio.

A “sala de estar” era um cômodo um pouco mais espaçoso. Havia livros nas paredes, mas não nas cadeiras. Conseguimos nos sentar perto de uma mesa que tinha um mapa no lugar da toalha. Fiquei bem em frente à Austrália. Falei que era meu país preferido.

— Uma grande escolha, meu querido sobrinho — comentou meu tio. — Não há muita cultura ou muitas antiguidades nesse deserto vermelho, mas é a casa do ornitorrinco, o animal mais fabuloso de todos, um resumo biológico, uma enciclopédia do que se pode ser

sem sê-lo por completo: o ornitorrinco poderia ser um pato, um castor ou uma marmota. Seu segredo está em se disfarçar de outros animais para ser ele mesmo. Um grande ator coadjuvante.

Não entendi nada. Será que ele tinha enlouquecido nos últimos anos?

Logo em seguida, acrescentou, entusiasmado:

— Além do mais, a Austrália tem as melhores ondas, não tanto por sua forma, mas sim porque banham as australianas, um espécime superior ao ornitorrinco. Em algum lugar da casa tenho um calendário com australianas de biquíni.

Minha mãe olhou para o tio Tito com uma expressão preocupada e pegou na minha mão. Parecia ter se arrependido de me levar para lá. As palavras esquisitas que saíam da boca dele passaram a me interessar.

— Querem um chá de cachimbo? — perguntou, e saiu da sala antes de respondermos.

— Você vai ficar bem aqui, Juanito? — minha mãe acariciou meu cabelo e me fitou com olhos tristes.

Ela tinha me dito que precisava passar umas semanas sozinha para procurar um apartamento menor, agora que nossa casa teria menos moradores. Não quis preocupá-la mais ainda dizendo que meu tio parecia meio louco. Interessante, porém louco.

Num canto da sala, vi uma teia de aranha prateada e triangular, idêntica à ilustração da capa do livro *Tudo sobre as aranhas*.

— Gosto desta casa — falei para minha mãe.

— Se você se sentir mal aqui, pode me avisar por telefone.

Isso não seria tão fácil. De acordo com meu tio, o telefone era um equívoco da vida moderna. Ele detestava a ideia de um toque barulhento interrompendo sua leitura. “Não quero escutar nenhuma outra voz além da de minha consciência”, dizia quando alguém perguntava por que ele não tinha telefone.

— Você pode ir à farmácia aqui em frente para me ligar — explicou minha mãe. — Pegue. — E me deu uma bolsinha com moedas para pagar os telefonemas.

Meu tio voltou com uma chaleira fumegante.

— As viagens de barco serviram para algo — disse. — Graças às corajosas tripulações que chegaram até a Índia e o Ceilão, e ao maravilhoso hábito de beber chá dos capitães, hoje podemos mergulhar estas folhas em água quente. Sintam o cheiro, meus queridos parentes: querem chá preto defumado?

Meu tio nos serviu antes de respondermos. O chá, de fato, tinha cheiro de cachimbo.

— Lapsang Souchong é o nome deste maravilhoso sabor.

— É adequado para crianças? — perguntou minha mãe.

— Bem, eu diria que Juan já não é mais uma criança — meu tio opinou, e eu gostei do que ele disse.

Bebemos o curioso chá até minha mãe comentar que precisava falar em particular com ele.

Meu tio sugeriu que eu explorasse a casa enquanto eles conversavam. Entregou-me um sino:

— Se você se perder — explicou —, toque o sino que eu o encontro.

Seria possível se perder dentro de uma casa? Em poucos minutos eu descobriria que sim, e de que forma.

Caminhei por um corredor com estantes de livros em ambos os lados e entrei no primeiro cômodo que encontrei. Era um quarto com o pé-direito alto, também coberto de livros de parede a parede, com um balcão em toda a sua volta e uma escada que permitia alcançar os livros nesse segundo piso.

Segui em direção a outro aposento, mas não encontrei nada além de livros. De repente, Dominó saltou do alto de uma estante e escapuliu por uma porta. Segui o gato e fui parar em um corredor escuro. Tateei a parede em busca de um interruptor de luz, mas minhas mãos só sentiam lombadas de couro. Tropecei em alguns volumes que estavam no chão. Voltei a procurar o interruptor e logo em seguida achei que o havia encontrado. Percebi que era uma pequena alavanca, então a empurrei para baixo. Um alçapão se abriu sob meus pés e eu caí em um escorregador deslizando até um

depósito de lençóis. O local também tinha alguns livros. Por sorte, não tinha perdido o sino. Toquei-o com força até que meu tio chegou.

— O que você está fazendo na lavanderia, sobrinho? — perguntou.

— Caí lá de cima.

— Você logo se acostuma com a casa. Já descobriu até o caminho da roupa suja.

— Aqui também tem livros.

— Aqui são secados e passados. Às vezes derramo chá sobre as páginas.

Quando voltamos à sala, minha mãe parecia bem tranquila. Conversar com meu tio tinha feito muito bem a ela.

— Já vimos como este sino é útil — disse Tito. — Nunca ande por aí sem ele. Aconselho até que você o prenda muito bem em você. Tenho um livro sobre nós de corda que recomendo. O título é *Carlota: uma vez amarrado, nem Deus o solta* — recitou.

Minha mãe se despediu com muitos beijos e abraços. Senti o cheiro de seu cabelo, o melhor cheiro do mundo.

Ela pediu que eu ligasse de vez em quando do telefone da farmácia.

Quando eu e meu tio ficamos a sós, ele disse:

— Muito bem. Agora proponho que coloquemos em prática o método de conhecer pessoas do famoso detetive Sherlock Holmes: vamos falar sobre nossos defeitos. Quais são os piores que você tem, sobrinho?

— Não sei.

— Para conseguir viver com alguém, é preciso saber que problemas a pessoa pode causar. Ninguém é perfeito. Se você aceita esses problemas, vai se dar bem com o outro.

— Não consigo pensar em nenhum.

— Você não está sendo um pouco convencido? Todos nós temos os nossos defeitinhos. Está bem. Eu começo. — Fez uma pausa, bebeu um longo gole de chá e começou a listar seus defeitos. —

Um: ronco à noite, mas isso não é grave, pois você terá seu próprio quarto; dois: não gosto que falem enquanto estou lendo; três: não suporto ouvir pessoas cantando; quatro: fico irritado com coisas irrelevantes, mas passa rápido; e cinco: não sou bom em contas e moedas de outras pessoas acabam sobrando na minha mão...

Esse último defeito me deixou preocupado, por causa das moedas que eu tinha ganhado para usar o telefone. Teria que escondê-las muito bem.

— Agora é a sua vez — insistiu.

— Às vezes tenho pesadelos e acordo gritando à noite — respondi.  
— Também sinto câibras nas pernas; não sou muito organizado e jogo a roupa no chão; não lavo bem as mãos e às vezes elas ficam meio pegajosas; me distraio quando estou pensando e não presto atenção no que os outros estão me dizendo; sou desajeitado e quebro várias coisas...

Nunca tinha pensado que pudesse ter tantos defeitos, mas me senti bem em listá-los.

— Consigo conviver com todos eles — opinou meu tio, muito pensativo. — E você? Consegue conviver com os meus?

— Sim.

— Perfeito. Esses defeitos nos unirão bastante.

Meu tio me deu um abraço e, ao fazer isso, derrubou sua xícara de chá. Um gota caiu nas calças dele.

— Maldição! — gritou, furioso, e notou que eu o observava. — Viu? Fico irritado com bobagens. Mas passa rápido, em um instante. Os problemas de verdade me chamam a atenção, mas não me preocupam. Li livros o suficiente, por isso penso desse jeito: os escritores me ensinaram que os grandes problemas são interessantes.

— Você gosta de aranhas, tio?

— Por que a pergunta?

Apontei para a teia de aranha triangular no canto da sala.

— Nesta casa há aranhas inofensivas que nos protegem dos mosquitos. Já tentou ler enquanto um mosquito zune no seu ouvido?

Odeio os mosquitos: são orquestras do desespero. Zunem e zunem, e você não consegue pensar em mais nada. Por outro lado, as aranhas são amigas do silêncio: comem os mosquitos e acabam com a música deles.

— Eu trouxe um livro chamado *Tudo sobre as aranhas* — falei.

— Você está no lugar certo para estudar as que não são venenosas.

Tio Tito pôs uma das mãos no meu ombro e acrescentou:

— Você vai ficar bem aqui. — E então respirou fundo, como um nadador antes de se lançar à água. — Vamos nos dar bem. Esta casa precisa de um cérebro jovem. Seus miolos são bem-vindos.

Foi assim que começou minha temporada no labirinto dos livros.

## *LIVROS QUE MUDAM DE LUGAR*

Meu tio me colocou em um quarto agradável, com vista para um pequeno jardim. De manhã, ouvi o canto dos pássaros e senti que estava no campo. Dormi muito bem. Não tive câibras nem sonhei com o terrível quarto escarlata.

Por volta das oito, escutei um barulho e resolvi descer para tomar café da manhã. Estava com fome o suficiente para comer uns cinco bolinhos. Será que meu tio me deixaria comer tantos? Minha mãe reclamava que meus sanduíches de geleia estavam me deixando gordinho.

Peguei o sino, que tinha deixado na cabeceira, e percorri os corredores, me orientando pelo som dos pratos, que — como tinha pensado — vinha da sala de jantar.

Assim cheguei até um salão onde havia uma mulher gorda, de costas para mim.

— Bom dia! — eu disse.

— Ai, Jesus! — ela gritou, e soltou os pratos que tinha nas mãos, que se estilhaçaram ao cair no chão de madeira. — Quem é você? — perguntou. — Um fantasma? Não, os fantasmas não usam pantufas — comentou, apontando para os meus pés com um dedo gordo como uma linguixa.

— Meu nome é Juan, sou sobrinho do tio Tito.

— Sou a Eufrosia. O senhor Tito não me avisou que você viria para cá. Vive nas nuvens, metido dentro dos livros. Seu tio é uma nuvem de calça e camisa. O que você quer de café da manhã? Omelete Homero, aveia Aristófanos, cereal Cinco Musas ou sanduíche isabelino?

Tudo parecia esquisitíssimo. Perguntei como era a omelete Homero.

— É feita com os melhores ovos e de olhos fechados. Depois, leva um pouco de queijo grego e é servida banhada no azeite de oliva.

Fiquei com água na boca.

Tomei café da manhã na cozinha porque as cadeiras da sala de jantar estavam cheias de livros. A omelete era ainda mais saborosa que a descrição dela. Decidi comer omelete todos os dias. Quando gostava de algo, repetia sempre. Minha mãe achava uma chatice eu sempre pedir a mesma pizza, mas, se eu gostava da de calabresa, por que comer outra?

— Por que você precisa fazer a omelete de olhos fechados? — perguntei a Eufrosia.

— O senhor Tito me disse que o prato foi inventado por Homero, um gênio cego. Fechamos os olhos em respeito a ele. Você sabia que o pai de seu tio também era cego?

Eu não sabia ou não lembrava. Paramos de conversar sobre o assunto porque ouvi uma voz atrás de mim:

— Que cedo que você acordou, atleta!

Meu tio usava um gorro de dormir de feltro verde. Despejou chá em um prato de sopa e sorveu o líquido fazendo muito barulho.

— Esqueci de contar sobre outro defeito meu: não consigo comer em silêncio. Mastigo com força. Não gosto de comida que não faz barulho. Os livros pedem silêncio, mas uma boa mordida precisa trovejar. Já conheceu a Eufrosia? Ela é cozinheira, faxineira e especialista em recolher migalhas e não tocar nas teias de aranha.

— Muito prazer — me disse a mulher, como se só agora tivesse me conhecido.

— Ela não mora aqui — explicou o tio Tito. — Chega junto com o canto dos primeiros pássaros e vai embora quando escurece. À noite, os únicos que vivem aqui somos nós dois e um milhão de livros.

— Sério que você tem tantos assim? — perguntei.

— Na verdade, nunca consegui contá-los. Os livros são muito escorregadios. Você procura um em uma estante e o encontra em outra, ou não o encontra por anos e de repente ele aparece na frente do seu nariz. Antes eu achava que Eufrosia os mudava de lugar depois de tirar o pó, depois pensei que era eu que os movia sem me dar conta. Sou muito distraído, como você pode perceber. Mas logo concluí que os livros se mexem sozinhos: procuram ou repelem você. — Meu tio bebeu um gole grande de chá. — Você deve achar que isso é uma ideia absurda, mas eu já a comprovei algumas vezes. Vou dar um exemplo, para que entenda melhor. Nenhum método científico consegue descobrir por que as meias desaparecem. Ponha um par para lavar e só volta uma meia. A outra sumiu. Não se trata de roubo: qual a utilidade de uma meia sem par? Algo parecido acontece com os livros. Quando juntamos muitos, fica difícil mantê-los parados. Tentam se acomodar. Às vezes pedem que você os leia, outras que não os leia.

Queria que meu tio continuasse falando sobre o assunto, mas ele torceu os lábios de um jeito estranho e disse:

— Tenho que fazer xixi. O chá de cachimbo é diurético.

— O que quer dizer “diurético”?

— Que dá vontade de urinar. Se você bebe uma xícara de algum líquido e urina um garrafão, é porque a bebida é diurética.

Foi assim que conheci outro hábito de meu tio. Nenhuma conversa durava muito porque ele ia frequentemente ao banheiro.

Quando voltou, perguntei:

— Será que você não está bebendo muito chá?

— Claro que não! O chá de cachimbo esclarece as ideias e limpa os rins. Fazer xixi é magnífico. Você não gosta? Já cheguei a urinar por três minutos seguidos. Conte com um cronômetro de ciclista.

— Gosto, mas quando me dá vontade — respondi.

— Uma resposta lógica, mas pouco empolgante. Às vezes é bom ser exagerado, meu sobrinho. É preciso ampliar as possibilidades da vida: urinar por três minutos é mais divertido que por dez segundos.

\* \* \*

Em seguida, o tio Tito me mostrou algumas seções de sua enorme biblioteca. Enquanto percorríamos a casa, Marfim e Obsidiana nos acompanhavam, mantendo uma distância discreta, e Dominó subia nas prateleiras e de vez em quando derrubava um livro. Talvez ele fosse o culpado pelos livros mudarem de lugar.

Meu tio se orientava sem problemas por esses aposentos, cujas dimensões pareciam incalculáveis. Você passava de um cômodo a outro e de repente estava em um pátio interno com teto de cristal. Nos aposentos, as estantes não apenas ocupavam as paredes, mas também formavam um labirinto no interior do recinto, dificultando a passagem. Encostado em uma parede, era impossível enxergar a da frente, pois havia livros demais no meio do caminho.

A biblioteca tinha sido ordenada em seções, seguindo um método bastante estranho. Um letreiro com letras vermelhas indicava qual era o assunto dos livros reunidos naquele local, mas os temas eram muito curiosos. Nessa minha primeira visita, anotei no caderno os seguintes: "Cachorros pequenos", "Queijos que fedem, mas são saborosos", "O tigre-de-bengala", "Mapas do mundo antigo", "Os dentes das avós", "Espadas, facas e lanças", "Átomos bobos", "Motores que não fazem ruído", "Suco de laranja", "Coisas que parecem ratos", "Livros negros", "Como sair do labirinto", "Geleia não é dinheiro", "Flores carnívoras", "O pescador e seu anzol", "Acidentes de aviação", "Foguetes que não retornaram", "Exploradores que nunca partiram", "O significado do silêncio", "Futebol de ataque", "1001 molhos para massa", "Como governar sem ser presidente".

Pareciam ser títulos de livros de fantasia; apesar disso, nomeavam seções que, de alguma maneira muito esquisita, agrupavam livros diferentes. Por exemplo, na seção "Exploradores que nunca partiram", havia setenta e dois volumes relacionados a esse curioso assunto.

Meu tio possuía livros sobre os temas mais variados. Perguntei se ele tinha algum sobre coalas.

— Deve estar entre os livros sobre ursos — respondeu. — Não sei quantos são. Parei de contar quando cheguei ao número quinhentos.

— E você leu todos eles?

— Claro que não. Uma biblioteca não é para ser lida por completo, mas sim para ser consultada. Os livros estão aqui para o caso de serem necessários. Li minha vida toda, mas há muitos assuntos sobre os quais não sei nada. O importante não é ter tudo na cabeça, e sim saber onde encontrar uma informação. A diferença entre um arrogante e um sábio é que o arrogante só aprecia o que já sabe, enquanto o sábio busca o que ainda não conhece.

Naquela tarde, alguém bateu à porta. Meu tio pagou por um pacote que lhe enviaram e se confundiu todo com as contas.

Perguntou:

— Preciso dos seus miolos, meu sobrinho: quanto é cem menos cinquenta e oito?

— Quarenta e dois.

— Excelente ideia!

— Não é uma ideia, tio, é um resultado — respondi.

— Perdão, estou um pouco atordado.

Meu tio recebeu um pacote que lhe deixou entusiasmado.

— Os nervos fazem com que eu me esqueça de coisas que aprendi na sua idade — comentou.

— E por que você está nervoso?

— Você não sabe como é difícil conseguir esse livro.

Fomos até a cozinha, onde ele pegou uma faca, cortou a corda que atava o pacote, rasgou o papel cor de canela e mostrou um volume muito antigo, com uma capa azul-escura. Parecia ter sido encadernado com pele de baleia. Meu tio o abriu. Estava escrito em um idioma que não compreendi.

— Do que se trata? — perguntei.

— Na verdade, não trata de nada. Este livro serve para procurar outros livros. É um livro explorador.

— Não entendi.

— Vou urinar e preparar um chá de cachimbo e logo te explico — disse meu tio.

Depois de cumprir essas funções, pôs a mão sobre o livro de capa azul e começou:

— Há vários séculos, inventou-se uma ciência para relacionar todos os livros.

— Uma ciência para encontrar livros perdidos?

— De certo modo, meu caro detetive, mas não exatamente.

— Como assim, então?

— Uma ciência para saber como se comportam os livros e aonde eles podem ir. Nada tem tanto caráter quanto um livro. Uma biblioteca é um “almário”: uma coleção de almas, sobrinho. Os livros se locomovem como as almas nos cemitérios, para se aproximar ou fugir de alguém.

— Sua biblioteca tem fantasmas?

— Vamos com calma, sobrinho. Ao longo de muitos anos felizes, aprendi que cada livro tem um espírito. Esse espírito procura o seu leitor. Seu leitor preferido, ideal, absoluto. — As pupilas dele brilharam com deleite.

Fiquei olhando os pelos que saíam do nariz de meu tio e o cabelo branco que crescia desordenado. Seus olhos saltados me observavam com muita atenção, como se eu fosse um inseto sob uma lupa. Tenho vergonha de admitir, mas naquele momento pensei que ele estivesse louco.

— Os livros andam sozinhos? — perguntei.

— Achei que já tínhamos esclarecido isso. Nunca aconteceu de você deixar um caderno num lugar e encontrá-lo em outro?

— Isso acontece porque a gente esquece onde deixa as coisas.

— Os segredos não são tão simples assim. Vivi tempo suficiente para saber que os livros mudam de lugar por vontade própria. A pergunta é: por quê? É sobre isso que trata este livro, escrito no latim do século xv, quando apenas os sábios e alguns monges dominavam essa língua morta.

Naquele momento, Eufrosia chegou trazendo uma torta com um cheiro delicioso.

— A torta de Newton! — exclamou meu tio, feliz da vida. — Olhe, sobrinho, ela tem amassados crocantes, em homenagem à maçã que caiu na cabeça de Newton. Graças a ela, ela descobriu a lei da gravidade. Suponho que isso você já sabia, já que é tão inteligente e conhece tão bem o número quarenta e dois. A torta está recheada de maçãs que ajudam na digestão e comprovam a lei da gravidade: tudo acaba caindo, meu querido sobrinho. Primeiro você come, depois faz cocô.

Achei horrível que alguém tão interessado em livros fizesse piadas tão infantis. De fato, Tito se comportava como um maluco.

Enquanto comíamos a saborosa torta, meu tio espalhava migalhas por todos os lados. Nunca tinha visto alguém comer com tanto prazer e tanta grosseria. Eufrosia voltou logo em seguida com um aspirador.

Como meu tio detestava qualquer barulho (exceto os que ele mesmo emitia quando mastigava), tapou as orelhas e ficamos um tempo sem poder conversar.

Ao contrário de meu tio, Eufrosia adorava distinguir diferentes sons. O barulho do aspirador não a impediu de escutar o toque da campainha. Foi ver quem era e voltou com um envelope:

— Correio expresso — disse.

Para minha surpresa, acrescentou:

— Para você.

Quando o correio chegava à minha casa, sempre esperava que tivesse alguma carta para mim, mas as correspondências eram sempre para o meu pai. Agora, pela primeira vez na vida, recebia um envelope com um selo que mostrava Napoleão com uma cabeleira, quando era um soldado jovem.

O envelope continha um cartão-postal. Na frente, havia a imagem da torre Eiffel e, no verso, a letra de patas de mosca do meu pai e sua assinatura de arame retorcido. Estava escrito:

Amado filho.

Sei que este é um momento difícil para você, mas vou te amar para sempre. Estou construindo uma ponte enorme. Quando terminar, estarei de volta e iremos ao zoológico e ao futebol.

Te adoro,  
Papai

Naquele momento, eu não queria ir nem ao zoológico nem ao futebol.

Senti vontade de rasgar o cartão. A torre Eiffel me lembrou do frasco de ferro que eu deveria tomar e que tinha um gosto horrível. Eufrosia tinha desligado o aspirador e meu tio me observava, curioso. Senti vergonha de ter ficado tão alterado. Não podia rasgar o cartão como se eu fosse um louco num filme. Para me acalmar, pedi a ele que continuasse falando sobre os livros que mudavam de lugar.

— Eu queria justamente voltar a esse assunto — ele disse, entusiasmado. — Há duas maneiras de um livro chegar até você: a normal e a secreta. A normal é aquela em que você o compra, ou alguém lhe dá ou empresta. Já a secreta é muito mais importante: nesse caso, é o livro que escolhe o seu leitor. Às vezes, as duas maneiras se confundem. Você acha que decidiu comprar um determinado livro, mas na verdade foi ele que se colocou ali para que você o enxergasse e se sentisse atraído. Os livros não querem ser lidos por qualquer pessoa, mas sim pelas melhores, por isso procuram seus leitores. Vamos respirar um pouco de ar fresco.

Pensei que iríamos para o jardim que havia ao redor da casa, mas me enganei. Para o meu tio, o “ar fresco” estava em lugares com menos livros do que o comum. Fomos a um dos vários salões que faziam da casa um lugar muito estranho e aos quais eu não conseguiria chegar sem me perder. Era um aposento com almofadas estampadas com desenhos complicados (como serpentes entrelaçadas) e vasos com samambaias que recebiam a luz do sol através de uma claraboia. Só havia livros na escrivaninha e na mesa de centro.

Tive a sensação estranha de que já havia estado ali antes. Por isso fiquei tão surpreso quando Tito me contou:

— Dez anos atrás, quando você tinha apenas dois aninhos, você esteve aqui comigo. Seus pais o deixaram aqui por algumas horas porque tinham que resolver um assunto pendente neste lado da cidade. Você se comportou bem, não vou mentir. Brincou um pouco com um carrinho de bombeiros e logo pegou no sono. Seus pais vieram buscá-lo, e tudo parecia ter corrido como uma visita comum e normal. Sou distraído, como bem sabe, e demorei para me dar conta de que algo diferente tinha acontecido.

— O que aconteceu?

— Tenho que ir ao banheiro.

— Aguarde, tio, isso é muito emocionante.

— Vou contar bem rapidinho: depois da sua visita, muitos livros se mexeram. Nunca tinha acontecido antes. Você acordou as almas da biblioteca. Você tem um estranho poder, garoto. É um leitor princeps.

— Um leitor princeps?

— Um leitor único. No dia a dia, é meu sobrinho Juan, simpático e um pouco gordinho. Para os livros, você é um príncipe. Por isso eu precisava de você aqui. Agora preciso ir mesmo ao banheiro.

Meu tio saiu apressado. Olhei para as samambaias e elas me pareceram plantas fabulosas, vindas de uma selva em miniatura. Haveria aranhas ali? O ambiente tinha algo de estranho. O tio Tito voltou alguns minutos depois.

— Esta biblioteca precisa de você, sobrinho — disse, entusiasmado. — Não sabe o trabalho que foi convencer sua mãe de que você viesse para cá. Faz anos que peço. Ela acha que estou meio louco. — Fez uma pausa, como se calculasse com cuidado o que diria em seguida. — A verdade é que normal, normal mesmo, não sou, mas quem gostaria de ser comum igual a um trapo? As pessoas que valem a pena conhecer sempre são diferentes por algum motivo.

Foi então que me dei conta do que tinha tornado possível que eu estivesse ali agora. Depois que meu pai partiu, minha mãe precisava ficar a sós para resolver seus assuntos e, enfim, cedeu aos pedidos de meu tio.

Os olhos de Tito brilhavam mais do que nunca quando me contou:

— Sempre que você vem a esta casa, os livros sentem a sua presença. — Isso me deu um pouco de medo; ele logo acrescentou: — Não sei que tipo de leitor princeps você é. Vamos ter que descobrir.

— Os livros estão se movendo desde que eu cheguei?

— Isso é o mais estranho. Neste momento, estão bem quietos, como se estivessem preparando algo. Acho que sabem que você vai ficar aqui e não querem se precipitar.

— Você fala deles como se fossem pessoas.

— São mais que isso: são superpessoas. Vivem para sempre, buscando leitores.

Não queria decepcionar meu tio, mas também não queria dar falsas esperanças a ele, então falei:

— Talvez eu já não atraia tanto os livros.

— Isso pode acontecer, com certeza. Há crianças geniais que crescem e viram idiotas, e os livros perdem o interesse por elas. Não estou me referindo a você, claro. Acho que os livros estão estudando você.

— Gosto de ler, mas não tanto — comentei. — Prefiro ver televisão, andar de bicicleta ou brincar com a Pinta, minha cachorrinha, ou com o meu amigo Pablo.

— Não interessa: os livros sentem que você pode lê-los melhor que os outros. Um leitor princeps não é o que lê mais livros, e sim o que encontra mais coisas naquilo que lê.

— Sério que sou um leitor princeps?

— Você tem todas as características, começando pelo fato de que as suas orelhas ficam quentes quando você lê. É sinal de concentração.

— Como você sabe que minhas orelhas ficam quentes?

— Tomei o cuidado de tocá-las na última vez que você veio, enquanto lia o seu livro sobre aranhas. De certo modo, estou feliz que sua mãe tenha demorado para aceitar meu convite. Agora você tem treze anos e compreende melhor o que lê. Veremos se os livros ainda o consideram um deles. Há leitores princeps interruptus. Às vezes, alguém nasce com uma grande habilidade para a leitura, mas a vida o transforma num imbecil. Existem idiotas famosos que algum dia foram crianças refinadas.

— Há vários tipos de leitores princeps?

— Muitos. Eu já ficaria satisfeito se você fosse um princeps continuum.

— Como é esse?

Meu tio se desesperou um pouco para responder:

— Como o nome indica, meu sobrinho com cabeça de rolha, o princeps continuum é o que conserva o talento para a leitura durante toda a sua vida.

— E há outros leitores?

— Sim, claro, mas não seja tão ambicioso, nem queira entender tudo. Só o que peço é que você me ajude a encontrar o livro que nunca consegui ler.

— Está na sua casa?

— Sim. Cheguei a tê-lo em mãos, mas nunca consegui recuperá-lo.

— E você já o leu?

— Ninguém o leu. É um caso único.

— Nem o autor?

— Ao que parece, não tem autor. Estou dizendo que é especial.  
— Você sabe ao menos do que se trata?  
— Não posso dizer.  
— Como chama?  
— Não quero contar.  
— Por quê? Isso me ajudaria a encontrá-lo.  
— Isso o ajudaria a encontrá-lo da maneira normal. Quero que você o encontre da maneira secreta. Se você realmente merecer o livro, ele chegará até você. É isso que eu desejo que você faça nos seus dois meses de férias.

E assim descobri por que estava na casa de meu tio.

## *OS REMÉDIOS DA FARMÁCIA*

Eu ficava perplexo com meu tio: mesmo tendo lido tantos livros, ele era incapaz de somar e subtrair.

— Preste atenção, sobrinho — me explicou, sem muita vontade —, um homem bem informado não é um sabe-tudo. Sou péssimo em matemática, esportes, conserto de aparelhos, condução de veículos e localização de iogurtes na geladeira. Isso sem contar geografia, com a qual nunca me dei bem. Se você me largasse na África e me pedisse para ir até a Rússia, eu acabaria no México. O único mapa que domino é o desta casa, e isso me basta.

Sua maneira de lidar com o conhecimento me parecia tão estranha que tive que perguntar:

— Você foi à escola, tio?

— Estudei do jeito normal e entediante até os catorze anos.

Depois, meu pai herdou esta biblioteca e eu comecei a ler tudo fora de ordem. Nunca fui um bom aluno. Detesto estudar por obrigação.

— Eu também — confessei.

— No entanto, tenho grande respeito pelas coisas que não sei. Nesta biblioteca, há livros magníficos sobre assuntos que não me interessam. Não simpatizo com o exército, e as guerras me dão vontade de vomitar. Ainda assim, tudo isso merece ser estudado. Se alguém quer entender como um homem crava uma espada em outro ou faz um sujeito voar pelo ar usando explosivos, pode consultar minhas seções: "Grandes generais", "Estratégias de morte", "Guerras-relâmpago", "Invasões à Rússia no inverno", "Batalhas que terminaram em empate", "Perdedores heroicos" e "Vencedores que fugiram", entre outras que agora não lembro.

— Se você é tão ruim em matemática, como faz para somar?

— Esta casa conta com quarenta dedos básicos: os meus e os de Eufrosia, dos pés e das mãos. Isso resolve as somas e subtrações

mais importantes. Quando a conta fica um pouco mais científica, pedimos a alguém na rua que nos empreste seus dedos para fazer o cálculo. Em casos realmente horríveis, falo com o diretor da faculdade de matemática, que é muito amigo meu. Uma vez pedi a ele que revisasse uma conta de supermercado e ele se surpreendeu com o preço dos brócolis. Ele tem um amigo que vende pela metade do preço, um inventor famoso que mora em um rancho. Mas me perdi. Do que a gente estava falando mesmo?

— Você dizia que um sábio não tem que saber de tudo.

— De fato. Já disse que cada livro escolhe o seu leitor. Nunca fui procurado por livros com números ou fórmulas químicas. Se eu tivesse que atribuir notas a mim mesmo, seriam as seguintes: matemática: zero; física: dois; química: zero; geografia: um (só não me dou zero porque conheço muito bem a minha casa); história: oito; esportes: zero; mitologia e histórias de heróis imaginários: dez; idiomas: dez; fofocas sobre pessoas famosas: dez; ortografia: sete.

O tio Tito se relacionava de uma maneira bastante amalucada com o conhecimento: sabia muito sobre alguns assuntos e quase nada sobre outros.

— Sabe qual é o verdadeiro problema do ser humano? —  
Aproximou seus olhos de mim, redondos como bolas de pingue-pongue.

Não me disse qual era, pois mais uma vez sentiu vontade de ir ao banheiro.

Quando voltou, tive que lembrá-lo sobre o que estávamos conversando.

— Ah, sim. O ser humano tem tudo quanto é tipo de problema, mas há um que me interessa muito: ele não sabe se medir. Um alfaiate mede uma pessoa por fora sem dificuldade nenhuma, mas o homem se complica na hora de medir-se por dentro. Um alfaiate interior nos faz falta. — Colocou um lápis atrás da orelha, se coçou com força e continuou falando. — As qualificações são como um cardápio de restaurante. Sinto tanta vontade de estudar matemática quanto de comer um purê de cenoura. Mereço um zero. Mas, como

you can perceive, in other topics I'm not so bad: I know a lot of myths and legends, I know enough of history, and I speak twelve languages, including the living, the dead and the sick (like the dialect full of curses that the police in the city use). But this doesn't mean I can do much. The qualifications of an intelligent person should be these: ability to connect one idea to another: ten; ability to summarize what you've learned: ten; ability to think for yourself: ten.

My uncle was waiting for some answer. As I said nothing, he added:

— The mind is a machine for thinking. The most important thing isn't to fill it with data, but to learn to use it. Every head is a different machine, so every person needs to use their own method for thinking.

Uncle Tito left me a bit stupid with all that conversation about qualifications. I wasn't even a good or bad student. I liked some things more than others, but I didn't understand very well what it was to "think for yourself". This story of being wise was seeming very complicated!

I missed my friend Pablo. Instead of spending the holidays with him, exploring the mysteries of an abandoned house, I was forced to listen to these weird things from my uncle.

And, for the first time in several days, I missed my father. I was still annoyed with him for leaving, but I remembered the buildings and bridges he helped me build with plastic blocks. He was great at that. When I watched his big, precise hands assemble an entire city in miniature, I felt happy and safe. In his fingers, the most complex structures seemed so easy to build. Besides that, my father never asked weird questions like Uncle Tito; he just helped me play. They were two very different ways of looking at things. Now that I was living with my uncle, I missed the advantages that someone so practical and quiet like my father offered.

Queria descansar um pouco da longa conversa com Tito, então pedi para ir até a farmácia telefonar.

— Perfeito — disse meu tio. — Aproveite e compre umas aspirinas para mim. Há dois dias estou com dor em uma ideia.

Eu me senti muito bem ao sair para a rua, escutar ruídos, ver carros, e me senti ainda melhor quando entrei na farmácia.

Sempre gostei do cheiro de álcool misturado ao de sabonetes e xaropes que todas as farmácias têm. Respirei a fragrância dos remédios e, no meio de tantos nomes esquisitos de cápsulas e comprimidos, enxerguei um par de olhos que me chamou a atenção. Também notei o nariz e o cabelo. Já tinha visto outras meninas bonitas, mas aquela me deu até frio na barriga. Minha garganta se fechou, como se eu tivesse engolido pó.

Adorei vê-la vestida com um jaleco branco. Ficava perfeito nela: não era de sua mãe nem de sua irmã mais velha. Um jaleco sob medida, com o nome dela costurado no bolso: Catalina.

Um idoso tinha entrado antes de mim. Pediu uns dez medicamentos.

Catalina os encontrou rapidamente. Ela se movia com desenvoltura entre caixas e frascos alinhados por tipo.

Comparada com aquela farmácia organizada, a biblioteca de meu tio representava o caos absoluto. Estar na farmácia era como deparar com um lago plácido e tranquilo depois de fugir de uma tempestade.

O idoso pagou com uma nota alta. Catalina puxou uma calculadora e moveu os dedos sobre as teclas com uma velocidade impressionante.

Entregou o troco e ficou me observando com seus olhos cor de mel.

— O que o senhor deseja? — perguntou.

Nenhuma garota tinha me chamado de senhor antes.

Não respondi e com certeza fiquei vermelho de nervoso.

Ela sorriu, e eu reparei que tinha um dente levemente torto. Esse defeito mínimo deixou-a ainda mais bonita, pois a tornou diferente

de qualquer outra menina.

Perguntou mais uma vez o que eu queria.

Até aquele momento, eu achava que já sabia como era uma mulher bonita. O que eu não sabia, e que Catalina me revelou, era que alguém podia ser bonito de uma maneira muito detalhada e particular. Ao vê-la, fiquei encantado com coisas que não sabia que me interessavam: seus dedos magros, por exemplo, e a maneira como ela segurava os objetos.

Tinha acabado de descobrir que era possível pegar um frasco de remédios de maneira bela.

Senti minha cabeça dando voltas.

Não consegui falar. Estava apaixonado.

— Você é mudo? — perguntou minha amada serenamente.

A garota, acostumada a lidar com pessoas doentes, estava disposta a tratar qualquer cliente com naturalidade.

Senti o cheiro da farmácia e então soube que todos os remédios que eu tomasse na vida sempre me lembrariam do momento em que Catalina me olhou com muita atenção, como se eu fosse um macaco perdido, e perguntou:

— Você fala espanhol?

Concordei, como se tivesse engolido uma moeda.

Ela foi até uma caixinha redonda de metal. Pegou uma pastilha vermelha e me explicou:

— Para a garganta.

Chupe a pastilha e então ela disse:

— Agora sim. Já consegue falar?

Não consegui. Voltei a me apaixonar.

— Catalina! — alguém gritou do fundo da farmácia.

— Já volto — ela falou.

Retornou num instante, carregando caixas de esparadrapo suficientes para deixar uma múmia bem alegre.

Segundo o tio Tito, um sábio era aquele que pensava por conta própria. Frente a frente com Catalina, eu não conseguia pensar em

nada. Minha mente parecia ter sido apagada, como se eu fosse uma folha em branco.

— Um gato comeu a sua língua? — ela perguntou.

A pastilha que ela tinha me dado foi parar no fundo do meu estômago. Eu queria me afundar até o centro da Terra, mas um milagre me permitiu falar:

— Quero aspirinas.

— Só? — ela perguntou, como se meu pedido fosse decepcionante.

— E algo para câibras.

— Onde você tem câibra? — inquiriu, muito séria.

Catalina estava preocupada comigo! Expliquei que às vezes acordava no meio da noite com dores horríveis nas pernas.

— Normal — ela disse —, está em fase de crescimento. Você vai ser muito alto — acrescentou. — Toma vitamina?

— Tomo ferro — respondi, e então me dei conta de que não tinha tomado desde que fui para a casa do meu tio.

— Ferro tem gosto de panela — retrucou a garota, com autoridade. — Não recomendo.

Logo em seguida, me entregou um saquinho de celofane com balinhas de anis.

— Isso alivia as dores do crescimento? — perguntei.

— Não, mas tira o gosto ruim do ferro — me informou Catalina.

Ela também me recomendou uma pomada com um nome fantástico que nunca mais encontrei. E então me explicou que eu deveria aplicá-la fazendo movimentos circulares (sua mão traçou círculos no ar).

Paguei e então recebi o troco de suas mãos hábeis, acostumadas a distinguir o valor das moedas pelo tato.

Para minha surpresa, depois ela disse:

— Vi que você saiu da casa da frente. Mora ali?

— Sim, com meu tio.

— Dizem que ele tem muitos livros. Você poderia me emprestar um? Fico entediada quando não aparece ninguém na farmácia.

— Qual livro?

— Você escolhe.

Saí de lá tão contente que nem me dei conta de que não tinha usado o telefone.

Só percebi quando meu tio perguntou:

— E a sua mãe, como vai?

— Acho que vai bem.

— Não falou com ela?

Não respondi. Continuei caminhando entre os livros de meu tio, procurando encontrar algum que Catalina pudesse gostar.

## *CONTROLE SEU PODER*

A comida de Eufrosia era excelente. À tarde, deixava para mim um sanduíche e um copo de achocolatado na frente da lareira. Eu adorava comer essa merenda enquanto assistia à lenha queimando. De acordo com meu tio, o delicioso sanduíche era de presunto de javali. Achei a história um pouco estranha, mas aquilo realmente tinha um gosto diferente de qualquer outra coisa que eu já tivesse provado: era melhor do que uma supersalsicha e mais sofisticado do que um salame italiano. Talvez fosse verdade.

À noite, comíamos frango empanado ou espaguete com um molho que devia ser de tomate, porque era vermelho, mas que também tinha várias ervas finas, o que dava um sabor todo especial. Curiosamente, apesar de eu comer muito mais (e coisas melhores) do que na minha casa, estava emagrecendo.

— É por causa da biblioteca — explicou meu tio. — Este lugar é para grandes andarilhos.

Ele tinha razão. Todos os dias, eu percorria corredores e mais corredores que não acabavam nunca. Como davam muitas voltas, era impossível calcular a sua real extensão. Quando chegava a hora do lanche da tarde, eu já estava com os pés amortecidos.

Várias vezes, tinha que ser resgatado pelo tio Tito, no meio de alguma dessas caminhadas que pareciam não ter fim. Um livro me levava a outro e, quando me dava conta, tinha ido parar num lugar que não conhecia e estava morto de fome ou com vontade de ir ao banheiro. Então eu balançava o sino.

De vez em quando meu tio demorava vários minutos até me encontrar. Quando estava muito ocupado com suas leituras, pedia a Eufrosia que me buscasse. Ela caminhava com lentidão e a espera se tornava insuportável, mas era impossível irritar-se com aquela mulher adorável que me oferecia um biscoito crocante de coco assim

que chegava e me fazia carinho com aquelas mãos que cheiravam a um detergente muito doce.

Consegui memorizar alguns caminhos da biblioteca. Aprendi, por exemplo, que depois da seção "Aves do paraíso" havia a de "Aviões e paraquedistas", e depois da seção "Redemoinhos no mar e nos cabelos" ficava a de "Perucas de cabeças famosas".

Alguns nomes me davam vontade de rir, outros me preocupavam. Um dia, passando pela seção "Pessoas que tosse muito", encontrei um livro chamado *Os que sofrem fumando*. No mesmo instante, me lembrei de minha mãe. O que será que ela andava fazendo? Será que tinha voltado a usar aquele suéter mostarda, com gola alta, que a deixava tão bonita?

Naquela noite, voltei a tomar uma colherada de ferro. Não podia decepcionar minha mãe. Aquela substância escura desceu mal como sempre. Por sorte, eu tinha as balas de anis que Catalina me dera. Pensei em suas mãos finas que, mesmo quando estavam paradas, pareciam dizer algo, algo bom e tranquilo. Bastava olhar para elas para saber que tudo poderia ser melhor.

No dia seguinte, esqueci de tomar o ferro, mas não de chupar a bala de anis.

Meu tio achava que os livros mudavam de lugar, mas ele estava errado. Memorizei vários títulos e o local onde eles estavam, e durante muitos dias encontrei-os na mesma posição.

No entanto, quando comecei a procurar um livro que pudesse agradar a Catalina, algo estranho aconteceu. A seção "Aves do paraíso" continuava no mesmo lugar, mas não encontrei um livro chamado *O frango dálmata*, que normalmente marcava o início daquele grupo. O mesmo aconteceu na seção "Aviões e paraquedistas": passei horas procurando *Bombardeios de chiclete de bola*, que até então era muito fácil de localizar.

O que estava acontecendo? Meu tio dissera que, em minhas visitas anteriores, os livros tinham se mexido. Agora, isso só tinha começado a acontecer depois de eu ter ido até a farmácia. Será que Catalina tinha me impressionado tanto que eu acabei afetando os

livros? Será que eu tinha sido contagiado por ela? Ou será que ela só tinha renovado uma força minha que eu achava que estava perdida?

Tudo era muito estranho e muito interessante ao mesmo tempo.

Percorri os corredores em busca de algum livro que a interessasse. Eu não podia falhar. Precisava encontrar algo muito especial.

Fui até a seção "Cães magníficos". Sempre gostei muito de cachorros. A Pinta era uma pequena maltês, e eu sonhava em ter um labrador que pulasse na cama para dormir comigo.

Fui analisando todos os livros de aventuras com cachorros até deparar com um volume que estava ali por engano, pois não tinha nada a ver com o tema: *Viagem pelo rio em forma de coração*. Abri-o por simples curiosidade, mas ele me cativou logo de início.

Não consegui mais desviar os olhos daquela história. Ela falava sobre dois garotos, Ernesto e Pepe, que se perdiam num bosque, construía canoas com um tronco e decidiam seguir caminhos diferentes para sair de lá. Um ia para o leste, o outro para o oeste, mas o rio tinha forma de coração; por isso, depois de mil peripécias, os dois acabavam se encontrando. Então, um índio os ajudava a construir uma fogueira enorme, feita com os melhores galhos que restaram do outono. O índio explicou que o bosque era tão espesso que nem as águias, com sua incrível visão, conseguiam saber se tinha alguém lá. Aquele ponto do rio era o único suficientemente aberto para mandar sinais de fumaça ao céu. "Aqui é onde bate o coração", explicava o índio, e depois revelava seu nome: Olho de Águia. As chamas da fogueira subiam até o alto e eram vistas pelas águias, que voavam em círculo sobre elas, e logo por um helicóptero, que resgatava os garotos perdidos. Antes de o helicóptero pousar no rio, o índio ensinava Ernesto e Pepe a fazer uma bússola usando galhos e uma pedra; em seguida, desaparecia no meio da floresta.

Naquela tarde, levei o livro a Catalina. Ela não estava, então consegui manter a calma. Deixei com a mãe da garota, uma senhora amável e tranquila.

Também aproveitei para telefonar para minha mãe, que parecia mais sossegada. Sua voz soava mais firme, como se ela estivesse tomando ferro todas as manhãs. Curiosamente, isso me deixou preocupado: parecia que ela precisava menos de mim do que antes.

Contou que tinha pintado o cabelo, o que achei muito estranho.

— Agora você é loira? — perguntei.

— Está louco?! — exclamou e soltou uma gargalhada.

— Não entendi.

— Pinte o cabelo da mesma cor.

Achei aquilo ainda mais estranho. Por que alguém pintaria o cabelo exatamente da cor que ele já era?

— Por causa do cabelo branco — explicou. — Me sinto melhor sem eles.

Após dizer isso, escutei um ruído inconfundível: ela tinha acendido um fósforo. Fez uma pausa para tragar o cigarro. Minha mãe continuava precisando de mim. Soube disso pela maneira como fumava e se engasgava com a fumaça.

— E você, tudo bem por aí? — perguntou, entre um pigarro e outro.

— Tudo bem — menti.

Quando desliguei o telefone, parecia que o aparelho estava cheirando a cinzeiro.

\* \* \*

Após o lanche, meu tio queria jogar um jogo de tabuleiro em que os romanos lutavam contra os cartagineses. Os romanos estavam a pé, enquanto os cartagineses iam montados em elefantes. Preferi procurar outro livro. Voltei à seção "Cachorros magníficos" e de novo deparei com um volume inesperado: *Incêndio no rio em forma de coração*. Os mesmos personagens voltavam ao bosque. Desta vez, uns excursionistas resolviam fazer a fogueira do índio Olho de Águia, mas a montavam no lugar errado, provocando um incêndio terrível. Os veados, as raposas e os ursos correram para se salvar e se refugiaram numa parte onde o rio não era muito fundo e eles podiam ficar dentro da água, com a cabeça para fora. Ernesto e

Pepe tinham que dar uma grande volta para chegar ao local onde o coração do bosque batia e se viram obrigados a percorrer a nado o último trecho do caminho. Quando finalmente chegaram ao local, uma pequena praia na ponta do coração, descobriram que os fósforos que traziam estavam molhados. Por sorte, um deles usava óculos. Aproveitando os raios de sol, utilizaram as lentes como uma lupa para incinerar folhas secas. Assim, conseguiram fazer uma bela fogueira. Desta vez, trabalharam sem a ajuda do índio, que estava preso do outro lado do incêndio. Depois, o helicóptero chegou ao rio e mostrou outro de seus recursos: conseguia coletar água, transportá-la em um compartimento e jogá-la sobre o fogo. Os garotos ajudavam a apagar o incêndio, subiam no helicóptero e viam Olho de Águia ao longe. Ele estava são e salvo, nadando sobre um tronco até a outra margem do rio.

No dia seguinte, encontrei outras histórias passadas no rio em forma de coração em seções da biblioteca que nada tinham a ver com aquele assunto.

Comentei com meu tio sobre isso e ele achou normal:

— Já disse que alguns livros se movem. Algo mudou em você. Quando o conheci, soube que era um garoto que atraía as histórias. Não é qualquer um que faz com que os livros saiam de sua ordem e deem um jeito de chegar até a pessoa. Você tem esse poder, mas deve aprender a usá-lo. Quando a sua mãe o trouxe, você parecia abestalhado. Pensei que tivesse perdido os seus poderes. Você ficou um pouco desnortado na biblioteca. Suponho que estava enfrentando alguns problemas. — Tito me olhou de um jeito muito sério, como nunca tinha feito antes. — Eu compreendo, sobrinho. Também sei como é se sentir só. Às vezes gosto da sensação, mas em outros momentos me canso. Acho que você está recuperando a sua força. Algo importante aconteceu.

Não quis contar com quem eu tinha conversado na farmácia.

— Os livros sentem os seus leitores — continuou meu tio. — Não é qualquer um que merece lê-los. Algo se abriu dentro de você. O

efeito é contagioso. Até mesmo eu deparei com livros que não me lembrava de ter comprado. Sabe o que eu acabei de ler?

— O quê? — perguntei, temendo que ele fizesse outra de suas pausas para ir ao banheiro. Por sorte, minha curiosidade foi saciada imediatamente.

Meu tio abriu o livro de capa azul que tinha chegado alguns dias antes:

— Aqui diz que quando a energia de um leitor é muito forte, pode gerar uma tempestade de livros. Este é o leitor princeps tempestus. As prateleiras se movem em redemoinhos, como um verdadeiro ciclone. Isso aconteceu poucas vezes. Um grego conseguiu esse efeito na Biblioteca de Alexandria; um monge italiano rabugento, na Idade Média; um argentino, na biblioteca da rua México na cidade de Buenos Aires. São casos muito isolados. Normalmente, os livros se movem sem que você perceba. Seus saltos são invisíveis. De repente, estão na sua frente.

— Quem foram esses leitores tempestus? — perguntei, intrigado.

— Eratóstenes foi um bibliotecário de Alexandria que calculou a circunferência da Terra. A Biblioteca de Alexandria era uma das sete maravilhas do mundo. Quanto ao monge medieval, era um homem que rezava de olhos fechados, dando chance aos livros de agirem escondidos. O argentino era cego e não podia ver como esses volumes que conhecia de cor se moviam. Às vezes, os melhores leitores são os que possuem algum tipo de impedimento. Esta biblioteca foi criada por meu pai, que também era cego.

Meu tio me encarou com olhos arregalados, como se eu estivesse muito mais longe e ele tentasse distinguir minhas feições.

— Por que está me olhando assim? — perguntei.

— Sempre olho você desse jeito.

— De vez em quando fico assustado com você me observando tanto.

— Perdão, sobrinho. Realmente é um hábito desagradável. Tenho isso porque já morei com um cego. Eu olhava o tempo todo para meu pai. Encarava-o de forma insolente, porque ele não podia me

ver. As reações dele me interessavam muito. Por exemplo, ele sempre sabia se era noite ou dia, mesmo sem enxergar. Se orientava buscando deixar seu rosto perto da luz de uma janela. Assim podia sentir o calor do sol, e talvez um brilho chegasse até o fundo de seus olhos. Mas às vezes sabia a hora exata sem ter nenhuma forma de orientação. Os cegos têm uma visão interior muito aguçada, desenvolvem bastante a memória, escutam ruídos que se transformam em imagens. Transformam o mundo em um relógio de sons. Eu lia para meu pai e, a julgar pelos seus gestos, ele enxergava as imagens poderosas sobre as quais o livro falava. Me acostumei a analisar todos os seus movimentos. Ele não enxergava e eu o observava demais. Por isso, às vezes fico encarando os outros. Não sou nada discreto. Desculpe.

Essa explicação longa e sincera me surpreendeu.

— Não se preocupe, tio — falei.

— De vez em quando sinto falta de meu pai — ele comentou, com a voz baixa. — Ele me fez gostar de ler e me ensinou que um livro é melhor quando compartilhado. Que bom que agora tenho você aqui! — Sorriu mostrando todos os dentes, como se fosse um cavalo.

Nesse momento, Eufrosia chegou trazendo chocolate quente e pasteizinhos. Meu tio colocou um inteiro na boca e continuou falando. Suas calças logo estavam cobertas de migalhas. Fiz um sinal para que ficasse quieto e comesse tranquilo.

Tito era tão impaciente que tinha se acostumado a ingerir coisas ferventes. Não conseguia esperar a comida esfriar. Ele tomou um gole do chocolate quente e eu tive a impressão de que estava saindo fumaça de suas orelhas. Então ele disse:

— Os livros confiam completamente em leitores magníficos que, além disso, têm visão ruim ou fecham os olhos com frequência. Assim podem se mexer mais, chegando até a provocar tempestades muito fortes. Já ouvi histórias de pessoas que morreram esmagadas por várias enciclopédias. Estou contando tudo isso para que você seja cauteloso. A parte mais difícil de ter um poder é aprender a não usá-lo, ou a usá-lo somente quando necessário. Você atrai os livros.

É um poder muito importante, mas é preciso saber controlar esse dom.

Eu não me sentia nada especial. A única coisa que queria era continuar encontrando histórias sobre o rio em forma de coração para dar a Catalina.

## *A HISTÓRIA QUE UM LIVRO CONTA NEM SEMPRE É A MESMA*

Para que meu tio não suspeitasse de minhas idas à farmácia, comecei a sair escondido.

Esperava os momentos em que ele ia ao quarto das samambaias ou a alguma parte distante da biblioteca e pegava as chaves que Eufrosia deixava pendurada na cozinha.

Catalina gostou tanto de *Viagem pelo rio em forma de coração* que não parou de ler nem quando teve que enfaixar uma senhora que havia torcido a perna. Terminou o último capítulo entre uma injeção e outra.

Sua leitura tinha sido mais inquieta e talvez mais empolgante do que a minha. Também tinha sido um pouco diferente. Fiquei muito surpreso quando ela disse:

— Gostei muito da garota.

Estava quase perguntando “Qual garota?”, mas não queria discordar de Catalina em nada.

— E Ernesto? — perguntei.

— Também, ainda que seja um pouco convencido.

— E Pepe?

— Que Pepe? — foi sua resposta inesperada.

Eu tinha lido a história de dois garotos, Ernesto e Pepe. Já Catalina tinha lido a história de Ernesto e Marina. Talvez estivesse tão distraída vendendo comprimidos e enfaixando pessoas que acabou inventando uma outra história.

Ela me devolveu o primeiro livro e eu lhe emprestei o do incêndio.

— Tem uma coisa na sua cabeça — me avisou quando fui me despedir.

Catalina colocou a mão no meu cabelo e tirou um fio vermelho comprido.

— Parece cabelo de boneco. — Catalina sorriu e eu pude ver seu incrível dente torto.

As cortinas de meu tio eram vermelhas, assim como seu pijama e seu roupão. O fio devia ter se soltado de algum desses tecidos.

— Venha cá para eu ajeitar seu cabelo — ela pediu.

Passou as mãos pela minha cabeça. Foi como se seus dedos estivessem me coroando. Entreguei o livro e voltei à casa de meu tio para reler *Viagem pelo rio em forma de coração*.

Enchi um copo de leite, mas a leitura me cativou tanto que nem cheguei a tomá-lo. O livro tinha mudado! Não era mais a história de Ernesto e Pepe, mas sim a de Ernesto e Marina. E de fato achei que Ernesto era um tanto convencido. Seria possível que eu não tivesse lido o livro com atenção?

Naquela noite, queria conversar com meu tio sobre a estranha modificação da história, mas ele não desceu para jantar.

— Saiu de casa — me informou Eufrosia. — Acabou o chá, e ele não pode viver sem tomar umas quinze xícaras por dia.

Acordei bem cedo, ansioso para falar com meu tio. Ele estava demorando tanto para chegar à cozinha que fui buscá-lo em seu quarto.

Era a primeira vez que eu entrava lá. O quarto ficava na parte mais alta da casa. Os últimos degraus que levavam à porta eram feitos de livros.

Quando entrei, ele ainda estava roncando. Tinha um livro sobre o rosto e as páginas se moviam com os roncos.

Meu pai sempre se irritava quando eu tinha um pesadelo e o acordava à noite. Já o meu tio achou perfeitamente normal que eu estivesse ali querendo falar com ele.

— É bom ter uma conversa matinal — comentou, entusiasmado. — Mas nessas horas sou como um livro em branco. Preciso de chá para que as palavras apareçam.

Desci à cozinha e Eufrosia me entregou uma garrafa térmica. Assim conseguiríamos conversar por algumas horas. Subi outra vez até o quarto. Meu tio continuava afundado na cama, mas me fitou com olhos alertas:

— Abra as cortinas para que o quarto brilhe como uma página de Borges — pediu.

Puxei as cortinas vermelhas e o sol inundou o ambiente.

— Não há prosa melhor que a luz — ele disse.

Falava de um jeito muito esquisito, como se continuasse dormindo.

— O que é prosa? — questionei.

— A arte de juntar palavras que não formam versos. É a forma como eu e você conversamos. Nos comunicamos em prosa, ainda que às vezes façamos algum verso sem querer. O que você ia perguntar?

— Tem como um livro mudar de história quando outra pessoa vai ler?

Contei o que tinha acontecido com Catalina, mas sem mencionar o nome dela.

— O que você me diz é interessante, muito interessante — comentou meu tio, depois abriu a garrafa térmica e o ar foi preenchido pelo cheiro de cachimbo. — Cada livro é como um espelho: reflete o que você pensa. Será diferente para um leitor herói e para um leitor vilão. Os grandes leitores adicionam algo aos livros, os melhoram. Mas poucas vezes acontece o que você me contou. Quando alguém modifica um livro e você consegue percebê-lo, significa que você chegou à leitura em forma de rio. Nenhum rio fica parado, sobrinho, suas águas estão em constante movimento.

— Isso aconteceu alguma vez com você?

Meu tio desviou os olhos, algo que nunca fazia. Fitou um canto do quarto de um jeito bem incômodo e disse com uma voz estranha:

— Há muito tempo. Eu era jovem, querido sobrinho, e ela também. Mas fiquei assustado com a maneira como as histórias mudavam diante dos meus olhos.

— Transformavam-se em histórias de terror?

— Não, ficavam mais interessantes, mas fiquei assustado com o poder dela. Pareceu algo forte demais, incontrolável, então parei de encontrá-la. Muitos anos depois, ela começou a trabalhar como professora em uma universidade famosa. Me mandou um cartão-postal e eu me arrependi de ter tido medo dos poderes dela enquanto leitora. Logo em seguida, me casei com uma mulher que não amava os livros e precisei me separar. Por isso fiquei sozinho nesta biblioteca. Bom, agora estou com você. — Era a segunda vez que dizia isso em pouquíssimo tempo.

A história de meu tio me encheu de tristeza. Ele também se entristeceu, pois disse:

— Vamos até a cozinha pegar uns biscoitos de coco. Temos que adoçar esse dia que ficou amargo.

Quatro dias depois, fui buscar o segundo livro que havia emprestado a Catalina. Respirei o aroma da farmácia de que tanto gostava. Ela estava ocupada com uns clientes, então decidi pegar o telefone e ligar para minha mãe antes.

— Juancholoncito! — ela exclamou. Eu morria de vergonha quando ela me chamava desse jeito.

Senti que tinha ficado vermelho. Nesse momento, Catalina me olhou e tive vontade de ficar invisível. Ela me cumprimentou de longe, despreocupadamente, e mostrou o livro que havia separado para me devolver.

Minha mãe estava com a voz alegre, tinha até me chamado por esse apelido ridículo.

Então, algo estranho aconteceu. Sempre que eu pensava em minha mãe, sentia vontade de estar com ela. Imaginava que eu a ajudava e ela ficava feliz. Agora, pela primeira vez, conversei calmamente e nem sequer me preocupei se ela estava fumando ou não, como se os problemas dela não fossem meus. Desliguei o telefone e me aproximei de Catalina.

Escutei-a listando uns nomes esquisitos de vacinas. Depois, ela se virou na minha direção, contente de me ver.

— Este livro é ainda melhor!

Não fiz nenhum comentário e voltei até a casa de meu tio, morrendo de vontade de reler a história.

Catalina havia adicionado detalhes maravilhosos à aventura. Ernesto e Marina conseguiam fugir por uma trilha em chamas, como se fosse um túnel de fogo.

No início, Ernesto não tinha coragem de correr pelo túnel, mas ela o pegou pela mão e isso o encheu de confiança.

Marina tinha um caráter agradável e decidido. Ernesto, que antes parecia um tanto presunçoso, agora se comportava como um homem simples e ajudava Marina a sair de um buraco onde ela tinha caído. Tirava a camisa, molhava-a na água e a entregava a Marina para que ela limpasse a lama do corpo.

No fim, quando já estavam a salvo, nadavam na água fria. Marina, brincando, fingia que era um peixe e dava uma mordida em Ernesto.

Naquela noite, sonhei que estava em um rio.

## *OS LIVROS DE SOMBRAS*

Até agora, ainda não tive coragem de escrever sobre algo muito forte que senti naqueles dias. Apesar de já ter se passado muito tempo, vou dar um jeito de contar tudo da maneira como aconteceu, durante as férias mais especiais de minha vida.

Fui até a seção “Cães magníficos” procurar mais histórias do rio em forma de coração. No entanto, não encontrei nenhum livro da série. Alguns volumes me chamaram a atenção, com títulos de aventuras e ilustrações coloridas, mas a única coisa que eu queria era voltar ao bosque onde Ernesto e Marina viveram suas aventuras.

Existiriam outras histórias do rio? Como eu poderia encontrá-las? Será que elas chegariam até mim por conta própria?

A estadia na casa de meu tio estava sendo mais interessante do que eu tinha imaginado. Ainda assim, de vez em quando ele parecia um pouco triste, como se estivesse arrependido de ter passado tantos anos sem outra companhia além de seus gatos e livros. Eu também me sentia desconfortável quando ele me observava de olhos arregalados, como se esperasse algo de mim. Eu gostava de ser um leitor princeps porque nunca antes tinham me elogiado desse jeito, mas tinha medo de decepcionar meu tio. Talvez meus poderes de leitor não fossem tão intensos quanto ele imaginava.

Durante as primeiras semanas, percorria quase sempre os mesmos lugares da biblioteca. Havia tantos livros e tantos aposentos que me perdia com facilidade e tocava o sino para ser resgatado pelo meu tio.

A biblioteca era mais extensa do que eu havia percebido, mas eu não ousava me afastar demais. E se eu chegasse a um local tão distante que o toque do sino não pudesse ser ouvido? Mesmo assim, sempre me perguntava sobre o que existiria nos cantos mais

remotos da casa. Livros de terror e de magia negra? Textos sobre crimes escritos com sangue?

Como meu país favorito era a Austrália, também pensava que talvez existisse algum lugar agradável e distante na biblioteca, uma Austrália dos livros, um local aonde poucos chegam a ir. Haveria ali livros raros e fascinantes, como o coala, o canguru e o ornitorrinco?

Certa tarde, me atrevi a me afastar um pouco mais que o normal. Segui um longo corredor coberto por um tapete cor de vinho. Avancei até sentir um cheiro estranho. Mais que um aroma, o que chegava até mim era uma sensação de confinamento, como se ninguém tivesse entrado e respirado ali havia muito tempo, como se tudo estivesse em silêncio, profundo silêncio, até a minha chegada, até meu nariz transformar aquele cenário. O local cheirava a livros antigos que não pareciam estar guardados, e sim presos. Peguei o mais próximo, e uma nuvem de pó saltou na minha cara. Era um pó denso, parecido com migalhas de pão. Dei uns passos a mais e o cheiro de confinamento ficou mais forte. Não tive coragem de continuar respirando aquele ar denso e morto.

Voltei bastante atordoado e não quis jantar. Perdi o apetite depois de engolir tanto pó.

Naquela noite, o sonho escarlate voltou. Caminhava novamente por um corredor úmido e escuro na direção do quarto onde uma mulher chorava. Mais uma vez minhas mãos se tingiam de sangue ao tocar as paredes.

Acordei de madrugada, empapado de suor. Estava com muita sede, mas fiquei com medo de ir à cozinha no meio da noite. Fiquei na cama, tentando me acalmar.

Pensei no corredor por onde tinha passado à tarde e em seu tapete cor de vinho. Comparado com meu pesadelo, aquele lugar não era tão horrível. Tratava-se de um lugar isolado, cheio de livros velhos confinados, apenas isso.

Não gostei do cheiro de lá e me senti incomodado, mas eu poderia suportar a situação. Além disso, eu tinha muito medo das portas trancadas. Atrás delas talvez não houvesse nada, mas, em minha

imaginação, ali existiam coisas horríveis, como o sangue que inundava o quarto escarlate.

Concluí que se eu me atrevesse a percorrer toda a biblioteca deixaria de ter medo dos cantos desconhecidos da casa, e talvez também pudesse me livrar do sonho escarlate.

Se tivesse coragem de entrar em todos os cômodos, não teria razão para temer nenhum quarto, nem mesmo um que já tinha feito parte de meus pesadelos.

No dia seguinte, comentei com meu tio que algumas partes da casa cheiravam a coisas fechadas.

— Você tem razão, meu sobrinho. A ventilação não é o ponto forte desta casa. Há pequenas janelinhas no teto para que o ar circule. A maioria está fechada para impedir a entrada de ar poluído e de pássaros aventureiros. Mas você pode abri-las, se sentir falta de oxigênio.

— Como?

— Nesta cidade, o vento sopra de norte a sul. Nas paredes que dão para o norte, há cordas para abrir as janelinhas.

— Como vou saber quais paredes estão nessa direção?

— Se você não entende de geografia, deixe para lá. Sempre que vir uma corda, puxe-a.

Fui até o corredor do tapete cor de vinho. Entre duas estantes, consegui distinguir uma corda bem esfiapada. Puxei-a e ela se despedaçou entre os meus dedos, de tão velha que estava.

Mais adiante, encontrei outra corda e também a puxei. Depois de alguns segundos, senti uma brisa suave. A atmosfera mudou por completo, sendo tomada por um frescor invisível, e me senti mais tranquilo. As coisas já não pareciam estar confinadas, agora pareciam guardadas.

Segui em frente, sem me aventurar demais, pois ainda não estava completamente confiante. Abri outras janelinhas quando me pareceu necessário e pesquisei em várias seções e estantes, mas não encontrei nenhuma outra aventura do rio em forma de coração.

Ganhei coragem para percorrer a biblioteca, mas fui ficando de mau humor porque não conseguia encontrar o que procurava. Examinei as estantes de diversas formas. Primeiro, curioso; depois, desesperado; por fim, ansioso.

Estava com dor nos pés e morrendo de fome quando me dei conta de que tinha me perdido. O que eu mais temia acabava de acontecer. A coragem tinha feito com que eu me descuidasse. Tio Tito me aconselhara a aprender a administrar minhas forças, mas entendi isso tarde demais.

Balancei o sino por um tempão, mas de nada adiantou.

Estava em um cômodo com teto de abóbada. Lá no alto, tive a impressão de ver uma pomba pintada, ou talvez fosse uma mancha esbranquiçada causada pelo salitre. O quarto tinha quatro portas, e eu não reconheci nenhuma delas.

Em outras ocasiões, eu já tinha me perdido sem que isso fosse um problema, pois não tinha me afastado muito da sala e da cozinha.

— Tio Tito! — gritei.

Os livros absorveram minhas palavras. Eram tantos e tão grossos que sugavam qualquer barulho.

— Eufrosia! — gritei, mas também não fui ouvido.

Não adiantaria nada gastar minhas energias gritando. O que Ernesto e Marina teriam feito em uma situação como aquela? Eles se orientavam com facilidade pelo bosque, e, de certa forma, a biblioteca era um bosque: as folhas dos livros vinham das árvores. Como meus heróis teriam saído de um um bosque escrito?

Se eu fosse personagem de uma história e estivesse na página 65, o que faria para chegar ao próximo capítulo?

Pensar nisso me ajudou a não entrar em desespero. Como havia quatro portas, pensei que cada uma representava uma direção no mapa: norte, sul, leste e oeste.

Fui até a porta que, para mim, representava o oeste. Abri-a e deparei com um grande salão. Para o meu assombro, ali não tinha livros, mas sim cabeças de animais. Um de meus tios tinha sido um caçador famoso.

Havia cervos, carneiros, javalis, coiotes, lobos e um urso. Eu teria preferido ver esses animais no bosque das histórias (menos o urso e o lobo, que tinham caninos enormes). De qualquer forma, admirei a beleza daqueles animais selvagens. Alguns cervos tinham grandes cornos ramificados. Meu tio havia me dito que era possível medir a importância de um corno com base no número de pontas que ele tinha. Contei todas, havia catorze. Quem ousaria matar esse rei dos cervos? Fiquei envergonhado de que alguém da minha própria família houvesse tido coragem de fazer isso um dia. Os olhos do cervo eram de vidro preto. Seu pelo cinza ficava mais escuro abaixo dos olhos, seguindo um traço parecido ao de uma lágrima ou de um sinal de interrogação. Isso dava um aspecto triste ao animal, como se ele tivesse chorado. Achei que a saída não deveria estar por ali, então decidi ir a outro aposento.

Fui então até a porta que, para mim, representava o leste. De novo, cheguei a um cômodo que não tinha livros. Um quarto vazio. Aproximei-me de uma das paredes. Estava repleta de manchas de umidade. O salitre cobria a superfície com bolhas grossas. Se colocassem livros ali, ficariam arruinados. Por que não chamavam um encanador? A casa era mais estranha do que eu imaginava.

Nesse cômodo, havia estátuas de pessoas lendo. Pelas roupas que vestiam, entendi que se tratavam de homens de uma época muito antiga. Na base das estátuas, encontrei coisas escritas em idiomas desconhecidos.

Por um momento, imaginei que aqueles homens tinham se petrificado na biblioteca. Talvez aquele lugar fosse um estranho museu de leitores.

O pé das estátuas me fez espirrar, então decidi ir para outro lugar.

Abri a porta sul e coloquei o rosto para dentro, mas preferi não entrar naquele aposento repleto de livros pequeninos, como se a biblioteca tivesse encolhido ali. Fiquei preocupado de ver tantos volumes em miniatura, com uma letra do tamanho do olho de uma formiga! Como seria difícil ler todos aqueles livros! Se naquele lugar houvesse um exemplar das histórias do rio, ele teria se destacado na

estante como um gigante entre duendes. Era melhor procurar em outro lugar.

Decidi ir até a porta norte, a última que me restava. Dessa vez, não fazia ideia do que tinha lá dentro, porque o quarto estava um breu. Nunca tinha deparado com nada tão escuro. Meus olhos se encheram de ar negro. Levantei um dedo em frente ao meu olho e não consegui enxergá-lo.

Dei um passo, depois outro, e então fiquei com medo de me perder. Ao fazer meia-volta, percebi que tinha cometido o erro de fechar a porta, e agora não podia mais vê-la! Fui avançando na direção que me parecia levar à saída. Toquei a parede, mas minhas mãos não encontraram nenhum sinal da porta nem da maçaneta. Aquela parede era desesperadoramente lisa.

O que fazer? Meu coração batia forte. Fiquei um tempo em silêncio, escutando minha respiração.

De repente, senti um cheiro agradável, como se passasse ali uma leve corrente de ar. Se havia fluxo de ar, isso significava que, em algum lugar, havia uma janela.

E que cheiro era aquele? Era o cheiro dos lençóis de minha casa. Um cheiro limpo que me deixava alegre.

Fui andando nessa direção, mas paguei caro pela minha escolha. Bati contra algo muito sólido. Tateei o objeto: era uma estante. Acaricieei a lombada de um livro, uma lombada suave, feita de pele. Apesar de não poder enxergar nada, abri o livro e passei as mãos pelas páginas. Senti o relevo da escrita para cegos. Toquei pontos e riscos pequenos. Esses deviam ser os livros de meu tio-avô, pai de Tito, que ficara cego. Por isso o quarto era escuro.

A penumbra daquele ambiente não era causada por algo maligno. Para o meu tio-avô, aquele era, com certeza, um lugar agradável e tranquilo, onde podia ler livros que o transportavam a mundos brilhantes e coloridos.

Essa ideia me tranquilizou, e com isso consegui continuar avançando por entre as estantes.

De vez em quando, eu parava para tocar em algumas páginas, pelo puro prazer de fazer isso. Meus dedos deslizavam sobre as letras para cegos. Tentei imaginar o que esses riscos significavam para alguém que soubesse ler com o tato: batalhas, travessias no deserto, dragões cuspidos fogo, barcos prestes a naufragar.

Estava fazendo isso quando escutei um ruído. Um livro caiu em algum lugar. E logo depois outro. Haveria mais alguém ali?

Gritei o mais alto que consegui. Os livros sugaram minhas palavras e o cômodo ficou em silêncio outra vez. Não se ouvia o menor sussurro.

Fiquei apavorado, como se a parede do meu sonho estivesse no fundo do aposento. Será que eu havia entrado dentro do meu pesadelo? Tinha decidido percorrer todos os cômodos da casa para me esquecer do quarto escarlate, porém agora me sentia preso nele. Por que tinha criado tanta coragem a ponto de ir tão longe? E se de repente eu ouvisse o choro de uma mulher? Tapei os ouvidos.

Depois me sentei no chão, incapaz de fazer qualquer movimento. Fiquei assim por um bom tempo.

De repente, senti algo em minha nuca. Uma folha de livro. E o mais assustador era que não era uma folha imóvel. Era uma folha que tinha se mexido. Pude senti-la como uma carícia.

Senti que naquele momento alguém estava prestes a me matar e me lembrei de todas as coisas que nunca mais veria. Minha irmã Carmen e o sorriso de minha mãe, meu pai, meu curioso e querido tio Tito, Pablo, meu grande amigo, e, depois, com um forte arrepio, pensei em Catalina e seus olhos cor de mel, que faziam com que eu me sentisse pequeno quando me olhavam. Sentado na escuridão, cercado por um perigo desconhecido, percebi que perderia muitas coisas se não saísse daquele aposento.

Levantei um pouco amortecido por ter ficado tanto tempo sentado. Tive a impressão de sentir uma rajada de ar limpo à minha direita. Fui nessa direção.

Outro livro caiu perto de mim, e depois outro. Quem os atirava? O que diabos estava acontecendo?

Pensei que estava ficando louco. Então me lembrei de algo que meu tio Tito havia dito: quando os livros sabem que não estão sendo vistos, podem provocar uma tempestade. Desta vez, eles não deslizavam de forma discreta, sem que eu percebesse; se jogavam e saltavam por todas as partes.

Os livros se mexiam do jeito que achavam melhor. Agiam conforme suas próprias regras, mas não necessariamente contra mim. Talvez estivessem se divertindo. Acalmei-me um pouco e assim consegui enfrentá-los melhor.

Precisava me apressar e chegar à saída antes que os livros conseguissem bloqueá-la. Caminhei o mais rápido possível, pulei sobre exemplares, pisei em alguns deles e pouco a pouco fui entendendo o que estava acontecendo. Abaixo dos meus pés, os livros se organizavam em degraus. Não queriam impedir minha saída, e sim me ajudar.

Subi uma longa distância usando os livros como degraus. Pensei que daria com a cabeça no teto, mas o cômodo era muito alto, talvez o mais alto da casa toda.

Já estava exausto de subir tanto quando senti algo muito agradável: um vento fresco no rosto. Havia uma janela logo ali.

Minhas mãos conseguiram encostar na parede. Tateei com cuidado a superfície até encontrar um buraco. Coloquei a cabeça para ver melhor. O buraco dava para um túnel estreito. Ao fundo, reconheci um pequeno círculo pálido: o céu.

Entrei no túnel, que era apenas um pouco mais largo que meu corpo, e rastejei.

Depois de alguns minutos, cheguei ao final do percurso. Olhei para baixo e vi o jardim. Nunca tinha estado em um lugar tão alto naquela casa. Coloquei as mãos para fora e toquei em algo metálico. Uma escada vertical, como aquelas dos barcos. Podia descer por ali.

Assim descí até o jardim. Estava assustado com minha aventura, com a cabeça cheia de ideias confusas, mas não consegui pensar em nada, porque logo escutei a voz de meu tio.

— Faz cinco xícaras de chá que estou esperando você! — comentou, sorridente. — Vejo que você descobriu o quarto da sombra. Meu pai se fechava lá. Gostava de ficar a sós, no escuro, sem que ninguém o incomodasse. De vez em quando eu o acompanhava, com um livro e uma lanterna. Esse livro que você traz deve ser dessa época.

— Que livro? — perguntei, surpreso.

— O que está saindo para fora do bolso do seu casaco.

Olhei para os meus bolsos para entender do que ele estava falando. Para minha enorme surpresa, notei que um livro tinha ido parar ali.

Mas o que realmente me impressionou foi o título: *Um achado no rio em forma de coração*.

## *O LIVRO SELVAGEM*

Nunca tinha visto meu tio no jardim. Ele caminhava pela grama de um jeito curioso, como se tivesse medo de esmagá-la.

Não me surpreendi quando ele disse:

— Chega de ar silvestre. Vamos para casa.

Foi até a porta que levava à estufa.

Eufrosia tinha deixado ali uma garrafa térmica com chá, um copo de achocolatado e sanduíches de presunto de javali.

Contei ao meu tio o que tinha acontecido.

— Você precisa recuperar as forças depois dessa aventura — comentou. — Está avançando bastante. Já conheceu o cômodo dos animais empalhados e o das estátuas. Você chegou lá antes do que eu imaginava. Viu as fotografias?

— Que fotografias?

— As da família. Estão coladas na parede, no salão das estátuas. Ficam no canto.

— Não vi.

— Entendo. As estátuas são mais chamativas. De qualquer forma, recomendo que você fique mais atento. Às vezes os segredos se escondem nos pequenos detalhes.

— E quem caçou os animais?

— Nossos antepassados foram grandes caçadores. Eram pessoas muito primitivas que pensavam que matar podia ser um esporte. Eu prefiro as aventuras em que ninguém sangra.

— Nas histórias do rio, às vezes acontece algum acidente e um personagem se corta e sangra — comentei.

— Isso não tem problema. As aventuras do rio se passam em um bosque perigoso. O sangue que me incomoda é aquele que escorre na vida real. Ainda bem que há gente como a sua amiga da farmácia, que enfaixa e faz curativos nas pessoas.

Fiquei perplexo. Eu achava que minhas visitas a Catalina eram um segredo.

— Quem disse que eu tenho uma amiga na farmácia? — perguntei.

— A fonte de informações desta casa: Eufrosia.

— Que fofoqueira!

— Ela só quer o seu bem. Me contou que a menina em questão se chama Catalina, é muito bonita e adora livros. Pelo que sei, você emprestou alguns da biblioteca a ela.

Pensei que meu tio ia me repreender, mas ele falou, com bom humor:

— Não se sinta mal. Os livros existem para serem compartilhados. Além do mais, é sempre bom ter alguém capaz de aliviar nossas dores com pomadas e comprimidos por perto. Por sinal: há quanto tempo você não toma ferro? Sua mãe me deixou com a responsabilidade de garantir que você tome.

— Não preciso mais — retruquei. — Não senti mais câibras.

Pensei que ele iria me obrigar a continuar tomando aquelas colheradas asquerosas do xarope negro. Em vez disso, falou:

— Você está amadurecendo, sobrinho. Além do mais, não sei por que inventam xaropes de coisas que podemos comer na forma natural. Quem precisa de ferro que coma espinafre ou um bom bife de fígado. Ou, se estiver muito desesperado, que chupe uma faca. Às vezes a ciência exagera nos oferecendo pílulas e xaropes para tudo. Daqui a pouco, vão inventar um xarope de livros e vão concentrar todas as histórias em uma só colherada.

Mais uma vez, Tito se desviava do assunto. Era muito trabalhoso para ele manter o fio da meada.

Tomei um delicioso gole de achocolatado e perguntei:

— Por que você tem estátuas em casa?

— Pelo mesmo motivo que tenho animais empalhados: são bonitas e não tive coragem de me desfazer. Meu tataravô encomendou-as, ao estilo grego. São estátuas de grandes leitores. No início, havia uma estátua em cada cômodo da casa, como uma

espécie de guardião. Mas eram assustadoras. Imagine acordar no meio da noite, sentir vontade de fazer xixi, sair da cama e ver um enorme homem de mármore. É um susto e tanto. Por isso, mandei todas as estátuas para o Salão dos Leitores. Se alguém tiver interesse em conhecer o rosto das primeiras pessoas que leram por prazer, pode visitar aquele aposento. Também recomendo que você vá lá ver as fotografias da família. Vai encontrar pessoas que conhece... e, por sinal, como foi com os livros de sombra?

— Eles se mexeram.

— Sério? Por que não falou antes? E a gente aqui falando sobre chupar facas!

Meu tio aproximou o rosto do meu. Fazia alguns dias que não se barbeava e seus pelos pareciam arames farpados. Ele cheirava a lençóis usados. Foi um alívio quando se afastou e perguntou, mais calmo:

— Se moveram muito ou pouco?

— Muito.

— Como se movem as víboras, sem que você as veja na grama, ou como uma tempestade?

— Nenhum dos dois.

— Pode descrever o que aconteceu? — Ele me passou um sanduíche. — O presunto de javali ajuda a esclarecer as ideias. Mastigue e engula um naco. Aguardo ansioso.

O sanduíche estava saboroso como nunca. Aquilo era mais leve e apetitoso do que o melhor salame.

— Então? — ele perguntou.

— Primeiro achei que os livros estavam caindo.

— Como a água da chuva ou como uma cachoeira?

— Caíam um por um.

— Queda de pedras! — exclamou meu tio, muito seguro do que falava.

— A primeira coisa que pensei foi que queriam me esmagar.

— Como se esmaga uma formiga? Ou como alguém lhe golpeando com um travesseiro? — Meu tio queria saber todos os detalhes.

— Esmagar como se tudo estivesse tremendo e fosse desabar.

— Terremoto de livros! Fazia muito tempo que isso não acontecia.

Precisam de uma sacudida bem especial para se comportar dessa forma. E então, o que aconteceu?

— Fui tropeçando neles até que os livros começaram a se organizar.

— Você quer dizer, querido sobrinho, que os livros foram se movendo de forma coordenada?

— Sim.

Parecia que os olhos de tio Tito estavam prestes a saltar de seu rosto.

— Tem certeza? — perguntou, e ficou com a boca escancarada, como se quisesse comer a minha resposta.

— Sim — eu disse, e ele cerrou os lábios como se tomasse um comprimido.

— Quero que você se lembre de que sou o seu tio Ernesto, também conhecido como Tito, e prometi à sua mãe que iria cuidar de você. É muito importante que me conte a verdade, pois isso pode ter consequências muito grandes.

— Estou falando a verdade.

— Acredito, sobrinho, não duvido de você. É só que... há coisas difíceis de comprovar. — Tomou um gole de chá com tanto nervosismo que acabou derramando um pouco da bebida nas calças.

Estava tão interessado em minha história que não ficou furioso ao manchar a calça de chá. Observou-me com muita atenção, como se eu fosse um peixe difícil de localizar no fundo de um aquário, e perguntou com uma voz baixa, mas intensa:

— Sabe o que eu acho?

— Não.

— Que os livros leram você.

— Como assim?

— Há pessoas que acham que entendem um livro só porque sabem ler. Eu já disse que os livros são como espelhos: cada pessoa encontra neles aquilo que está em sua própria mente. O problema é

que você só descobre que existe isso dentro de você quando lê o livro certo. Os livros são espelhos indiscretos e arriscados: fazem com que as ideias mais originais saiam da sua cabeça e trazem à tona outras novas, que você não sabia que tinha. Quando você não lê, essas ideias ficam presas dentro da sua cabeça e não servem para nada.

— Nos livros, também aprendo sobre coisas que nunca tinha pensado antes — eu disse.

— Claro. Um espelho mágico também é uma janela: lá você vê seus pensamentos, mas também outras coisas. Conhece ideias diferentes e viaja a outros mundos. Um livro é o melhor meio de transporte: leva você a lugares distantes, não polui, é pontual, barato e não causa enjoo.

— Mas o que eu tenho de especial para os livros? Nem bom aluno eu sou!

— Querido Juan, você não precisa ser uma pessoa muito aplicada para se tornar um grande leitor. Meus livros sentem que você pode amá-los como ninguém e que pode compartilhá-los com alguém de quem gosta muito, como a menina da farmácia, que tem olhos tão bonitos.

— Eufrosia falou que ela tem olhos bonitos?

— Nem sempre dá para acreditar no que dizem os noticiários. Precisei de aspirinas e fui à farmácia por conta própria. Catalina tem olhos lindos. Mas também tem olhos profundos. Ela melhorou a história que você leu, *Viagem pelo rio em forma de coração*, não foi?

— Sim.

— Uma leitora ideal! Agora, me conte uma coisa. Isto é sério, então não se engane na hora de responder. Você falou que os livros se moveram de forma ordenada. Pode dizer exatamente o que foi que eles fizeram?

— Formaram degraus.

— De-graus! — meu tio separou as sílabas da palavra, tomado de admiração.

— Sim.

— De escada?

— São os únicos degraus que conheço.

— Claro. A emoção me deixa um pouco pasmo. Quantos degraus?

— Não contei. Subi por eles até chegar ao teto do quarto.

— Você chegou ao teto?

— Foi assim que consegui sair pela janela.

— Claro, claro... — Meu tio começou a andar em círculos. Passou por uma samambaia da estufa. Sem se dar conta, arrancou uma folha. Pegou-a como se fosse uma espada e a colocou na frente do peito. — O que aconteceu nesta biblioteca foi algo totalmente inédito. Você é muito especial.

— Para mim, continuo o mesmo de sempre.

— Isso quer dizer que você é ainda mais especial. As pessoas que assumem ares de importância não são especiais, só arrogantes. Os gênios são pessoas simples: não acham que são geniais.

— Não sou um gênio, tio, sou o seu sobrinho.

— Não quero deixar você atordoado com tantos elogios. Você é bom e simples e gosta de presunto, como aqueles grandes leitores que agora são estátuas, ainda que eu não saiba se eles comiam presunto.

— Não quero ser uma estátua, tio.

— Nem precisa. Você vai ser algo muito melhor.

— O quê?

— O domador de *O livro selvagem*.

Meu tio continuou boquiaberto, impressionado com as próprias palavras. Seria possível enfiar um sanduíche inteiro dentro da boca dele. Porém, como a minha curiosidade era maior do que a vontade de aprontar, pedi:

— Você pode me explicar melhor?

— Tem muita coisa para ser explicada.

— O livro que você estava procurando se chama *O livro selvagem*?

— Esse é o título, sobrinho. Não tinha contado para ninguém.

— Fale mais sobre isso.

— Antes de mais nada, é preciso dizer que é muito raro que os livros se movimentem de forma ordenada. Mais estranho ainda é que montem degraus. Isso quer dizer que eles se colocam aos seus pés e estão dispostos a levantá-lo até onde você precisar ir. Sempre encontrará um livro que o apoie. Os livros são leais. Nenhum soldado lutou tanto pela sua pátria como um livro pelo seu leitor.

— E não existem livros maus?

— Curioso você me perguntar isso. Sim, sobrinho, há livros ruins, péssimos. Não estou falando dos livros mal escritos ou ridículos, dos livros tristes escritos por pessoas que sofreram inutilmente, dos livros feitos por idiotas que só queriam ser famosos. Não, me refiro a livros que causam danos e atacam outros livros. Não é fácil reconhecê-los, pois são astutos e escondem sua verdadeira mensagem. Se você os lê, podem parecer agradáveis, mas fazem com que você se esqueça do que os outros livros dizem. Os grandes leitores não se deixam enganar, porém, às vezes até eles são contaminados com esse veneno feito de esquecimento e más intenções. Preciso confessar algo.

Engoli um pedaço de sanduíche sem mastigar.

Meu tio continuou:

— Há livros malignos nesta biblioteca. É preciso estar prevenido. De vez em quando, aparecem disfarçados de livros úteis, como os dicionários ou os volumes de receita. Mas isso não era a coisa mais importante que eu queria dizer.

Tito alçou a folha de samambaia e exclamou:

— Estas férias serão decisivas para a sua vida!

“Estão sendo tão complicadas que nem parecem férias”, pensei comigo mesmo, mas não tive coragem de falar.

Logo em seguida Eufrosia entrou na estufa.

— Que calor está aqui! Vão querer jantar frango ou pizza?

— Como você ousa nos interromper por isso? — meu tio retrucou, furioso. — Estávamos prestes a mencionar algo que pode mudar a história da humanidade e você chega falando de pizza! Uma pizza é

um círculo de farinha quente coberto de molho. Qual a importância disso para nós?

— Eu quero pizza — comentei.

Meu tio mudou completamente de opinião.

— Perfeito, sobrinho, como quiser! — E desviou o olhar na direção de Eufrosia. — Você continua aí? Precisamos de pizza!

A adorável mulher saiu da estufa resmungando.

— Como é *O livro selvagem*? — ousei perguntar.

— Não sei. Já disse que nunca o li.

— Ninguém nunca o encontrou?

— Está perdido na biblioteca. Meu tataravô o teve em mãos, assim como meu bisavô, meu avô e meu pai. Nenhum deles conseguiu lê-lo. Escapou de todos. É um livro rebelde, que só aceita ser lido quando alguém consegue domá-lo, como um cavalo selvagem que de repente aceita seu cavaleiro.

— E ainda está na biblioteca?

— Com certeza mudou de lugar, mas é impossível que tenha fugido.

— Como você sabe?

— Porque ele está procurando você.

Naquele momento senti um redemoinho sob meus pés. Estava muito cansado de tudo que tinha acontecido com os livros de sombra. Fechei os olhos e não me lembro de mais nada.

Nunca tinha me ocorrido algo desse tipo. Acordei alguns minutos depois.

Meu tio e Eufrosia tinham me carregado até a mesa da cozinha. A cozinheira colocou um pano úmido na minha testa e me fez cheirar uns sais aromáticos.

— O que aconteceu? — perguntei, enxergando as mãos de Eufrosia, vermelhas de tanto lavar pratos e de trabalhar perto do fogo.

— Você me reconhece? — perguntou meu tio.

— Claro que sim.

— Vamos ver: meu nome é Tati, Tito ou Toti?

Como era possível que alguém tão inteligente fosse tão infantil?  
Para perturbá-lo, respondi:

— Você é minha tia Tati.

— Não pode ser! — uivou. — Meu sobrinho do coração ficou pirado! Estávamos quase decifrando o enigma de *O livro selvagem*. Que azar! E agora o que vou dizer para a sua mãe? Só falta nascerem penas em seu corpo, ou, pior ainda, só falta você querer cantar e dançar na televisão como uma marionete! Você se transformou em um cantor idiota?

Fiquei com tanta pena de vê-lo assim que falei logo em seguida:

— É brincadeira, tio Tito.

Então ele beijou minhas bochechas e acariciou meu cabelo de um jeito muito estranho, como se estivesse secando um prato. Pelo visto, não estava acostumado a fazer carinho nas pessoas. Isso me lembrou de minha mãe, que me tocava como se ela fosse uma especialista em fazer as pessoas se sentirem bem. O coitado do meu tio nunca teve ninguém que o tocasse assim. Para ele, fazer carinho em alguém era tão complicado quanto abrir uma caixa-forte.

Não fiquei surpreso quando ele disse:

— Fico tempo demais sem companhia, meu sobrinho. Por isso pedi à sua mãe que deixasse você aqui por um período. Acreditava nos seus poderes, mas não sabia que eram tão fortes. Os livros têm se mexido, e você acaba de passar pela prova da escuridão: aproveitaram para se organizar e, mais do que isso, montaram uma escada. Você é o amo deles. Eles o ajudarão a encontrar *O livro selvagem*. Se conseguir domá-lo, poderá ler a história que eu sempre quis ler.

— Quem escreveu esse livro?

— Não sei. Os livros são mais importantes que os autores. Os melhores parecem que se escreveram por si sós. *O livro selvagem* precisa de um leitor especial, e acho que você é esse leitor. Bem-vindo à biblioteca, meu sobrinho valente!

Meu tio falou isso como se só naquele instante eu tivesse chegado à casa dele, e de certa forma foi assim: a partir daquele momento,

minha vida não seria mais a mesma.

*O livro selvagem* nunca tinha permitido que alguém se aproximasse dele.

Será que ele permitiria que eu o lesse?

## *A HISTÓRIA SE APAGA*

O hábito de meu tio de mastigar biscoitos de qualquer jeito e deixar cair migalhas por todo lado teve consequências desagradáveis.

Entrei na seção "Átomos bobos" para ver quais livros estavam catalogados sob um rótulo tão misterioso, mas não cheguei a ler nenhum. Minhas mãos se aproximavam de um volume escuro, provavelmente encadernado em couro, quando vi duas pequenas antenas. Atrás das antenas surgiram umas patas, e atrás das patas uma cabecinha cor de café. Eu estava diante do inseto que fazia meu estômago revirar: montada sobre o livro, alheia à minha presença, muito orgulhosa de suas antenas magricelas, exibia-se a barata mais asquerosa que eu já tinha visto.

Enquanto as aranhas me interessavam, as baratas me davam vontade de sair correndo. Disparei pelo corredor e entrei na primeira porta ao meu alcance. Meu coração batia com força, e o suor escorria pelo meu rosto. Como era de esperar, eu não fazia a menor ideia de onde tinha ido parar.

Ia balançar o sino, mas então me deparei com o que menos desejava encontrar. Sobre um volume verde-alface, vi outro bicho com antenas horrendas e patas nervosas. Será que eu tinha andado em círculos e voltado ao mesmo lugar?

Não, tinha ocorrido algo muito pior: aquela barata não estava sozinha. Toda a biblioteca estava infestada de criaturas com carapaças pegajosas e patinhas curvas cheias de ranhuras.

Afastei-me de lá caminhando de costas para não perder de vista minhas inimigas. No trajeto, bati contra uma estante e vários livros desabaram. Não parei para recolhê-los.

Cheguei a um pequeno cômodo, onde havia uma mesinha e uma poltrona. Sobre a mesa repousava um objeto inesperado: um

telefone preto e grande, que parecia pesado, de outra época. Tirei o fone do gancho: não tinha linha. Recoloquei-o no gancho e descii uma escadaria que havia à direita.

Foi assim que cheguei a um pátio onde Eufrosia passava roupa. Estava tão transtornado com o que vira que exclamei:

— Temos baratas e um telefone!

— Hoje pela manhã matei cinco com uma só pisada — ela comentou, tranquila.

Olhei para o pé de Eufrosia, ele era do tamanho ideal para esmagar uns vinte insetos.

Ela tinha lavado os lençóis. Ao vê-los estendidos para secar, fiquei surpreso com a quantidade. Contei doze, e na minha cama só usava dois.

A mulher me explicou o enigma:

— Seu tio odeia cobertas. Ele diz que pesam muito. Prefere dormir com dez lençóis. Tira ou põe conforme a temperatura. Assim se sente como uma cebola, “uma cebola de pijama”. Pelo menos é o que ele diz, você sabe como ele gosta de falar coisas esquisitas.

— E tem um telefone aqui! — comentei.

— Sim, guardado para casos de emergência. Tito só o faz funcionar se precisa fazer alguma ligação muito especial. Detesta o toque do telefone.

Foi quando ouvi uma voz atrás de mim:

— Pelo que vejo, estão falando de mim.

Dei meia-volta: não tinha ninguém, ou melhor, só havia um lençol. Dali saía a voz de meu tio, como se fosse um fantasma:

— Desculpe por deixar cair tantas migalhas, é um péssimo hábito que aflige todos nós que comemos com emoção e descuido.

— Tem baratas por todos os lados! — exclamei.

— Sim, vi que você se perdeu pelo território Samsa.

— O que é isso?

— Gregor Samsa era um homem que se sentia como um bicho e acabou transformado em inseto.

— Ele existiu de verdade?

— Não. Quem o inventou foi um escritor que tinha as orelhas mais pontudas da história. O nome dele era Kafka.

Olhei para as orelhas de meu tio. Também eram bastante pontudas. Além disso, tinham pelos brancos.

— Em que espécie de inseto ele se transformou? — perguntei.

— Você está falando de Kafka? Ele se sentiu como um inseto durante a vida toda.

— Não, o personagem dele.

— Ah, o senhor Samsa. É um dos grandes mistérios da humanidade. O escritor disse que ele se transformou em um inseto, mas não deu mais detalhes. Alguns especialistas acham que talvez ele tenha virado um desses escaravelhos que moram entre as vigas de madeira, típicos das casas velhas de Praga, onde a história se passa. Mas os seres humanos têm suas ideias fixas. Kafka escreveu “inseto” e todos logo imaginaram que se tratava de uma barata, nossa inimiga mais repugnante. Aqui em casa estamos sofrendo uma infestação. Não sei quantas seções da biblioteca foram dominadas pelo território Samsa.

— Eufrosia matou cinco — informei, apontando para o pé enorme da cozinheira.

— Isso não se resolve com pisões — retrucou meu tio, e saiu do pátio, contrariado.

Naquela tarde, o tio Tito usou o telefone para chamar o dedetizador. Discutiu bastante com o sujeito, pois ele não podia vir imediatamente. O governo tinha descoberto que todos os restaurantes chineses estavam cheios de ratos e a companhia dedetizadora estava lotada de trabalho.

— Só poderá vir daqui a uma semana — falou meu tio, com uma triste resignação. — Enquanto isso, podemos começar uma guerra com inseticidas.

A casa de meu tio, da qual eu tanto gostava — apesar de me deixar um pouco nervoso —, tinha se tornado assustadora. As bibliotecas são locais onde os insetos podem se esconder com muita

facilidade. Se *O livro selvagem* estivesse cercado de baratas, eu preferia não encontrá-lo.

Espalhei inseticida pelo meu quarto, e Eufrosia pôs um veneno que parecia açúcar em vários cantos da casa.

Quanto ao meu tio, de tempos em tempos dava um grande golpe de sapato. Segurava um livro na mão esquerda enquanto a direita movimentava uma botina de sola grossa. Se ele avistasse uma barata, se jogava sobre ela decidido e desajeitado. Errava o alvo umas dez vezes. Na maioria delas, a rival escapava e ele se deitava no chão, respirando pesado. Nesses momentos, não parecia ser meu tio, mas um maluco com um sapato na mão.

Durante a semana das baratas, que meu tio batizou de “temporada Samsa”, sugeri que deixássemos o telefone ligado.

Ele estava muito envergonhado por causa daquela situação, então aceitou minha proposta.

— Pode telefonar para quem quiser.

As ideias nos surgem de maneiras muito estranhas. Se alguém tivesse me perguntado alguns minutos antes com quem eu gostaria de falar, eu teria respondido: “Com a minha mãe”. No entanto, quando meu tio ligou o aparelho, perguntei:

— Você tem o telefone do meu pai?

— Sua mãe me deixou o número, caso acontecesse algo. Paris fica muito longe daqui... a ligação sai mais cara que dedetizar baratas... além do mais, agora é noite lá. — Meu tio não parecia muito interessado em cumprir sua promessa.

— Você disse que eu podia ligar para quem quisesse.

— Tudo bem, mas não demore.

Tito foi buscar a caderneta onde havia anotado o número.

— Nunca tinha visto tantos números juntos. Já disse que detesto matemática.

— Não vamos somá-los ou subtraí-los. Só precisamos discá-los.

Ele ficou tão nervoso com a operação que ligou para vários números errados.

Alguém na França atendeu de péssimo humor e ele gritou “camembert”. Perguntei o que significava aquela palavra.

— É o nome de um queijo. Foi a única palavra que me veio à mente. Disque você, que se dá melhor com os números.

Fiz isso e consegui, enfim, ouvir a voz firme e alegre de meu pai:

— Que alegria, Juan!

Fiquei tão impressionado de ouvir a sua voz próxima daquele jeito que foi como se eu pudesse sentir o cheiro dele quando se aproximava para dar boa-noite, uma mescla de loção pós-barba e couro, o mesmo que senti quando dormi na cama dele.

Também fiquei surpreso que ele estivesse tão a par de minha vida na casa de meu tio. Até sabia que estávamos com problemas de baratas. Explicou que falava bastante com minha mãe e que ela lhe contava tudo.

— Eu e sua mãe somos bons amigos — explicou. — Sempre seremos, mesmo que a gente não more mais na mesma casa, e não vamos deixar de amar você.

Gostei de ouvir aquelas palavras, mas não fiquei totalmente convencido. Eu queria que ele estivesse comigo:

— Quando você volta?

— Estou terminando a ponte. Ainda faltam algumas semanas.

Será que era verdade? Eu queria perguntar muitas coisas a ele, mas meu tio me olhava preocupado: a ligação estava saindo muito cara.

— É uma daquelas pontes que se dividem em duas? — resolvi perguntar.

— Sim. Na França há muitos rios e barcos. Quando eu voltar, vamos ao cinema e a um jogo de futebol. Além disso, comprei um presente muito legal para você: os soldadinhos de Napoleão.

Naquele momento, eu não estava interessado em presentes. Queria muito mais que ele estivesse comigo, nos ajudando a matar baratas.

Apesar disso, gostei de falar com ele depois de tanto tempo.

Em seguida, meu pai me contou que na França as pessoas comiam rãs e caracóis.

— Elas deveriam vir aqui comer as baratas — comentei, mal-humorado.

Ele pediu que eu contasse da praga na biblioteca e aos poucos comecei a achar divertido falar dessas coisas. Ele riu muito com minhas descrições, dando aquela gargalhada forte dele.

Quando eu falava para meu pai que estava com medo, ele não dava importância. Não havia perigo que me fizesse dormir na cama dele. Ele não temia monstros, pesadelos ou baratas.

Naquele instante, senti algo muito confuso. Se meu pai estivesse ali, eu teria lhe dado um beijo e também um tapa. Gostava de falar com ele, mas me incomodava que estivesse tão distante. Além disso, ele não tinha ido à França só para construir uma ponte: uma amiga o esperava lá. Quase perguntei dela, mas tive medo de que ele perguntasse algo sobre Catalina (parecia saber demais de minha vida, e eu não queria falar disso).

— Que bom que você ligou, Juan.

Eu tive vontade de falar que sentia muito mas que tudo era muito confuso e ele estava do outro lado do mundo, mas me limitei a dizer:

— Tchau, pai.

Quando desliguei, Tito me olhou como se fosse o chefe das baratas. Apontou para um cronômetro e gritou:

— Gastamos uma fortuna com essa ligação.

— Você sabia que os franceses comem rãs? — perguntei, para mudar de assunto.

— Se era isso que você queria saber, podia ter olhado de graça em um livro que tenho por aí, cujo título é *Delícias asquerosas*. Além do mais, meu jovem, os franceses não comem a rã inteira, só as pernas, que têm gosto de frango. Existe muita gente arrogante que despreza o frango assado e acha que é muito elegante comer uma rã com gosto de frango. Os franceses são esquisitos, meu sobrinho,

mas é preciso entendê-los: inventaram os Direitos do Homem, e um desses direitos é o de ser maluco.

Por pouco não respondi: “esse direito você pratica muito bem”.

Repassei mentalmente tudo que tinha conversado com meu pai. Ele era uma pessoa muito concreta, que nunca se complicava com ideias e nunca falava coisas absurdas. Naquele instante, senti muito a falta dele. Ainda bem que meu tio disse:

— Você precisa se distrair, meu sobrinho. Enquanto as baratas estiverem por aí, você não vai poder procurar *O livro selvagem*. Sugiro que vá até a farmácia. Duvido que consiga se concentrar muito perante a bela Catalina, mas pelo menos vai ficar mais alegre.

Tito tinha razão. Podia passar horas na farmácia, respirando o delicioso aroma dos remédios, sem me concentrar em nada a não ser nos olhos cor de mel e no dente levemente torto de Catalina.

Expliquei aos pais dela que tinha ido até lá porque iam dedetizar a biblioteca. Eles foram muito compreensivos. Me deram um banquinho para ler e, às cinco da tarde, me ofereceram biscoitos com leite. Eram piores que os de Eufrosia, mas eu os elogiei bastante mesmo assim.

Levei meu livro sobre aranhas. Ler sobre outros insetos me faria esquecer as baratas.

Catalina estava cheia de trabalho naqueles dias porque tinha ocorrido uma epidemia de gripe e a cidade toda estava espirrando. Tantos doentes entraram na farmácia que ela acabou se contagiando. Não estava com febre, mas assoava o nariz de pouco em pouco tempo com um ruído suave e gestos magníficos, fechando os olhos e enrugando o nariz como se tivesse sentido o cheiro de uma mostarda muito picante. Durante aqueles dias descobri que certas coisas para as quais você não dá bola nos desconhecidos, ou até que incomodam, passam a ser bonitas quando são feitas por alguém de quem você gosta.

De vez em quando, a mãe dela perguntava algo sobre a minha. Eu não tinha dito que meus pais estavam separados, mas ela me tratava com muito carinho, como se suspeitasse de algo.

A cada três dias eu conversava com minha mãe e ela me dava notícias de Carmen, que estava se divertindo muito com sua amiga. Meu pai tinha contado a ela sobre a nossa conversa telefônica, e minha mãe ficou contente que eu tinha ligado para ele.

Mamãe estava se tornando uma pessoa extremamente tranquila. Ainda que eu não tivesse certeza disso, tive a impressão de que ela não fumava mais enquanto falava ao telefone (não ouvi o barulho de fósforos nem houve aquelas pausas para tragar a fumaça). Mas, ao contrário dela, eu estava cheio de emoções confusas dentro de mim.

— Sua voz está um pouco estranha — ela comentou. — Está tudo bem?

Senti vontade de falar que queria muito vê-la e que o tio Tito era um lunático cercado de baratas, mas respondi que estava um pouco gripado e fingi tossir.

Da farmácia, finalmente pude ver o caminhão de dedetização chegar à casa de meu tio. Três homens desceram do veículo, usavam uniforme cinza cor de rato. Cada um tinha um cilindro preso nas costas, parecido com o que os mergulhadores carregam.

Trabalharam na biblioteca por horas e horas. De repente, consegui sentir no ar da farmácia — que geralmente tinha uma fragrância suave de violeta de genciana — algo que não cheirava a remédio, e sim a veneno. Logo depois, vi os homens saírem da casa de meu tio. Usavam viseiras de plástico sobre o rosto e, quando as tiraram, pude ver a expressão de esgotamento daquelas pessoas, que lutaram bravamente contra adversários resistentes e asquerosos. Pareciam estar tão cansados que foi um alívio quando finalmente subiram no caminhão e foram embora.

Quando voltei à biblioteca, meu tio gritava:

— Precisamos de vento do norte!

Ele tinha aberto todas as saídas de ventilação da casa para dissipar o cheiro de veneno.

Passaram-se horas até que isso ocorresse (ou talvez o fedor tenha continuado e a gente tenha se acostumado com ele).

No dia seguinte visitei Catalina. Apesar de ela estar com o nariz entupido de gripe, comentou:

— Você está com cheiro de veneno.

Parecia mais pálida e tinha leves olheiras.

— Não consegui dormir à noite — explicou, e me entregou o livro que eu havia lhe emprestado, *Um achado no rio em forma de coração*.

— Gostou? — perguntei, curioso.

— Vá até a página 89.

Passei as páginas o mais rápido possível até chegar à indicada. Fiquei muito chocado: estava em branco!

— Não é a única. — Catalina pegou o livro e me mostrou outras partes em branco.

Eu tinha lido aquela história sem deparar com nada daquilo. O livro tinha se apagado!

— Você conseguiu ler o resto? — perguntei.

— Prefiro nem falar sobre o que acontece na história — respondeu.

Depois que insisti muito (e depois de ela atender uma senhora que queria um remédio para dormir), ela me contou que nossos queridos heróis morriam afogados no rio em forma de coração.

Aquilo não estava certo! Eu tinha lido outra história.

O que havia acontecido? Até então, Catalina tinha melhorado as histórias com a sua leitura. Teria perdido esse poder? Será que a gripe a afetou dessa maneira? E por que algumas páginas foram apagadas?

— A pessoa que escreveu este livro é uma má pessoa — disse, com uma voz muito séria. — Tirou partes que poderiam ser muito boas e matou os personagens de forma bem cruel. Não quero saber mais nada sobre esse rio.

— Me desculpe.

— Não é culpa sua.

— Como você sabe que não?

— Os livros que você lê na biblioteca ficam diferentes quando eu os leio na farmácia. Talvez eu tenha visto tanta gente doente que contagei o livro.

Catalina era tão generosa que se culpava até pelo que tinha lido. Mas a responsável pela destruição do livro não podia ser ela.

O que estava acontecendo?

Em breve, eu descobriria que um inimigo muito pior que as baratas habitava a biblioteca.

## *UM INIMIGO*

— O que você está me dizendo é muito estranho — comentou tio Tito, enquanto inspecionava um livro com uma lupa.

A lente de aumento fazia com que seu olho direito, que já era um tanto arregalado, parecesse o de um peixe-balão.

Ele levantou a lupa. Através dela, vi seu rosto: os pelos que saíam de seu nariz ficaram gigantescos. Logo tornou a falar, com a voz séria e rascante:

— Talvez sua amiga não seja tão boa leitora quanto imaginávamos.

— Como assim?

— Quando você lhe emprestou um livro pela primeira vez, ela o melhorou com sua leitura. Algumas pessoas têm essa habilidade, mas logo a perdem. É sorte de iniciante. Talvez ela só quisesse impressionar você. A sua amiga me preocupa, sobrinho querido.

— Por quê?

— Não seria a primeira vez que um grande leitor, um leitor princeps como você, perderia suas faculdades por seguir um par de olhos bonitos. Catalina o deixou embasbacado e agora embasbacou o livro que você lhe emprestou.

Não gostei nem um pouco daquilo. Quando me devolveu o livro, Catalina estava muito preocupada. Não tinha conseguido dormir a noite toda! O livro tinha ficado daquele jeito por alguma outra razão contrária a nós dois.

Mas meu tio discordava. Ele começou a caminhar pelo quarto a passos largos. E então parou, cruzou os braços e disse:

— Tive um amigo que era um leitor genial. As universidades disputavam sua cabeça. A humanidade só produz um sábio desse nível uma vez a cada cem anos. Certo dia, apaixonou-se por uma aluna, casou com ela e passou a se dedicar ao cultivo de vegetais.

— E foi feliz? — perguntei.

— E o que isso importa? Não percebe o desperdício que é ter um sábio cultivando cenouras?

Eu achava melhor estar feliz que ser um sábio, mas não falei nada, pois meu tio estava tão exaltado que parecia prestes a soltar fumaça pelo nariz.

— Os livros expõem problemas, e a obrigação de um sábio é enfrentá-los. Por mais complicada ou incômoda que seja uma ideia, o sábio deve valorizá-la. Os apicultores não se queixam que as abelhas possuem ferrões. Acontece o mesmo com os sábios: devem cuidar da colmeia das ideias, mesmo que algumas piquem e outras sejam venenosas.

Não ousei desviar o olhar daquele homem com pelos no nariz que se aproximava de mim para dizer:

— Ainda que as ideias sejam um vespeiro ou um formigueiro, o sábio precisa enfrentá-las. Podem zunir enlouquecidamente ou ter uma aparência horrenda, como a dos animais que possuem milhares de patas, mas é necessário deixá-las viver. Meu amigo se rendeu: passou os seus melhores anos cuidando de uma horta, junto com uma linda mulher que, com o passar do tempo, se transformou em uma senhora muito interessante, isso não nego.

— Você disse que tinha um amigo que plantava brócolis e criava invenções — lembrei meu tio.

— É diferente. Não tenho nada contra os passatempos, desde que não interfiram no desenvolvimento do conhecimento. O que você acha mais interessante? Catalina ou os livros?

Fiquei muito incomodado com a pergunta. Ele não conhecia Catalina nem sabia quanto ela tinha sofrido com a destruição da história do rio. Meu tio me pareceu um velho amargurado que tinha passado tempo demais sozinho e não sabia dar valor às pessoas.

Não respondi nada.

Tio Tito continuou percorrendo o quarto a passos largos, tentando se acalmar. Contudo, quando voltou a falar, sua voz tremia de raiva:

— Ela arruinou o livro que você emprestou! Não merece que continue levando leituras para ela.

Essas palavras me irritaram tanto que saí do quarto.

Na hora do jantar, meu tio tentou fazer as pazes comigo:

— Entendo que você goste da Catalina, sobrinho. Eu também já fui jovem, embora pareça difícil imaginar.

Não respondi.

— Mas não quero que você se distraia demais e perca sua força de leitor. Podemos encontrar *O livro selvagem!*

Mastiguei um pedaço de um bolo que me pareceu horrível. Meu tio me observou através de uma nuvem de chá de cachimbo. E então fez a mesma pergunta que já tinha feito de manhã, mas desta vez num tom mais agressivo, como se tivesse se tornado um mafioso:

— Se você tivesse que abandonar os livros para ficar com Catalina, o que faria?

Também não respondi, mas sabia qual seria minha resposta: preferia ficar com Catalina a ler livros e ficar sozinho como meu tio.

— Sei o que você está pensando — continuou —, preferia ficar com Catalina a ler livros e ficar sozinho como o seu tio.

Foi como se ele tivesse lido a minha mente.

— Acertei, não? — perguntou, satisfeito.

Continuei em silêncio.

Ele se levantou da mesa:

— É a prova de que Catalina o dominou com seu poder.

Ainda que as palavras de meu tio tivessem me incomodado, o que ele tinha dito era verdade: eu me importava mais com Catalina do que com qualquer outra coisa.

Será que isso era ruim? Não conseguia acreditar que ela pudesse desejar algo negativo para mim.

— É uma intrusa — disse ele, parado na porta da cozinha. — Mora ali em frente, mas é como se tivesse invadido esta casa. Está nos afastando. É uma intrometida. Tome cuidado, sobrinho.

Com essas palavras espantosas, meu tio me deixou sozinho na cozinha, junto com um bolo que estava com um gosto cada vez pior.

Não consegui dormir naquela noite. Estava furioso com meu tio. Na verdade, estava furioso com todos os adultos. Primeiro meu pai saía de casa, depois minha mãe me mandava para a casa de um parente que quase nunca víamos e agora meu tio havia enlouquecido. Ele era um sujeito muito original, isso não dava para negar, mas as ideias que tinha eram estranhas e inúteis.

Passei horas na cama, me revirando sob os lençóis. Nessas horas não acharia ruim ter o pesadelo do quarto escarlata, pois pelo menos assim eu estaria dormindo.

Era de madrugada quando ouvi uma porta abrindo do outro lado da casa. Talvez meu tio também estivesse acordado.

Como já tinha molhado os lençóis de suor de tanto me mexer na cama, decidi dar uma volta.

Caminhei por um corredor que me pareceu mais comprido e solitário que de costume até escutar alguns ruídos que não consegui identificar, parecidos ao barulho de alguém abrindo e fechando um livro ou manuseando folhas de papel.

Não muito longe de onde eu estava, o corredor fazia uma curva e levava a um aposento cheio de mapas, onde meu tio gostava de ler. Fui até lá. À medida que avançava, os ruídos se tornavam mais fortes.

A porta da sala dos mapas estava entreaberta. Não tive que empurrá-la para enxergar meu tio em sua escrivaninha, concentrado na leitura do livro de capa azul. Sua sobrancelha direita estava levantada, traçando um desenho em zigue-zague, e havia três rugas de expressão em sua testa. O rosto dele tinha um aspecto maligno. Se fosse possível adivinhar o que ele estava lendo com base em sua expressão, eu diria que estudava um tratado de magia negra.

Justo nesse momento senti algo peludo tocando os meus pés descalços. Por sorte, era o Dominó, o meu gato preferido. Ele ficou ali esperando que eu fizesse carinho no seu dorso. Carreguei-o no

colo, pois gostava de escutá-lo ronronar, e então tive uma ideia. Peguei o sino que levava por todas as partes, o atei no rabo de Dominó e larguei o gato no corredor. Ele saiu correndo, fazendo com que o sino tilintasse pela casa.

Meu tio elevou o olhar e esboçou a expressão de cansaço que sempre mostrava quando eu o interrompia. Colocou os óculos para longe e saiu a fim de ver o que estava acontecendo. Ele devia imaginar que eu tinha me perdido em algum canto de sua imensa biblioteca.

Tio Tito caminhou em direção à porta. Então retirei alguns livros da prateleira mais baixa e me escondi ali.

Ele tropeçou nos livros que deixei no corredor, mas não perdeu completamente o equilíbrio e continuou caminhando, enquanto resmungava algo sobre Eufrosia, que era incapaz de manter a casa em ordem.

Ao longe, o sino tilintava.

Aproveitei a saída de meu tio para me aproximar de sua escrivaninha e examinar o livro que estava lendo.

Fiquei surpreso com a grossura das folhas. Pareciam feitas de pele. Eu não teria me surpreendido se descobrisse que aquilo era pele humana.

As folhas tinham sido preenchidas com tinta preta, e era possível notar o traço de um pincel. Marquei a página onde meu tio tinha parado com uma pena de ganso.

Fechei o volume de capa azul. Ele tinha me dito que estava escrito em latim. Apesar disso, consegui ler o título sem problema algum:

## Livro da adivinhação dos livros **Abra ao acaso, se tiver coragem**

Voltei à página onde meu tio tinha parado. Na última linha havia uma frase muito esquisita: *Asurtni a moc rabaca seved.*

O que será que significava? Seria um código em latim?

Ouvi o sino ao longe. Um bom sinal: meu tio ainda não tinha alcançado Dominó.

Reli a frase várias vezes. O livro pedia para ser aberto ao acaso. Talvez se eu procurasse uma página para mim, entenderia o recado. Abri o livro em outra página. Na última linha, encontrei outra frase incompreensível: *Arbmos aus ed ajuf*.

Procurei um dicionário na mesa. Levantei os livros e os papéis que lotavam a escrivaninha e encontrei algo ainda mais estranho: um espelho.

Voltei a abrir o livro na página que meu tio tinha parado. A primeira frase dizia: “Deves acabar com a intrusa”.

Era a frase que meu tio estudava com a sobrancelha em forma de zigue-zague! O livro o tinha posto contra Catalina! Tratava-se de uma obra maligna. Só isso poderia explicar a mudança de atitude dele. Tito dissera que os livros são espelhos que refletem o que somos. Aquele livro era um espelho de outro tipo: refletia coisas falsas que causavam danos às pessoas.

Então li no espelho a frase que estava na página aberta por mim: “Fuja de sua sombra”. O que será que isso significava?

Foi quando escutei um grito:

— Maldito Dominó!

Meu tio tinha encontrado o gato. Escutei os passos retornando à sala dos mapas. Peguei o livro e saí pelo corredor.

Nem pensei no que estava fazendo. A única coisa que gostaria era que meu tio não me encontrasse ali.

Corri feito um desesperado até chegar a uma escadaria. Subi aos saltos. O livro era muito grande e pesado, o que dificultava meus movimentos.

Cheguei ao andar de cima, temendo ter feito muito barulho. Avancei nas pontas dos pés, mas o livro estava cada vez mais pesado, como se não quisesse que eu o carregasse, ou como se não gostasse do lugar para onde estávamos indo. Só então me lembrei de que estava perto do cômodo onde ficavam os livros para cegos que meu avô costumava ler.

Sentei no corredor para refletir. O livro de capa azul tinha me dado um conselho: “Fuja de sua sombra”. Isso era muito estranho.

Ninguém pode fugir de sua própria sombra, ela pertence a você e o acompanha sempre. Seria como fugir de si mesmo. Além do mais, se o livro me aconselhava certa coisa, eu deveria fazer o contrário. Não podia me deixar enfeitiçar como o meu tio. Precisava conservar minha sombra. E, ainda por cima, eu tinha amigos na sombra.

Decidi levar o livro de adivinhações ao cômodo onde moravam os livros para cegos.

Ao me aproximar da porta, o peso nos meus braços ficou insuportável. Deixei o livro no chão para abri-la. Quando fui levantar o volume, senti que os meus dedos iam quebrar com o peso daquelas páginas que pareciam agora ser de ferro.

Entrei no cômodo, e a porta se fechou atrás de mim. Desta vez, não senti medo. Havia sido ali que os livros tinham formado degraus para que eu pudesse sair. De repente, me senti muito forte. Não apenas consegui carregar o livro facilmente, como também fiquei muito aliviado por dentro.

Avancei até uma estante e guardei o livro. Ele despencou no chão imediatamente. Três ou quatro livros saltaram sobre o volume de capa azul, como se quisessem inutilizá-lo. Sim, ali eu tinha aliados, amigos desconhecidos que viviam em livros que eu não conseguia ler, mas que estavam dispostos a me ajudar. Talvez por isso, nas minhas brincadeiras solitárias de criança, eu tenha imaginado o Clube da Sombra.

Não foi difícil voltar até a porta. O quarto estava escuro, mas me orientei com uma estranha confiança, como se estivesse em um sonho.

Ouvi ruídos no andar de baixo. Meu tio procurava algo em seu escritório.

Eu sabia o que era. Também sabia que ele não iria encontrar.

## *O LIVRO PIRATA*

Ainda que esta história tenha acontecido há muitos anos, nunca esqueci o ruído que de repente sacudiu a casa de tio Tito. Foi algo muito esquisito, como se um cavalo tivesse relinchado no meio da sala.

Os cômodos onde antes só se escutava o virar das páginas ou os passos suaves dos gatos de repente foram preenchidos por um barulho que ninguém poderia esperar. Para a surpresa de todos aqueles que possuíam ouvidos, o telefone estava tocando!

Meu tio atendeu, e eu corri para saber quem era. Então o ouvi dizer:

— Carmen? Aqui? Por quê?

Quando cheguei à mesinha do telefone, ele já tinha desligado. Olhava para o tapete, pensativo.

Ao sentir minha presença, ergueu os olhos e anunciou:

— Sua irmã vai passar uns dias conosco.

Parecia preocupado. Já não tinha mais a cara ameaçadora da noite anterior.

Aproximou-se de mim e acariciou meu cabelo. De novo senti aquele movimento de quem está secando um prato. Ele tinha voltado a ser o tio Tito de sempre, um sujeito um pouco estranho, mas, no final das contas, agradável.

— Quero pedir desculpas a você, sobrinho — disse, de repente.

— Por quê?

— Insultei a sua namorada.

— Catalina não é minha namorada! — retruquei com um grito, ainda que, no fundo, tenha sentido um estranho orgulho de que meu tio pensasse dessa forma sobre nós dois.

— Tanto faz! — ele falou. — Perdão, não sei o que está acontecendo comigo. Tenho me irritado mais que o normal nos

últimos dias. Talvez esteja tomando muito chá de cachimbo.

— O que você dizia sobre a minha irmã?

— Ah, sim! Ela estava passando as férias na casa de uma amiga, Leila Bermúdez.

— Sim, isso eu sei. E o que aconteceu?

— Ofereceram um trabalho nos Estados Unidos ao pai da menina. Vão se mudar em poucos dias. Carmen vai passar o resto das férias conosco. Ela gosta de bichos de pelúcia?

— Sim.

— E já tem muitos?

— Um montão.

— E ela vai trazê-los? — Meu tio fazia perguntas realmente esquisitas.

— Talvez traga o Juanito.

— Ela tem um boneco com o seu nome?

— Sim. Deu esse nome ao brinquedo para que eu a convidasse para fazer parte do Clube da Sombra.

— O que é isso? — Meu tio se mostrou muito interessado.

— Inventei que eu ia, todas as noites, a um clube onde muitas aventuras aconteciam. Conteí a Carmen para deixá-la com inveja e ela acreditou em tudo. Sempre acredita.

— Isso é curioso, muito curioso — disse meu tio, mexendo na barba.

— Não entendi.

— Alguns dias atrás, você entrou no quarto dos livros para cegos. Eles o ajudaram a sair, formaram degraus e se puseram aos seus pés. Já disse que alguns dos melhores leitores eram cegos. Meu pai parou de enxergar quando jovem. O seu tataravô também era cego. Ele que fundou esta biblioteca. Você tem uma ligação bem peculiar com os livros de sombra.

Tito fez uma pausa. Coçou a barba e, como não a fizera, isso causou certo ruído. Apertou o queixo, como se quisesse que as ideias saíssem dali. Por fim, disse:

— Ontem à noite aconteceu algo muito estranho.

Será que ele tinha me descoberto? Será que sabia que eu tinha levado o livro maligno ao aposento dos livros de sombra? Para mudar de assunto, perguntei:

— Por que você ficou tão interessado nos bichos de pelúcia de minha irmã?

— Muitos anos atrás, uma criança entrou nesta casa com um coelho de pelúcia. Quem trouxe o garoto foi Eufrosia. Era sobrinho dela, vinha do mesmo povoado e os pais deixaram a criança aqui por algumas horas. O brinquedo parecia um coelho peludo e inocente, mas carregava um tipo de fungo que adora papel. Toda a biblioteca foi contagiada! Milhares de livros de todas as épocas corriam perigo. Esse temível coelho de pelúcia tinha tido contato com livros doentes. A criança era coroinha no povoado de Eufrosia. Na igreja, o sacerdote tinha alguns livros antigos que seriam muito valiosos se estivessem saudáveis. Porém, os volumes apresentavam fungos que se escondem debaixo da pele. Olhe estas marcas! — O tio Tito esticou os braços e me mostrou linhas brancas em seu pulso nas quais eu nunca tinha reparado. — Os fungos marcaram a minha pele! Eu teria ficado igual a um tigre-de-bengala se não tivesse fumigado todos os livros, página por página. Nenhum especialista aceitou fazer o trabalho, com medo de passar tanto tempo em contato com o veneno. Eu mesmo tive que espalhar o produto. Durante dois anos, não li uma palavra sequer, só curei livros doentes. Foi a pior época de minha vida. Esta biblioteca se transformou em um hospital de páginas agonizantes. O ar cheirava a substâncias tóxicas e Eufrosia parou de vir. Eu me alimentava de pão e água, como um prisioneiro. Já ouviu falar em tragédia pior?

— E será que respirar tanto veneno não o afetou um pouquinho? — questionei.

— O que você acha? — Ele sorriu de um jeito curioso. — Pareço uma pessoa um pouco estranha?

— Na verdade, parece — me atrevi a dizer.

— Sempre fui assim! Não vejo vantagem em ser uma pessoa chata e normal.

— Não tem nada de errado em ser normal.

— Acho entediante. Um pão torrado é normal. Já um assado saboroso é especial. Prefiro ser um assado.

— Mas você é meu tio, não um prato de comida.

— Tudo depende de quão antropófago você é. Certos canibais seriam capazes de almoçar os seus tios mais queridos.

— Só quis dizer que não é ruim ser normal.

— Também não precisa fingir que é uma pessoa comum. Você tem a aparência de um sujeito normal: dois olhos, um nariz ordinário, uma barriga de guloso. No entanto, tem o dom de atrair os melhores livros. É um leitor princeps, e isso ninguém pode mudar. Por isso eu precisava de você. O veneno não me afetou, querido sobrinho, o que me afetou foi a solidão e o fato de eu não saber o que fazer com tantas leituras. Você pode mudar isso, só espero que os bichos de pelúcia de sua irmã não tragam fungos.

— Eles não entraram em contato com livros antigos.

— Ainda não me recuperei do estrago causado por aquele coelho. Os livros são seres vivos. É preciso cuidar muito bem deles. Vou confessar uma coisa: ontem à noite cometi um erro muito grave.

— Como assim? — perguntei, com o tom mais inocente possível.

— Você se lembra daquele livro que encomendei, aquele antigo, de capa azul?

— Mais ou menos — menti.

— Eu falei para você que era um livro para procurar outros livros.

— Ah, sim, agora me lembrei. Você não tinha dito que era um livro explorador?

— Na verdade, trata-se de um livro pirata.

— Pirata?

— A gente costuma chamar de "livro pirata" aqueles que são fabricados sem permissão, as cópias malfeitas vendidas na rua. Mas existe outro tipo de livro pirata: aquele que intercepta e rouba as mensagens dos outros livros para que ninguém mais possa lê-las. Foi o que aconteceu com o livro que você emprestou a Catalina. Agora descobri.

— Fale mais sobre isso — pedi, interessadíssimo.

— Eu queria ver o que você estava lendo e cometi o equívoco de deixar *Um achado no rio em forma de coração* ao lado do livro de capa azul, que acabou roubando o conteúdo do outro. Você entregou o livro a Catalina na manhã seguinte. Ele já estava alterado.

— Como isso pôde acontecer?

— Os livros se relacionam uns com os outros, alguns formam laços de amizade, outros formam até mesmo uma família. Mas também existem livros invejosos que desprezam as mensagens boas dos outros e tentam feri-los. São livros feitos por pessoas incapazes de propor algo por conta própria e que apenas destroem o que os outros fazem. É assim que o livro de capa azul funciona. Pensei que me ajudaria a encontrar *O livro selvagem*. Grandes especialistas falaram maravilhas acerca desse tratado da adivinhação, mas os especialistas também se enganam, e outros agem de má-fé. Nem tudo que se escreve é bom, meu querido sobrinho.

Meu tio fez uma pausa. Inspirou como se tivesse saído da água, e então continuou:

— O livro azul é nocivo. É o pior dos livros piratas, foi feito para saquear e prejudicar os demais livros. O autor não o assinou. É um covarde que se esconde. Quem quer que o tenha escrito, detesta todos os outros autores. Ele queria ser o único na Terra. Por isso tenta acabar com os outros livros, especialmente os bons, que são os que mais o irritam. Eu deveria ter compreendido isso, mas a ambição de ter um livro muito especial foi mais forte. Ontem olhei para você com inveja e raiva. Reconheço isso, e peço desculpas. Foi como se eu tivesse tomado alguma droga. Detestei você e sua amiga porque vocês leem de um jeito que não consigo ler, melhorando as histórias. O livro me aconselhou a separar você de Catalina, além de outras coisas piores.

— Que coisas?

— Contarei tudo, mas você precisa prometer que vai me perdoar.

— Não se preocupe — respondi, com a voz trêmula.

— Não sou um leitor princeps, nunca fui. Posso detectar quem é, mas eu não tenho o seu poder. Queria encontrar *O livro selvagem* por conta própria e por isso recorri ao terrível tratado de capa azul. Em vez de deixar que você fizesse tudo, quis me adiantar usando esse livro, que se revelou um inimigo.

Só então reparei que ele não tinha tocado em sua xícara de chá. Nunca tinha visto ele falar tanto sem beber algo ou ir ao banheiro.

— Antes de você chegar a esta casa, eu estava muito triste — prosseguiu. — Pensei que morreria sem decifrar o mistério desta biblioteca. Meu pai me falou do *Livro selvagem*, mas o livro não me deixou lê-lo. É como um cavalo que não aceita cavaleiros, pois espera um muito especial. Pensei que não havia solução. Angustiado, fui até a seção de livros de magia e fiquei sabendo do antigo tratado de adivinhação. Alguns homens com fama de sábio o recomendavam, mas agora sei que eram pessoas más. Os maus, meu querido sobrinho, nem sempre parecem maus. Às vezes até parecem sábios. Encomendei o livro antes da sua chegada. Não sabia que teria a oportunidade de contar com a sua ajuda. Quando o livro malvado chegou, você já estava aqui. Você o viu entrar. Eu devia ter me desfeito dele, mas a tentação foi muito forte. Suas páginas se apoderaram de mim. Perdi o controle. Estava atordoado. Me afundei naquelas folhas como um saquinho de chá que mergulha na água. Me dissolvi por completo. Só agora volto a ser o seu tio. Hoje de manhã acordei me sentindo completamente diferente.

— Diferente de quando? — perguntei, tentando acompanhar o seu raciocínio.

— De ontem. Durante a noite, o livro desapareceu do meu escritório. Fiquei furioso e o procurei pela casa toda, atormentado, usando lanternas especiais. Não apareceu. Curiosamente, acordei bem mais tranquilo, com a mente esvaziada. Agora entendo o quanto me fez bem afastar-me daquele livro. Por isso consigo enxergar as coisas de outra maneira e posso, enfim, pedir desculpas. Você aceita as minhas desculpas?

— Já perdoei você, tio — respondi, encabulado com tanta insistência.

— Sabe por que eu liguei o telefone? — perguntou.

— Para o caso de minha mãe telefonar?

— Claro que não. Para pedir um conselho ao reitor da universidade. É um velho amigo meu. Quero avisá-lo que tenho um inimigo dos livros aqui em casa. Preciso de conselhos para localizá-lo.

— Não é melhor que ele continue perdido? — perguntei, fingindo inocência.

— Sim, é bom que ele esteja perdido, mas temo que ele volte a aparecer. Preciso saber como enfrentá-lo.

— E o reitor pode ajudar?

— Ele é um grande especialista em livros malvados. Infelizmente, está com muito trabalho. Telefonei há pouco, mas ele não pôde me atender: tinha uma reunião com o treinador do time de futebol da universidade, que está quase caindo para a segunda divisão. Imagino que isso seja mais importante para ele do que um livro pirata. Ficou de me ligar quando resolvesse o assunto. Por isso deixei o telefone ligado e por isso a sua mãe conseguiu telefonar para cá. O caso de Carmen é uma emergência. Me pergunto quantas emergências cabem nesta casa...

— E não há um jeito de controlar o livro de capa azul?

— Certos livros são tão poderosos que podem anular as forças do livro pirata. Eles o dominam e aniquilam seus efeitos. Talvez nesta casa haja alguns, mas não sei como encontrá-los.

Foi quando me enchi de coragem e falei:

— Posso contar uma coisa? Você promete não se irritar?

— Claro, meu sobrinho. Estou envergonhado de minha atitude ontem. Não vou ficar irritado. Você já me perdoou e eu perdoaria qualquer um dos seus defeitos, sejam eles pequenos, médios ou grandes.

Respirei fundo e contei de uma só vez tudo o que tinha acontecido na noite anterior.

Tio Tito me olhava, sem deixar de sorrir:

— Então foi você quem colocou o sino em Dominó? Eu devia ter suspeitado. Para que serve meu cérebro? Estava tão afetado pelo livro maligno que me comportei feito um bobo. Sua solução foi magnífica. O livro invejoso foi controlado pelos livros de sombra, que ele não consegue ler. Que maravilha que você está aqui comigo! Podemos desligar o telefone!

— E se o reitor ligar?

— Não importa mais. Essa emergência já foi resolvida.

Meu tio se inclinou para desconectar o fio.

— Você não sente uma estranha paz? Que escândalo o telefone provoca!

— Mas só tocou uma vez...

— Parece pouco? Para mim, isso equivale a um tiro de canhão. Demoro para me recuperar.

Meu tio levou a xícara aos lábios e exclamou:

— Ugh! É a primeira vez que deixo uma xícara de chá esfriar. Nunca falei tanto sem tomar minhas preciosas ervas. Vamos à cozinha, sobrinho querido: precisamos recuperar nossas forças.

E assim terminou a extensa conversa que tive com meu tio, que, para o meu bem e o dos livros, tinha voltado a ser o mesmo de sempre.

## *O PRÍNCIPE É QUEM MANDA*

Meu tio passou os dias seguintes de muito bom humor. Pediu a Eufrosia que fosse ao mercado comprar ingredientes para preparar ensopados especiais e cantarolou músicas esquisitas enquanto ajeitava seus livros.

Também me levou à sala das estátuas para mostrar a parte que eu não havia visto, onde estavam as fotos de família.

Gostei de apreciar aquelas fotografias emolduradas com ele. Não eram muitas. Talvez umas vinte. Vi o rosto de pessoas de outras épocas, gente que eu não conhecia, mas que, se não fosse por eles, eu não existiria.

— Sua família — comentou meu tio.

— Não reconheço ninguém — respondi.

— Você ainda não tem prática em comparar narizes e sobrancelhas. Eu também não reconheço bem as feições. Sou pouco sentimental e nunca paro para observar essas fotos. Mas, às vezes, venho aqui para me lembrar de que tenho parentes. Alguns são distantes ou por afinidade, mas gosto de olhar para eles. Tenho espírito de colecionador e gosto de colecionar parentes. Como não sou muito sociável, prefiro vê-los em fotos, sem precisar ouvi-los roncar, espirrar ou assoar o nariz.

A foto de uma criança de mais ou menos oito anos de idade me chamou a atenção. Perguntei quem era.

— Você não vai acreditar: é o seu pai!

— Esse menino?

— Preste bem atenção: tem cara de criança engenheira. Está olhando para longe, como se estivesse planejando construir uma ponte.

Observei o rosto gorducho da criança que muitos anos depois viria a ser meu pai.

— Você tem o mesmo sinal na bochecha, a mesma testa, sobrelhas idênticas. Vocês são muito parecidos — comentou meu tio.

Realmente havia uma grande semelhança entre nós. O curioso é que ele parecia ser meu irmão menor.

— O que você está pensando? — perguntou meu tio.

— Como sabe que estou pensando algo?

— Está com uma cara que não é bem de engenheiro. Nisso você é diferente de seu pai. Seus olhos parecem procurar um mistério. São olhos de detetive, que analisa pessoas, ou seja, olhos de leitor princeps.

— Senti algo estranho, como se fosse mais velho que meu pai!

— Você está crescendo, Juan. Já tem sua própria vida. Talvez não tenha percebido, mas você está tomando muitas decisões. Precisa dos seus pais e eles precisam de você; ainda assim, já tem seu próprio caminho. Seu pai já foi esse menino que aparece na foto. Você poderia dar um conselho ao garoto; sabe mais do que ele sabia naquela época. O tempo passa de uma maneira incrível. Algum dia será você quem cuidará de seus pais, e espero que sobre um pouco de tempo para cuidar de seu tio também.

Olhei as outras fotografias até deparar com a de uma garota dormindo no campo. O sol batia em seu rosto e ela sorria, como se estivesse aproveitando para tirar uma soneca depois de um saboroso piquenique.

Meu tio me disse que era minha mãe quando tinha dezesseis anos. Parecia muito tranquila e bonita. Eu teria adorado estar ali com ela.

Passamos um tempão discutindo as barbas e os penteados de outros parentes. Então senti uma vontade urgente de ir à farmácia para telefonar para minha mãe.

Atravessei a rua, cumprimentei Catalina apressado e disquei o número, que sabia de cor.

Falei que eu tinha visto fotos dela e de meu pai quando eles eram jovens.

— Você é muito parecido com seu pai — ela disse.

— Mas em um tamanho maior — brinquei.

Perguntei por Carmen e ela disse que em alguns dias a levaria até lá.

— Está tomando ferro?

— Não preciso mais dele — respondi com tanta confiança na voz que ela nem insistiu no assunto.

Depois de desligar, fui até o balcão para contar as grandes novidades a Catalina: não tinha sido ela a responsável por arruinar a aventura do rio em forma de coração, e sim o livro de capa azul. Contei tudo, com muitos detalhes.

Catalina sorriu de um jeito avassalador:

— A culpa não foi minha! — exclamou.

Então pude entender como era útil, de vez em quando, ter um inimigo. O livro de capa azul tinha nos unido de novo. Estaríamos juntos contra ele e a favor dos outros livros.

Catalina sugeriu que continuássemos procurando histórias do rio, e eu voltei para casa, mais feliz do que nunca.

Encontrei meu tio de bom humor, mas um pouco pensativo:

— Chegou o momento de me render, sobrinho — disse.

— Como assim?

— Você está a um chá de cachimbo de se tornar o meu chefe.

— Não entendi.

— Tenha paciência. As batalhas não são vencidas tão rapidamente.

Ao dizer isso, foi até a cozinha e voltou com uma xícara fumegante. Apesar de o líquido estar fervendo, ele tomou quase tudo em um único gole. E então disse:

— Você demonstrou ter contato profundo com os livros. Agora compreendo minha missão: servir de apoio, ser o seu escudeiro. Os livros preferem você.

Bebeu o que restava do chá emitindo um barulho espantoso. Depois limpou a boca com o dorso da mão e exclamou:

— Ahhhhhh!

Viver exclusivamente em companhia dos livros não contribuía muito para as boas maneiras de meu tio. Não me importava que alguém estivesse sujo ou fizesse muito barulho ao comer, mas ele era um caso recorde. Antes de voltar a falar, deu um arroteo bem forte, enfiou o dedo na orelha, encontrou uma migalha no tapete e a comeu como se fosse uma guloseima deliciosa. Tinha hábitos de um roedor.

Apesar de seus gestos, que não correspondiam aos de alguém que está emocionado, meu tio estava vivendo uma situação que o comovia muito. Então me disse:

— Nunca achei que alguém chegaria a ser mais importante para mim do que eu mesmo. Você não sabe o quanto aprecio a sua presença aqui comigo. Você é o guia de que eu precisava.

Outra pessoa teria feito uma cara séria ou falado com a voz entrecortada de emoção. Meu tio descobriu mais migalhas, ficou de quatro no chão, comeu os restos mais próximos e farejou ao redor para ver se encontrava mais rastros de alimento. Em seguida, se virou para mim, como um cachorro que de repente percebe a presença de seu dono:

— Você não vai dizer nada?

— Obrigado.

— Só isso?

— Não consigo pensar em mais nada — confessei.

— Você parece modesto o bastante para ser o novo guia desta biblioteca.

Meu tio caminhou até mim de joelhos.

— As bibliotecas também podem ter doenças, sobrinho: fungos, traças, cupins, baratas, ratos de biblioteca. Mas há um mal que não se combate com dedetização.

Por fim, ficou de pé e anunciou:

— A arrogância é pior que as baratas. Eu achei que era sábio o bastante e esse livro maldito nos colocou um contra o outro. Não há nada pior do que alguém que não conhece sua própria ignorância.

— Não entendi.

— Viu? — comentou, entusiasmado. — Você é honesto. Quando não entende algo, avisa. Muitas pessoas fingem saber mais do que sabem de fato. Você é sincero. Chegou o momento de meu sobrinho assumir a dianteira e decidir o que devemos fazer.

— Eu?

— Você é um leitor princeps.

— Li muito menos que você.

— Quando a intuição funciona, vale mais que o conhecimento.

— Como sabe que minha intuição funciona?

— Eu não sei, os livros que sabem. É isso que importa.

Estava prestes a dizer algo quando desviei o olhar em direção à mesa do quarto e, para minha surpresa, encontrei um volume com um título extraordinário: *Um amigo no rio em forma de coração*.

— Viu só? — falou meu tio, assombrado.

O livro tinha ido até lá por conta própria, sem que tivéssemos notado.

— Os livros procuram os seus leitores. Você é um leitor princeps, e o príncipe é quem manda. Diga o que devemos fazer.

Ele pôs um joelho no chão. Pensei que ia procurar outra migalha, mas logo disse, com grande seriedade:

— Ponha uma mão em meu ombro e me nomeie seu escudeiro. É um velho costume da cavalaria.

Fiz o que ele pedia.

— Obedecerei até a morte, príncipe dos livros — declamou, com a voz grave.

Senti um estranho tremor ao encostar a mão em seu ombro, como se estivesse sendo energizado.

Meu tio me olhou com seus olhos saltados:

— O que fazemos, *milord*? — Parecia estar levando realmente a sério essa história de ser escudeiro.

— Antes de mais nada, me chame de Juan. Sou o seu sobrinho e você é meu tio.

— Alguns escudeiros também foram tios. Aceito o meu título. Que rumo tomamos?

A disponibilidade exagerada de meu tio me incomodou. Por isso respondi:

— Vá até a cozinha.

— À cozinha? E você, para onde vai?

— À biblioteca.

— Sozinho?

— Levarei Dominó.

— Não esqueça o sino — recomendou.

Foi quando tive uma ideia.

— Agora ele é seu. — Larguei o pequeno sino sobre a mesa. — Já consigo me orientar pela biblioteca.

— Tem certeza?

— “O príncipe é quem manda” — lembrei-o.

— Certo, *milord*... quero dizer, sobrinho Juan.

A verdade é que eu não tinha certeza se lembrava todos os caminhos desse labirinto de aposentos e corredores, mas havia chegado a hora de fazer algo diferente e mostrar que eu era capaz de tomar decisões.

Senti uma liberdade curiosa ao caminhar pela casa sem o sino.

Fui até a seção “Como sair do labirinto”. Queria encontrar livros relacionados à biblioteca, livros que oferecessem novas opções.

Perdi-me algumas vezes, mas consegui retomar o caminho certo. Enfim, cheguei às estantes onde todos os volumes tratavam sobre estratégias para desorientar as pessoas. Existiam labirintos materiais (feitos de tijolos, em casas e cidades, ou de plantas, em bosques e jardins) e labirintos mentais (feitos de truques para confundir o cérebro).

Fiquei surpreso com a quantidade de táticas que existiam para enganar as pessoas. Curiosamente, a seção se chamava “Como sair do labirinto”. Digo “curiosamente” porque durante quase o dia todo só encontrei descrições de labirintos, sem vislumbrar nenhuma menção às saídas.

De tão interessado que eu estava no assunto, acabei esquecendo de comer. Li de pé e, depois, sentado no chão. Fiquei sabendo de

famílias que viveram por várias gerações sem conhecer outro cenário que não um labirinto.

De repente, lembrei que eu tinha um relógio. Estava tão entretido com a leitura que tinha me esquecido de consultá-lo o dia todo.

Era meia-noite! Meu tio devia estar preocupado. Decidi voltar. Foi quando um título me chamou a atenção: *Relógio de letras*. A primeira frase era: "Todos os tempos estão contidos neste".

O livro falava dos labirintos do tempo. Folheei a obra apressado, pois queria voltar até onde estava meu tio. Ainda que eu só tenha passado alguns instantes com aquelas páginas, o efeito foi poderoso. De uma hora para outra me lembrei de coisas que pareciam muito distantes, como do meu primeiro triciclo, dos brinquedos que meu pai montava, do sabor do sorvete de pistache que nunca mais tomei, do dia em que minha mãe se esqueceu de nos buscar na escola e tivemos que voltar a pé, do jeito como ela nos abraçou e eu senti o cheiro de seu cabelo. Como tudo aquilo parecia distante! E, ao mesmo tempo, como tudo estava próximo! Esse livro me fez sentir que as lembranças viviam intensamente dentro de mim. Recoloquei-o na prateleira.

Então, algo extremamente estranho aconteceu: ao lado dele, vi um livro em branco, sem letras impressas. Parecia um livro que não tinha sido terminado, com uma lombada de tecido cru. Teria vindo parar aqui por engano ou acidente? Mas não era hora de pensar que espécie de livro era aquele: era hora de agarrá-lo!

Tentei pegá-lo, mas ele escapou entre meus dedos. Foi veloz como um raio, tão veloz que não consegui perceber seu movimento. Simplesmente deixou de estar ali. Apenas consegui tocá-lo com a ponta dos dedos. Minha mão estava tremendo de emoção, como se pensasse por conta própria.

Os outros livros se enfileiraram para ocultá-lo e não sobrou nem um espacinho entre eles, como se aquele livro nunca tivesse estado ali.

Escutei um sino: meu tio estava vindo me buscar.

— Estou procurando você pela biblioteca há horas! — exclamou ao me encontrar. — O jantar já esfriou.

Então eu disse:

— Eu toquei nele.

Meu tio continuava pensando na comida, então demorou para reagir. De repente, levantou a cabeça e perguntou:

— No que você tocou?

— Toquei!

Não conseguia dizer nada além disso, nem parar de olhar para a minha mão, até que finalmente falei:

— Eu o vi! É branco e não tem letras. Parece um livro incompleto.

— *O livro selvagem* — murmurou meu tio.

— Escapou.

— Você precisa domá-lo para que ele volte.

— Como?

— Isso você descobrirá. Eu sou apenas o seu humilde escudeiro.

Só então senti o cheiro de comida. Meu tio abriu a mão direita:

— Trouxe um sanduíche.

O pão tinha se transformado em um montão de migalhas.

— Estava nervoso porque não conseguia encontrar você e apertei o sanduíche com muita força.

Provei umas migalhas. Mesmo parecendo intragável, tinha um gosto bom.

Memorizei o local onde tinha tocado no livro branco e resolvi jantar. Comi como se nunca tivesse provado comida antes.

## *TITO COZINHA ROMANCES*

No dia seguinte, acordei tarde, cansado das muitas horas que tinha passado na biblioteca. Decidi ficar na cama. O ornitorrinco, um dos meus animais favoritos, consegue ficar muito tempo sem se mexer. Imaginei que vivia na Austrália como um ornitorrinco feliz. Seria ainda melhor se eu fosse um canguru. Um canguru pequeno que descansa na bolsa de sua mãe. Mas não se pode ter tudo na vida: já tinha escolhido ser um ornitorrinco e assim passei boa parte da manhã.

Sempre amável, Eufrosia me trouxe o livro que eu tinha deixado na sala: *Um amigo no rio em forma de coração*.

Passei horas lendo e pensando no prazer que teria em levar aquele livro a Catalina. Eu gostava cada vez mais daquela aventura. Desta vez, os protagonistas encontravam um garoto perdido no bosque que não sabia nada sobre a natureza. Eles não eram tão espertos como o Olho de Águia, mas já sabiam como fazer fogo e eram capazes de distinguir as pegadas dos mais variados animais. O outro garoto se chamava Bruno e usava um colete muito colorido porque pertencia a um coro infantil. Tinha ido parar no bosque de um jeito muito estranho. Estudava em uma escola de canto que só aceitava alunos que tivessem uma voz magnífica. Naquele verão, seu grupo tinha tomado um barco para cantar no norte do país. A cada dois dias, paravam em algum lugar interessante. Depois de percorrer os grandes lagos da região, decidiram fazer um passeio pelo bosque. Bruno estava fora de forma e ficou para trás. Tinha dificuldade em caminhar pelas colinas e pela vegetação densa. Estava desesperado para alcançar os outros, então começou a saltar de uma pedra para outra, mas seus óculos caíram em um abismo. Então não conseguiu enxergar mais nada e começou a gritar com todas as suas forças;

porém, ninguém o escutava. Ele caminhou sem rumo até que a noite caiu, e ele soube que estava realmente perdido.

Ernesto e Marina o encontraram no dia seguinte, muito apavorado. Bruno era bom em matemática e tinha uma voz maravilhosa, especialmente para entoar cantigas natalinas. Essas habilidades magníficas não eram muito úteis em um local onde era necessário se defender de lobos e saber para que lado soprava o vento, a fim de não provocar um incêndio ao fazer uma fogueira.

Bruno não parecia muito simpático. Tinha medo dos animais e tudo parecia pegajoso para ele, ou pelo menos sujo. Como não enxergava direito, estava sempre metendo o pé em formigueiros ou pisando no cocô de algum veado. Ernesto e Marina tinham que cuidar dele como se fosse um irmão menor.

Aquele menino era realmente muito imaturo para a vida no bosque. Antes daquela viagem, a geladeira de sua casa era a única fonte de alimento que conhecia. Não sabia caçar, pescar ou coletar frutas. Só sabia abrir caixas de cereal ou latas de atum.

Enquanto Ernesto e Marina cuidavam de Bruno, o barco dos meninos cantores seguia o seu caminho. A apresentação que tinham era muito importante, e o diretor do coro concluiu que vinte e nove garotos eram capazes de cantar tão bem quanto trinta. No porto seguinte, avisou às autoridades que um dos meninos tinha ficado no bosque e pediu que fossem procurá-lo.

Vários helicópteros sobrevoaram a região em busca de Bruno. Mesmo usando um colete muito colorido, não conseguia ser visto através das espessas copas das árvores. Os helicópteros tentaram localizar o garoto por vários dias, mas sem sucesso.

A presença do menino desajeitado e medroso permitiu que Ernesto e Marina colocassem à prova tudo o que tinham aprendido no bosque. Como o recém-chegado não sabia de nada, eles tiveram que ensiná-lo a salgar a carne para conservá-la e a distinguir entre o canto de uma coruja e de um rouxinol.

Uma pessoa só consegue avaliar o quanto sabe sobre um assunto quando tenta explicá-lo. Bruno fez com que Ernesto e Marina

revisassem todas as coisas que sabiam.

Pouco a pouco, o menino começou a aproveitar seu ouvido musical para reconhecer os cantos das aves e para imitá-los com tal precisão que os mais variados pássaros vinham ao seu chamado.

No último capítulo, Ernesto e Marina levavam Bruno ao lugar onde as águas do rio se juntavam em forma de coração. Então, pediam ao garoto para que ele imitasse o som dos pássaros e um círculo enorme de aves se formava no céu. Os helicópteros, que ainda não tinham perdido a esperança de localizar Bruno, eram atraídos pelo espetáculo.

Não saí da cama até terminar o livro. Depois, me vesti apressado e fui à farmácia.

Não encontrei Catalina. Ela tinha saído para levar uns remédios na casa de uma doente, pois o entregador também estava gripado.

Vi sua mãe atrás do balcão.

Entreguei-lhe *Um amigo no rio em forma de coração* e pedi a ela que o desse a Catalina.

A mulher falou em tom amável, mas firme:

— Não sei se deveria. Todas essas leituras deixam Catalina muito cansada. Eu a proibi de ler à noite, mas ela continua lendo escondida. Ler é bom, mas vocês estão exagerando.

— É só um livro — protestei.

A mãe de Catalina me observou de um jeito curioso:

— Um livro nunca é *só* um livro. Você sabe disso melhor que qualquer outra pessoa.

Ela tinha razão. Eu não soube o que dizer.

— Eu tenho medo que Catalina fique alterada como da outra vez — comentou. — Ficou com olheiras e eu até a escutei chorar.

— Esse livro é bom e vai ficar ainda melhor quando ela o ler.

A mãe de Catalina pareceu ter se lembrado de algo e me olhou de um jeito mais simpático.

— Há muitos anos, o pai de Cata me deu um livro maravilhoso. — Seus olhos se iluminaram. — Também tinha a palavra “coração” no título. Era de medicina, mas eu achei muito romântico.

— Você entregará o livro a Catalina, então? — perguntei, esperançoso.

— Vamos ver como ela se sente. É o máximo que posso prometer. Com essas palavras, saí da farmácia.

Comecei a me perguntar se algum dia eu seria capaz de encontrar *O livro selvagem*. O que eu podia fazer? Meus poderes não eram páreo para a biblioteca. Além disso, o livro que procurávamos nunca tinha permitido ser lido por ninguém. Era um rebelde, como o único combatente de um exército que se esconde na montanha e não se rende nunca. Faria sentido procurá-lo? Era impossível que uma pessoa sozinha conseguisse dominar aquela biblioteca.

Lembrei-me do que havia lido em *Um amigo no rio em forma de coração*. Há coisas que são muito difíceis de fazer sozinho, mas são ótimas para realizar na companhia de alguém. Ernesto e Marina passavam por provas que exigiam coragem e esforço, mas sempre relembavam esses momentos com prazer, sentados ao calor de uma fogueira. O melhor da aventura é que ela tinha sido compartilhada com outra pessoa. Resolvi convidar Catalina para conhecer a biblioteca. Não podia fazer isso sem a aprovação de meu tio, então fui procurá-lo na sala de leitura, mas não o encontrei. Também não estava na sala das samambaias nem na sala dos mapas, onde costumava se fechar por horas.

Depois de um tempo, vi Obsidiana e Marfim se dirigindo à cozinha, como se sentissem o cheiro de algo saboroso. Segui os gatos até lá.

Encontrei meu tio coberto de farinha.

— Estou preparando um peixe à Moby Dick.

Os gatos olharam para ele, muito atentos, esperando o resultado. Logo depois, Dominó também se aproximou.

Tentei falar com meu tio, mas ele não deixou que eu o interrompesse. Ele mordida a língua para não perder a concentração, e de tempos em tempos folheava um livro volumoso. Pensei que era de receitas, e fiquei surpreso ao descobrir que se tratava de um romance.

— O que você está procurando aí? — perguntei.

— Herman Melville escreveu uma aventura magnífica que se passa em alto-mar. Quero preparar uma comida com gosto de romance. Moby Dick é o nome de uma baleia-branca. Nesta humilde cozinha, não há espaço para cozinhar uma baleia, portanto estou preparando um dos peixes dourados que a baleia levava em seu ventre. O segredo está em sacudi-lo bastante. Seria impossível viajar tranquilamente dentro da barriga de uma baleia. Ainda mais se for uma baleia agressiva como Moby Dick. O toque final é o arpão de sabor.

Meu tio pegou uma agulha de costura e mergulhou em um prato cheio de molho. Em seguida, fincou a agulha no pescado até atravessá-lo por inteiro. Explicou a sua receita estranha da seguinte forma:

— O capitão Ahab estava furioso com Moby Dick porque a baleia tinha comido uma de suas pernas numa só mordida. Para o animal, aquele tinha sido só um aperitivo, como uma salsicha do mar. O capitão detestava a baleia e queria matá-la, mesmo que isso significasse sua própria morte. Procurou-a pelos oceanos mais perigosos, até que a encontrou e pôde ver seu olho terrível. Moby Dick tinha sobrevivido a muitos arpões e tinha alguns cravados em sua pele grossa. Era tão grande que os objetos pareciam pequenos saca-rolhas presos no corpo cheio de cicatrizes. O último golpe de arpão de Ahab atravessou a baleia. O monstruoso animal branco se irritou tanto que acabou com o barco e toda a tripulação. Só um marinheiro se salvou: Ishmael, que conta a história. Sempre sobra uma testemunha para o mundo ficar sabendo do que acontece. O peixe à Moby Dick não seria nada sem o molho Ishmael — meu tio apontou para o prato onde tinha mergulhado a agulha.

— Do que o molho é feito? — perguntei.

— Não posso revelar a receita: aos cozinheiros, interessa o que entra na boca, não o que sai dela. O chef engole seus segredos. Só digo uma coisa: os marinheiros gostam de tatuagem. Este molho é tão saboroso que é impossível esquecê-lo, fica tatuado no estômago.

As fantasias que meu tio vivia com os livros agora também estavam presentes na cozinha. Foi difícil fazê-lo mudar de assunto. Enfim, consegui perguntar:

— Posso convidar Catalina?

— Para ir ao cinema? Claro. Permito. Não gosto de ninguém comendo pipoca do meu lado, mas se você gosta...

— Não, quero que ela conheça a casa.

— A sua casa? Lembre que nesses meses você não está morando lá.

— Não, esta casa.

— Aqui? Você quer trazer aqui uma menina linda com quem não saberei sobre o que conversar?

— Você não precisa conversar com ela. Ela virá ver os livros.

— A leitura é um ato solitário, sobrinho, ela só irá distraí-lo.

— Você falou sobre a leitura em forma de rio. Ela melhorou o livro que eu tinha lido.

— Isso pode ser perigoso.

— Os livros começaram a me procurar depois de nós dois termos lido o mesmo livro. Você disse que as minhas emoções estavam se abrindo e graças a isso os livros conseguiam me ler de outro jeito.

— Eu disse coisas bobas, falsas e inúteis. É impossível ser sábio vinte e quatro horas por dia.

— Você também falou que o príncipe é quem manda.

— Mas nunca mencionamos uma princesa.

— As coisas mudam.

— Se você está tão seguro, por que está pedindo permissão?

— Porque esta é a sua casa e eu sou o seu sobrinho. Preciso que você esteja do meu lado. Não poderei encontrar *O livro selvagem* se você estiver contra mim.

— Precisa muito ou pouco de mim?

— Como um sobrinho precisa de seu tio preferido.

— Gostei dessa última palavra. Você acha que ela gosta de peixe? Posso fazer outras coisas: um pudim do tesouro, uma torta das mil e uma noites, crepes flambados no inferno de Dante...

Deixei meu tio listando os vários livros que era capaz de transformar em receita.

Naquela tarde, voltei à seção “Como sair do labirinto”. Examinei de novo os volumes que falavam sobre homens perdidos. Por um momento, achei que *Relógio de letras* tivesse desaparecido da estante. Fiquei aliviado ao encontrá-lo exatamente no mesmo lugar onde o tinha deixado.

Levei-o até meu quarto, deitei na cama e passei a tarde lendo sobre os labirintos do tempo. Aprendi que todas as épocas podem se conectar na imaginação das pessoas.

Em algum canto do labirinto do tempo estava *O livro selvagem*, que ainda não tinha leitor. Estava refletindo sobre isso quando meu tio me chamou para jantar.

Comemos um banquete de marinheiro: sopa de polvo ao estilo Capitão Nemo, peixe à Moby Dick e, de sobremesa, claras em Neve de Almirante.

O jantar estava muito gostoso, e foi acompanhado de anedotas divertidas:

— A comida fica mais saborosa com conversa do que em silêncio  
— explicou o autor dos pratos.

Ao final da noite, meu tio sorria: havia encontrado um jeito de cozinhar histórias.

## CATALINA NA BIBLIOTECA

Não consegui dormir de tanta emoção, pensando que ia convidar Catalina para visitar a casa de meu tio. Além disso, estava preocupado com outras coisas: será que sua mãe a deixaria vir? Ela teria lido *Um amigo no rio em forma de coração*?

Apareci na farmácia quando ainda estavam abrindo a porta metálica. Fiquei surpreso que Catalina já se encontrava lá.

— Há uma porta traseira para os funcionários — explicou. — Chegamos meia hora antes que os clientes. — Ela chupava uma bala de anis, e suas palavras exalavam um cheiro delicioso.

Suas bochechas tinham recuperado a cor rosa pálida de que eu tanto gostava e seu cabelo parecia mais esponjoso. Antes de conhecer Catalina, não me importava com o jeito como alguém roía uma parte da unha onde crescia um pouco de cutícula ou coçava a cabeça. Mas, se ela roesse a unha ou coçasse a cabeça, eu ficaria embasbacado. Não tinha nada de que eu gostasse mais do que de olhar para ela. Se Catalina fosse um filme, eu moraria dentro do cinema.

Perguntei se ela tinha lido o livro.

— Adorei! — foi sua resposta maravilhosa. — Depois do anterior, pensei que nunca mais leria algo de que pudesse gostar.

Comentamos a aventura de Bruno, o menino cantor perdido no bosque. Ela tinha lido exatamente o mesmo livro que eu. Talvez por estar cansada, não adicionou detalhes à trama, como havia feito nas ocasiões anteriores. Mas mesmo assim disse que esse era o seu episódio favorito.

Por algum motivo, me senti muito orgulhoso, como se fosse eu o autor daquele livro. Talvez eu o tenha lido com mais emoção do que em outras ocasiões. Por isso não havia o que melhorar.

Essa explicação é um pouco vaidosa, admito, mas me propus a ser completamente sincero ao escrever este livro. Ao ver o sorriso de Catalina, senti uma estranha confiança; naquele momento poderia até mesmo cuidar de uma família de ornitorrincos. Tudo parecia possível.

Essa segurança me ajudou quando sua mãe se aproximou de nós. Normalmente, eu ficaria nervoso perto dela, mas, desta vez, eu lhe disse calmamente:

— Catalina ficou doente com um livro e se curou com outro.

— Minha filha está bem porque toma as vitaminas desta farmácia.

— O livro que leu ontem fez com que ela se sentisse melhor — insisti.

— Ajudou a deixá-la alegre, isso eu não nego.

A mulher me olhou com os olhos cor de mel que Catalina havia herdado. Apesar de desconfiar das leituras que tiravam o sono da filha, ela tinha entregado o livro. Podia tê-lo escondido, mas não o fez. De certa forma, estava do nosso lado, mas queria nos dar uma lição:

— Vocês deveriam ter consciência das suas próprias forças — acrescentou. — São muito jovens. Cedo ou tarde, as pessoas que exageram acabam nesta farmácia.

— Nós não exageramos, mamãe — protestou Catalina.

— Você acha normal ler sem parar? Sei que você gosta, mas tudo que é bom, quando não tem limites, se transforma num vício.

— Eu me sinto bem. Foi só um livro que me caiu mal.

— Meu tio tem muitos livros em sua biblioteca, mas o mais importante de todos está perdido e ele não consegue encontrá-lo. Quer a minha ajuda e a de Catalina para procurá-lo. — Mantive o olhar fixo na mãe dela para calcular o efeito de minhas palavras: seu rosto estava tenso, como se ainda não tivesse decidido que emoção deveria sentir.

— Não vamos ler, só procurar um livro — comentou Catalina. — O exercício será bom para mim.

— Não vamos ler coisas estranhas, e sim procurar um livro perdido — insisti.

— Que tipo de livro? — perguntou sua mãe.

Como falar sobre algo que eu não conhecia? Aquilo era como descrever o que acontece dentro de um vulcão ou nas profundezas do mar, onde os peixes são cegos. Arrisquei-me a responder:

— Um livro... muito útil. Um livro...

— É um livro que alivia, como o que eu acabei de ler — interveio Catalina. — Um livro que cura! Um livro farmácia!

A mãe dela nos olhou desconfiada. Eu teria feito qualquer coisa para saber o que estava pensando. Catalina, que a conhecia bem melhor, disse:

— O que foi, mãe?

— Lembrei-me de algo.

— Do quê?

— Algo que aconteceu muitos anos atrás, antes de você nascer, quando eu e seu pai abrimos esta farmácia.

— O que aconteceu?

— Ele disse algo muito parecido ao que você acaba de dizer. Ele me ensinou a usar o vade-mécum.

— O que é isso? — perguntei.

— Um livro de referência que traz o nome de todos os remédios e explica para o que serve cada um deles — explicou Catalina.

A mãe estava com os olhos fixos na parede, como se ali assistisse a um filme de seu passado:

— O seu pai falou: "Este é um livro que alivia... um livro farmácia: nós vamos viver dentro deste livro". — Ela desviou o olhar para a filha. — Aqui você nasceu e cresceu, nesta farmácia.

Naquele momento, lembrei-me de um trecho que tinha lido no *Relógio de letras*: às vezes as épocas se cruzam e você revive algo que aconteceu há muito tempo.

— Está certo — anunciou a mãe de Catalina. — Vá com Juan, mas volte antes das sete da noite. Vai ter algo para comer lá, certo? — ela perguntou.

— Claro, meu tio é um grande cozinheiro.

— Eu não sabia disso.

— É a sua nova paixão.

— Por isso encomendou tantos ingredientes. — A mulher apontou para o outro lado da rua, onde vários carregadores transportavam caixas com verduras, carnes e garrafas. Na porta da casa estava o tio Tito, mais despenteado do que nunca.

— Volto às sete — disse Catalina, e pegou na minha mão para atravessar a rua.

— Igualzinha ao pai! — gritou a mãe dela atrás de nós.

Senti uma felicidade enorme, como se estivéssemos flutuando e nada de mal pudesse acontecer conosco. Iríamos à casa onde meu tio recebia todos os ingredientes possíveis para os seus pratos, onde os corredores tinham milhares de livros adormecidos e onde teríamos que acordar um deles: o livro que até agora não tinha procurado conhecer o seu leitor.

— Que cheiro delicioso! — foi a primeira coisa que Catalina disse quando a porta se fechou atrás de nós.

— Você prefere os cronópios doces ou salgados?

— Nunca provei.

— Eu já imaginava, afinal, acabo de inventar essa comida.

— O que são cronópios? — perguntou Catalina.

— Um novo tipo de biscoito com formato de animal fantástico. Cronópio vem de Cronos, deus do tempo. Os salgados trazem lembranças de outras épocas e têm gosto de lágrima. Já os doces provocam ilusões e têm gosto do açúcar dos tempos futuros.

— De onde você tirou a receita? — perguntei ao meu tio.

— De uns contos de Julio Cortázar, inventor argentino.

— Podemos experimentar? — ela perguntou.

— Venham aqui.

Meu tio nos levou até a cozinha, que estava mais bagunçada que nunca. Tinha marcas de farinha no teto e na parede.

— Perco o controle quando um experimento dá certo — disse meu tio, e apontou um prato enorme com centenas de biscoitos.

— E quando dá errado? — ela questionou.

— Nesse caso, a lixeira fica com uma aparência horrível. A cozinha fica parecendo um campo de batalha e acabo me rendendo aos panos de Eufrosia.

— Eufrosia é a cozinheira — expliquei a Catalina.

— *Era* a cozinheira — meu tio protestou. — Agora sua especialidade é recolher migalhas pequenas, médias e grandes. Se eu escrevesse um livro sobre tudo o que ela recolhe nesta cozinha, se chamaria *Sobras completas*.

Catalina fez uma expressão de “este senhor está mais louco do que eu imaginava”.

— Querem provar meus cronópios? — perguntou meu tio.

Ele nos ofereceu uma tigela com biscoitos de formatos estranhos. Alguns pareciam micróbios enormes; outros, pequenos dinossauros; mas todos tinham o tamanho de uma uva. Comi vários de uma vez só. O gosto era esquisito.

Meu tio percebeu minha confusão e disse:

— Você misturou salgados e doces. Na sua boca, o passado se misturou ao futuro: você está provando o sabor do presente.

— Tem um gosto curioso.

— De fato, sobrinho querido, o presente tem sabores estranhos: não é possível analisar o que ainda não acabou de acontecer. Só o passado e o futuro possuem sabores definidos.

Provei um cronópio salgado e gostei bastante. Quando terminei de mastigar, provei um doce. Tinha um gosto completamente diferente, mas também era delicioso. Curiosamente, perdiam o sabor quando eram misturados.

Catalina, que não estava acostumada com o jeito de falar do meu tio, o olhava preocupada.

— Acho que já comemos biscoitos o bastante — eu disse a ela.

Havia chegado o momento de percorrer a biblioteca.

Entreguei o sino a Catalina. Não podia esperar que ela conseguisse se orientar logo de primeira naquele labirinto de livros. Atei o sino nela com o nó Carlota que havia aprendido a fazer no

*Atlas de nós* de meu tio e me lembrei da frase que ele disse a respeito: “uma vez amarrado, nem Deus o solta”.

Visitaríamos juntos cada seção; ela examinaria os livros de um lado, e eu do outro.

Descrevi a aparência nada especial de *O livro selvagem*, um volume branco que parecia inacabado, de tamanho normal. Um livro extraordinário disfarçado de livro malfeito.

Achei que o melhor seria começar procurando no lugar onde por pouco não o agarrei.

Catalina ficou surpresa com o nome peculiar de cada seção e riu muito ao descobrir que uma delas se chamava “Coisas que parecem um rato”.

Passamos um dia agradável folheando livros, comentando títulos que pareciam interessantes, lembrando as histórias que aconteciam no rio em forma de coração. Na hora de comer, meu tio nos mandou sanduíches para que não precisássemos interromper nosso trabalho. Cada sanduíche trazia fincado um palito com um papelzinho.

Os dois primeiros diziam: “Sanduíche Robinson Crusoe, ideal para naufragos: tem caranguejo e leite de coco”. Os outros diziam: “Sanduíche Três Porquinhos: contém presunto, toucinho e salame”.

Examinamos os livros da seção “Como sair do labirinto” sem que nada de estranho acontecesse. Nenhum livro tentou se aproximar de nós.

Será que a magia não acontecia quando estávamos juntos? Teríamos escolhido um método ruim?

— É preciso ter calma — disse Catalina. — *O livro selvagem* está sendo muito paciente. Está há muitos anos na biblioteca, não? Todo livro gosta de ser lido, mas esse ainda não encontrou o seu leitor.

— Talvez ele odeie os leitores — comentei.

— Ele não quer ser lido por qualquer um. Por isso é paciente: prefere esperar alguém que valha a pena.

— Se for assim, ele não gosta de nós. Fugiu de mim.

— Talvez não o conheça bem o bastante.

Gostei de ver que Catalina acreditava tanto em nós. Então ela pegou o livro *Relógio de letras* e logo olhou em seu relógio de plástico: eram sete da noite.

— Ficou tarde. Preciso ir.

Sáímos correndo da biblioteca e quase tropeçamos em um gato (mal pude ver qual deles era).

Chegamos um pouco atrasados à farmácia, mas a mãe de Catalina foi compreensiva.

— Era esse o livro que vocês procuravam? — Apontou para o volume que a filha tinha em mãos.

Só então nos demos conta de que, apressada para chegar a tempo, Catalina tinha se esquecido de devolver *Relógio de letras* à prateleira.

— Posso ficar com ele para ler esta noite? — perguntou.

Obviamente, concordei. Gostei de imaginar Catalina viajando pelos labirintos do tempo.

Voltei à casa de meu tio e encontrei Eufrosia de péssimo humor.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Seu tio é um desastre. Passo o dia todo limpando. Além do mais, não me deixa cozinhar. Quer que eu leia em voz alta, mas, como não sou boa leitora, ele fica nervoso. Então, pega o livro e lê ele mesmo, sem deixar de mexer a comida. O resultado é uma bagunça completa. Quero ir embora daqui.

— Por favor, não faça isso. Meu tio precisa de você. Bom, na verdade, nós dois precisamos.

— Vou pensar — ela respondeu, e seus lábios formaram aquela tromba que as pessoas ofendidas costumam exibir.

Meu tio, como era de esperar, estava na cozinha. Naquele exato momento, alimentava os gatos.

— Viciaram nos cronópios! — exclamou.

— Nos salgados ou nos doces?

— Eles gostam de comer os dois misturados. O presente é visto de um jeito diferente pelos gatos, já que eles têm sete vidas! — Fez

uma pausa para servir leite aos felinos. — Se você tem sete vidas, o presente fica com gosto de eternidade.

Marfim, Obsidiana e Dominó pareciam, de fato, muito alegres misturando os biscoitos com gosto de lembranças aos com sabor de ilusões.

## *O TEMPO E OS BISCOITOS*

A leitura de *Relógio de letras* revelou coisas importantes a Catalina. Ela levou o livro por acaso e, mais uma vez, compreendemos que certas histórias procuram os seus leitores. Aquele volume de capa cinza, com um relógio de areia cheio de letras na capa, tinha seguido a garota como um cachorro segue aquele que ele quer que seja o seu dono.

Segundo o que contou depois, os pais dela também se interessaram pelo livro. Catalina leu umas páginas para eles antes de dormir, e a mãe lembrou a época em que a filha era pequena e ela costumava ler histórias para a menina. Agora acontecia o contrário: a jovem lia para os pais, que já não tinham uma vista muito boa (seus olhos estavam gastos de tanto ler as letras minúsculas das bulas de remédio).

Catalina conduziu os pais pelos labirintos do tempo.

De repente leu uma frase que teve um efeito impactante: "Os livros servem para recordar tanto o que foi escrito quanto coisas que estão fora deles".

Então o pai de Catalina exclamou:

— Meu colete verde!

O que tinha acontecido?

Algo bastante curioso: o pai dela tinha perdido seu colete na farmácia e de repente se lembrou de onde o tinha deixado. Logo em seguida, a mãe gritou, entusiasmada:

— Meu xale de seda!

Ela também tinha perdido essa peça de roupa e agora lembrava que havia deixado na casa de uma amiga.

E Catalina, por sua vez, se lembrou de onde tinha deixado a caneta vermelha que procurava havia dias e que queria usar quando voltasse às aulas.

Como isso tinha acontecido? O livro dava a seguinte explicação: “Quando você lê algo relacionado a aviões, pode se lembrar de coisas parecidas: um avião de brinquedo, um objeto no céu, um pássaro, uma fantasia com plumas, e assim por diante”.

O que eles tinham lido os levou a encontrar um colete, um xale e uma caneta.

Catalina se perguntou se isso poderia ajudar a achar *O livro selvagem*.

A solução não parecia fácil, pois o livro mudava de lugar. Era como um índio apache que mora em uma cova, como um soldado que não quer voltar para o exército, como um bombeiro que foge e passa a provocar incêndios, como um marciano que não se adapta à Terra e quer voltar ao seu planeta. Às vezes eu me sentia assim, como um livro solitário que ninguém compreende e que deseja ser selvagem para não ser incomodado.

Naquela tarde, Catalina leu em voz alta, com muita atenção: “Os seres humanos têm uma memória pessoal para recordar as coisas que viveram. Alguns idosos têm lembranças tão boas que não esqueceram a primeira mamadeira. Não obstante, é impossível que alguém se lembre de tudo. Os livros são a memória externa dos homens: um armazém de lembranças”.

Catalina ficou em silêncio. Haveria um livro capaz de ajudar a recordar a vida fugitiva do *Livro selvagem*?

Mais adiante, ela leu algo que chamou ainda mais a sua atenção: “Não se pode esquecer que as lembranças só existem do ponto de vista do presente: alguém precisa estar vivo para que o passado exista, e essa pessoa é o leitor. O mundo de ontem só existe quando alguém o recorda *hoje*”.

A última palavra tinha letras inclinadas, o que reforçava sua importância.

\* \* \*

No dia seguinte, Catalina chegou muito cedo à biblioteca. Segurava o *Relógio de letras* no alto, como se fosse uma tocha e, entre outras coisas fantásticas, disse:

— Este livro me ajudou a entender os biscoitos do seu tio.  
Observei-a com muita atenção: estava bonita como sempre, mas seus olhos brilhavam mais.  
Então Catalina desviou o olhar, como se pressentisse algo.  
Ouvimos um rangido.  
Havia um barulho de passos em algum ponto da casa.  
— Vamos a um lugar seguro — ela sugeriu.  
— A casa inteira é segura — respondi. E então pensei no livro azul preso na sala dos livros de sombra, mas não falei nada.  
— Não quero que o seu tio nos escute — ela falou.  
— Venha por aqui — propus.  
Subimos até a sala das estátuas. Meu tio nunca entrava lá.  
— Quem são essas pessoas? — perguntou Catalina.  
— Leitores famosos da Antiguidade.  
— Estou falando das fotografias — ela disse, e se dirigiu à parede onde as fotos de família estavam penduradas.  
Ela tinha se interessado mais pelos retratos do que pelas estátuas imponentes.  
— Este é meu pai. — Apontei para a foto dele de quando era garoto.  
— Parece o seu irmão menor — disse Catalina, sorrindo.  
E então me olhou de um jeito que me deixou muito nervoso e falou, séria:  
— Você já não tem cara de criança.  
Continuou olhando as fotografias e de repente perguntou:  
— E ela?  
Entre todas as imagens, havia escolhido a de minha mãe adormecida.  
— Minha mãe — respondi.  
— Que bonito. Parece que ela está sonhando com algo muito lindo. Eu gostaria de conhecê-la. Onde ela está?  
Sugeri que nos sentássemos no chão e, com uma calma que não eu não imaginava que pudesse ter, contei que meus pais tinham se

separado. Falei do purê de batatas com gosto de cinzas, das pontes que meu pai construía. Contei que a mais recente seria em Paris.

Falei em voz baixa, como se minha mãe pudesse acordar em seu retrato.

Ela pediu que eu falasse mais sobre eles, e eu disse que meu pai era capaz de construir pontes e edifícios enormes com os cubinhos de plástico que eu tinha. Ele conseguia manter tudo equilibrado. Suas mãos nunca tremiam quando colocava a última peça de uma torre.

— Você admira muito ele, não? — ela me perguntou.

Até aquele momento, eu nunca tinha pensado nisso. Estava irritado com meu pai porque ele tinha ido embora, mas também sentia saudade dele e queria muito vê-lo. Isso tudo era muito confuso, e agora eu me dava conta de que o admirava.

Catalina virou a palma da minha mão e fez um carinho, como se desenhasse a espiral de um caracol:

— As espirais do tempo — falou. — É assim que as lembranças se movimentam, como um círculo que volta ao centro, mas que nunca é exatamente o mesmo.

Achei aquilo estranho e bonito: ela segurava minha mão e eu podia sentir o cheiro do seu cabelo, um aroma de camomila ou de alguma flor que não existe. Vi o lóbulo de sua orelha, coberto por uma penugem dourada como a pele de um pêssego, e não entendi nada de suas explicações sobre o tempo, apenas compreendi que aquilo seria importante para encontrar *O livro selvagem*.

Então ela ficou de pé, caminhou pela sala e eu consegui escutá-la melhor, já um pouco mais tranquilo.

— Este lugar é perfeito para que eu consiga explicar uma coisa a você. — Os passos dela faziam ranger as tábuas de madeira do chão. — Não foi por acaso que o seu tio preparou aqueles biscoitos.

— Os cronópios?

— Sim, os cronópios.

— Por quê?

— Porque até agora ele só viveu no passado ou no futuro. A vida dele nunca teve um presente. Sua única família são as fotos desta parede. Nunca compartilhou nada com ninguém. Por isso não encontra *O livro selvagem*.

— Não entendo — confessei, com sinceridade.

— Decorei uma frase do livro *Relógio de letras* — ela disse. — Ela diz o seguinte: “Alguém precisa estar vivo para que o passado exista, e essa pessoa é o leitor. O mundo de ontem só existe quando alguém o recorda *hoje*”.

Fez uma pausa, abriu as mãos como um mágico depois de mostrar um truque e perguntou:

— Você se dá conta?

Eu só me dava conta de que seus braços ficavam muito bonitos estendidos daquele jeito.

— Não entendo — repeti, com medo de que ela me achasse burro.

— O seu tio lê, mas não compartilha a vida dele com ninguém, nem faz nada de concreto. Só recorda ou imagina coisas. Tem pouca vida.

— Mas é possível ter pouca ou muita vida? — perguntei.

— Ele só tem vida imaginária.

— Mas quer encontrar *O livro selvagem*. Isso é algo concreto!

— Não consegue encontrá-lo porque não sabe como agir. O presente dele é insípido, por isso seus biscoitos só são gostosos quando têm a ver com o passado ou com o futuro.

— E o que isso tudo tem a ver com a gente?

— Tem a ver com *O livro selvagem*.

— Como?

— Os livros que já estão escritos vêm do passado. Os livros que ainda vão ser escritos pertencem ao futuro. *O livro selvagem* é estranhíssimo porque está no presente: ainda não foi lido. É um livro prestes a acontecer! Só vai se escrever quando tiver um leitor. É o que necessita: alguém vivo, alguém que sinta hoje o que aconteceu muito tempo atrás. Um leitor de verdade.

Fez uma longa pausa para observar as barbas de pedra de uma estátua e acrescentou:

— Sabe o que eu acho?

— O quê?

— Que o seu tio mentiu para nós.

— Sobre o quê?

— Algo me diz que ele já conhece *O livro selvagem*.

— Como você sabe?

— Intuição. Ele fala do livro com muita familiaridade, como se já o tivesse visto. Talvez o livro tenha sentido que esse leitor não estava suficientemente vivo e ficou desconfiado. Seu tio tem medo de que algo aconteça. *O livro selvagem* é como um cavalo que nunca foi montado. Precisa de um cavaleiro especial, alguém em quem confiar.

Será que ela estava certa? Será que meu tio havia tido a oportunidade de ler *O livro selvagem* e se arrependeu ou foi recusado por aquelas páginas que até agora não tinham se revelado para ninguém?

— Seu tio confessa as próprias emoções com os pratos de comida que faz — adicionou Catalina, empolgadíssima. — Não tem coragem de admitir que teve medo do *Livro selvagem*, mas seus cronópios nos dão um indício. Sabe do que o seu tio precisa?

Catalina fez uma pausa, e eu senti as batidas do meu coração.

— De uma sacudida — ela falou, com toda a naturalidade do mundo.

— Uma sacudida?!

— Sim. Na farmácia, temos alguns medicamentos que dizem: “Agite antes de usar”. A parte sólida fica no fundo do frasco, e é preciso agitá-lo para que o remédio faça efeito.

— Meu tio não é um remédio.

— Precisa de uma sacudida, recuperar a intensidade da vida, viver com vontade, deixar que as coisas aconteçam. — As mãos de Catalina se mexiam tanto que pareciam ligadas à eletricidade. — Chegou a hora de ele parar de viver como uma dessas estátuas e fazer algo por sua época.

Ela estava tão acelerada que me perguntei se existia algum medicamento que dissesse na bula: "Acalme-se antes de usar".

Não tive coragem de discordar dela. Naquele momento, eu poderia tê-la seguido até um campo de batalha, mesmo que não carregasse nenhuma arma além de uma zarabatana.

Fomos até a cozinha, onde meu tio fatiava uma abobrinha.

— Que bom ver vocês, exploradores de livros!

As palavras de Catalina tinham me motivado muito. Encarei meu tio e disse com uma seriedade que chegou até a me espantar:

— Queremos fazer uma pergunta, mas você precisa prometer que vai responder a verdade.

— Tem a ver com as minhas receitas?

— Não.

— Então pode perguntar. Minhas receitas são segredo de artista. O resto pode muito bem sair no jornal. Pergunte o que quiser. Vamos lá, detetive.

— Alguma vez você chegou a tocar no *Livro selvagem*?

— Bem, tocar...

— Você prometeu que diria a verdade!

— Eu posso passar uma receita simples, se quiser, não me incomodaria de sacrificar um pequeno segredo... Quer saber como se faz Romeu e Julieta?

— Como é *O livro selvagem*?

— Tem um aspecto desleixado, como uma senhora que sai de casa sem se pentear. Desculpem, estou um pouco nervoso. Ele parece um livro inacabado, que ainda não foi totalmente impresso. Esta é a sua magia: só terminará de ser feito quando encontrar o seu leitor.

— E você o abriu? — perguntei.

— Deixe-me tomar um gole de chá.

Meu tio levou a xícara aos lábios e bebeu o líquido emitindo muitos ruídos. O chá escorreu por seu queixo, e ele não se deu ao trabalho de secar o rosto. Então falou, mais nervoso do que mal-humorado:

— O que é isso? Um interrogatório? Estou sendo acusado do quê?  
— Só quero saber se você abriu o livro.  
— Por quê?  
— Para saber se ele já permitiu que alguém desta casa o tocasse.  
— Ele é muito escorregadio. Escapa com facilidade. Se os livros fossem atletas, este seria campeão olímpico.

— Isso nós já sabemos.  
— Você nunca falou comigo desse jeito, sobrinho.  
— Você quer que eu encontre *O livro selvagem*?  
— Claro.  
— Então por que não me ajuda?  
— Ajudo em tudo que posso: preparo comidas deliciosas, Eufrosia lava a sua roupa e enrola as suas meias em bolinhas, deixo a sua namorada vir aqui em casa.

Olhei para Catalina tentando não corar. Ela estava tranquila e bonita. Minha voz saiu trêmula quando eu disse:

— Catalina não é minha namorada.

No mesmo instante, me arrependi de ter dito aquilo. Será que ela se sentiria rejeitada? Eu não conseguia pensar em tantas coisas ao mesmo tempo. Meu tio continuou:

— Bem, deixo a sua linda amiga, quem dera fosse sua namorada, vir aqui em casa.

— Você quer que eu encontre o livro ou não? — questionei, furioso.

— Calma! — pediu Catalina, pegando na minha mão.

Então voltou-se para meu tio:

— Queremos ajudar você.

O tio Tito fez uma cara que eu nunca tinha visto. Parecia prestes a chorar. Sem me dar conta, eu tinha provocado uma emoção muito intensa nele. Seus olhos estavam tristes, mas ao mesmo tempo demonstravam carinho. Ele me olhava como se eu estivesse em um barco que está se afastando e ele não quisesse ficar sozinho no cais.

Olhei para Catalina. Ela também parecia emocionada.

— O que aconteceu, tio? — perguntei, enfim.

— Algumas semanas atrás, quando você chegou a esta casa, senti que, por fim, teria a chance de encontrar *O livro selvagem*. Desde pequeno você tem poderes de grande leitor. Fiquei muito feliz de comprovar que os anos não o embruteceram e que você ainda atraía os livros. Em seguida, quando você abriu seu coração para esta jovencinha, que não é sua namorada, mas quem dera fosse, eu soube que os seus sentimentos não eram apenas de um leitor especial, mas sim de um leitor superespecial. Me deu muita alegria saber que, depois de tantos anos, você poderia encontrar o livro que ninguém conseguiu ler até agora. No entanto, algo estranho aconteceu.

— O quê?

— É meio difícil admitir, sobrinho.

— Diga o que tem que ser dito.

— Vou falar de uma vez só, sem rodeios.

Meu tio pôs sua mão grande e pesada sobre a minha cabeça.

— Não sei mais se quero que você encontre o livro — confessou, com uma voz muito grave.

— Por quê? Pode acontecer algo comigo?

— Não. Pode acontecer algo comigo.

— O quê?

— Se você encontrar o livro, a aventura terá acabado.

— Como assim?

— Isso significa que você não precisará mais ficar aqui comigo.

Que você irá para outro lugar. Que eu não o verei mais.

Meu tio me encarou com olhos que pela primeira vez não pareceram arregalados. A emoção os diminuía bastante. Ele estava com cara de japonês sábio. Então, pronunciou umas palavras que nunca achei que diria:

— Eu te amo, sobrinho. — Olhou para Catalina e acrescentou: — Também amo você, embora não a conheça muito bem. Não quero ficar sozinho.

Catalina aproximou a boca de meu ouvido. Suas palavras roçaram em minha orelha como uma brisa rápida:

— Acho que ele já se agitou o bastante — sussurrou.

Olhei para meu tio e falei:

— Você não precisa ficar sozinho. Posso visitá-lo ou você pode ir à casa de minha mãe.

— Ir para a cidade, onde as pessoas fedem e falam de dinheiro, onde os cachorros fazem cocô na rua e os carros andam rápido demais?

— Você poderia nos convidar para jantar aqui uma vez por semana.

— Promete que, se você encontrar *O livro selvagem*, não vai parar de me visitar?

— Prometo.

— O que você queria saber mesmo? — perguntou e cruzou os braços, como se só agora tivéssemos começado a conversar.

Eu estava tão comovido com o que ele havia dito que também esqueci o que tinha que perguntar.

— Não lembro — murmurei.

Por sorte, Catalina não tinha perdido o fio da meada:

— Queríamos saber se algum dia você abriu *O livro selvagem*.

— Sim. Uma vez só. Foi a minha chance e eu a desperdicei.

Catalina continuou fazendo perguntas:

— O que aconteceu?

— Senti um medo terrível.

— Por quê? — inquiri. — É um livro de terror?

— É algo mais forte.

— O quê? — nós dois perguntamos ao mesmo tempo.

— É um espelho — meu tio engoliu a saliva. — Senti que me aproximava de um espelho. Já disse que todos os livros são espelhos, mas esse é diferente: é um espelho para pessoas corajosas, dispostas a entrar no livro, a ser engolidas, a sentir emoções como se você as estivesse escrevendo.

— Você leu um pouco do livro? — Catalina questionou.

— Não consegui. Vi tudo em branco, mas senti que aquele livro estava me retratando. Tive medo de me reconhecer, de submergir

naquelas páginas para saber como sou por dentro. Fechei o livro imediatamente.

— E o que aconteceu? — perguntou Catalina.

— O livro sumiu. Eu não merecia ser o seu leitor. Não voltei a vê-lo.

Catalina tinha razão. Meu tio sentira medo de que algo muito intenso acontecesse com ele.

— Em que seção você o encontrou? — perguntei.

— Lembro-me da estante onde deparei com o livro: “Motores que não fazem barulho”. Vocês sabem que eu odeio ruídos. Queria ver se encontrava um liquidificador silencioso para Eufrosia triturar frutas e verduras. E lá estava *O livro selvagem!* Logo entendi o motivo: um livro é um aparato, um mecanismo, um motor que funciona sem emitir sons.

— Você acha que ele voltou para lá? — ela perguntou.

— É possível. Os livros são insistentes. Por isso se tornam clássicos.

— Você já passou por essa seção? — Catalina me perguntou.

— Uma vez.

— E o que aconteceu?

— Eu gosto dos carros, mas não me interesso muito pelos motores: passei rápido por ali.

— E não viu nada de estranho? Tente lembrar — insistiu Catalina.

— Quer que eu traga um cronópio salgado? — sugeriu tio Tito.

— Espere um pouco! — exclamei.

— O que foi? — Os olhos de meu tio voltaram a ficar arregalados.

— Sim, aconteceu algo esquisito: havia livros sobre cavalos de potência na seção de motores.

— Isso é óbvio, sobrinho. Mas suponho que não é isso que você quer nos contar.

— Não. Quando eu estava indo embora, caiu um livro no chão. Recolhi-o e o recoliquei na estante.

— E? — meu tio se aproximou tanto de mim que pude sentir o cheiro do molho de tomate que estava em suas bochechas.

Então recitei, como se estivesse em um sonho:

— O título era *Os cavalos de potência não usam ferraduras*.

— Lógico, sobrinho, o que você esperava?

— Os cavalos que não usam ferraduras são potros selvagens —  
expliquei. — Ninguém nunca montou neles, não foram domados.

— Como *O livro selvagem!* — exclamou meu tio. — O livro estava  
dando uma dica!

— E só agora me dei conta — falei, surpreso.

Catalina verbalizou o que todos nós estávamos pensando:

— Vamos lá.

## *MOTORES QUE NÃO FAZEM BARULHO*

Quando entramos na seção “Motores que não fazem barulho”, Catalina foi até o fundo da sala e eu fiquei perto da porta. Examinaríamos livro a livro, título a título, autor por autor, em busca de nossa presa.

Mais ou menos vinte minutos tinham se passado quando algo começou a zunir. Parecia o som de uma tubulação ou o ronco de algum eletrodoméstico em outra parte da casa. Imaginei que meu tio estivesse preparando alguma coisa no liquidificador, mas o ruído durou muito tempo, não podia ser isso.

Olhei para a estante na minha frente e tive a impressão de que a madeira estava vibrando, como se um metrô passasse por baixo da casa. Mas naquela parte da cidade não havia metrô.

Os olhos de Catalina brilhavam no fundo do aposento. Ela tinha a expressão de quem contempla algo muito interessante que pode ficar perigoso. Fazendo gestos, pediu que eu me aproximasse.

Dei alguns passos e algo curioso aconteceu. Não posso dizer que ouvi um barulho, propriamente; era outra coisa, como se o ar tivesse reunido forças para estalar: era um silêncio ruidoso, uma energia prestes a se romper.

Catalina me mostrou o livro que estava em suas mãos desde que tinha chegado: *Relógio de letras*.

Ela encostou o dedo indicador nos lábios pedindo que eu ficasse quieto. Então me mostrou um livro que tinha encontrado: *Ajustes de tempo*. Primeiro pensei que o volume estava no local errado, mas quando abri notei que tratava de mecânica. Era um manual que ensinava a regular os motores no ritmo certo. Eu não sabia que um motor podia ficar fora de sincronia.

Catalina pediu que eu recolocasse o livro na estante e depois acomodasse o *Relógio de letras* ao lado. O zunido parou no mesmo segundo. Ela sorriu de um jeito maravilhoso.

Então me fez um gesto para que saíssemos do aposento.

— O que foi isso? — perguntei.

— Um bom sinal. Os livros ficaram inquietos quando chegamos.

Você percebeu o zunido?

— Claro.

— Pareciam motores prestes a arrancar. Foi como se tivéssemos dado gasolina para eles e eles estivessem pedindo que os ligássemos.

Catalina parecia entender os mistérios da biblioteca melhor do que eu.

Ainda que muitos anos tenham se passado desde então, lembro muito bem que, naquele momento, ela trajava uma blusa azul com estrelas amarelas bordadas no pescoço. Nunca esqueci nenhum detalhe da cena em que perguntei, cheio de curiosidade:

— E por que você deixou o *Relógio de letras* lá?

— Tínhamos que mandar um recado para eles. Os livros se relacionam entre si, como seu tio disse. Agora dois livros que falam do tempo estão juntos: um trata do tempo dos humanos e outro, do tempo dos motores. Vamos ver o que acontece.

— O que você acha que vai acontecer?

— *O livro selvagem* anda muito tranquilo. Você se lembra da truta azul em *O rio em forma de coração*?

Como poderia esquecer? Era um dos meus episódios favoritos. Ernesto e Marina subiam em uma canoa para pescar. Passavam a tarde toda pegando peixes. Antes de voltar ao acampamento, conferiam o que tinham pescado: muitos peixes, mas nenhum valioso, pois eram todos pequenos. Aquilo não seria suficiente para um jantar completo. Então, se davam conta de que esses peixes podiam ser deliciosos não para eles, mas para um peixe das profundezas. Não tinham pescado o jantar deles, e sim o do peixe que queriam capturar! Em seguida, colocavam os peixes pequenos

em anzóis e jogavam a isca no fundo do rio. Depois de muito tentar, conseguiam agarrar uma truta azul, espécie rara e bem grande, cuja carne era muito apreciada por seu sabor e porque os bruxos da região diziam que dava grandes poderes.

Às vezes, uma pessoa agarra algo insignificante à primeira vista mas que acaba servindo para alcançar uma coisa maior. O bom pescador consegue peixes sem graça que o ajudam a obter outro que vale a pena. Com as pessoas, acontece algo parecido: é preciso ter bastante conhecimento para atingir aquilo que importa de verdade.

— *O livro selvagem* é como uma truta azul — disse Catalina.

— Você deixou o *Relógio de letras* como uma isca?

— Sim. É um livro com o qual ele pode se identificar.

— E por que saímos do cômodo? Seria emocionante ver os livros se movendo.

— Seria fabuloso, mas seu tio falou que os livros não gostam de ser observados quando estão se movendo. De repente, você encontra algum sem saber como ele chegou lá.

— Você tem razão: se eles se movessem diante de nós, as pessoas ficariam com medo ou brincariam de tiro ao alvo com eles. Caçariam os livros como animais selvagens. As pessoas podem ser assustadoras.

Catalina ficou me olhando e perguntou:

— E você, do que mais gosta?

Não respondi nada, e ela insistiu:

— Qual é a sua truta azul?

Do que ela estava falando? Queria saber que isca poderia me captar?

— *O livro selvagem*, acho — respondi.

— E nada mais? — perguntou, ainda olhando em meus olhos.

Com certeza devo ter ficado muito vermelho. Eu queria encontrar *O livro selvagem*, mas o que mais queria era estar com Catalina, ainda que sentisse vergonha de admitir. Ela parecia estar esperando que eu dissesse algo importante. Não queria errar e decepcioná-la.

— Você está tremendo! — Catalina pôs a mão em minha bochecha. — Como um livro prestes a ser lido! — Sorriu.

Ela tinha percebido que eu estava apaixonado! Catalina me lia como se lesse um livro, mas eu era um livro morto de vergonha.

Foi um alívio quando ela disse:

— Vamos ver o que aconteceu.

Entramos de novo no aposento, que continuava no mais completo silêncio. Caminhamos lentamente rumo à estante onde ela tinha colocado o *Relógio de letras*.

Tudo parecia igual. Não vimos nenhum sinal de uma lombada branca.

Mas também não encontramos o *Relógio de letras*.

Catalina e eu nos olhamos em silêncio. Foi quando uma voz de criança gritou:

— Juanito!

Era Carmen. Enfim, havia chegado. Caminhava ao lado de Eufrosia, que carregava uma mala pesada. Minha irmã estava com as mãos cheias de bichos de pelúcia, entre eles o seu boneco Juanito.

— Ela é sua namorada? — ela me perguntou.

Não respondi: desviei o olhar para os três gatos que tinham seguido minha irmã.

Catalina também não respondeu, mas sorriu e olhou para Carmen com tranquilidade, como se não estivesse incomodada com o que minha irmã tinha dito.

Meu rosto ficou vermelho como um tomate, e Carmen falou:

— Ai, acho que dei uma mancada! O tio Tito me disse que você tem uma namorada de quem gosta muito, mas que você detesta que digam que ela é sua namorada.

— Essa é a Catalina — eu disse.

— Oi! — falou Catalina, com uma voz alegre.

— É aqui que fica o Clube da Sombra? — perguntou Carmen.

— O que é o Clube da Sombra? — Catalina se mostrou interessada.

— Um lugar onde só se pode ir à noite — respondi.

— E fica nesta casa? — continuou a minha irmã.

Lembrei da sala com os livros para cegos e falei:

— Sim.

— Oba! — exclamou. Carmen estava radiante. — Você vai me levar lá?

— Claro — respondi, sem muita certeza de que seria capaz de cumprir a promessa.

— Quer conhecer meus bichinhos de pelúcia novos? — Carmen montou uma fileira de brinquedos em uma estante. Alguns livros caíram no chão.

Logo em seguida meu tio entrou na sala, munido de uma lupa:

— Que nenhum bicho de pelúcia se mova! Preciso inspecioná-los para saber se estão limpos.

— Dei banho neles na semana passada — informou Carmen.

— Isso não é o bastante. Preciso revistá-los um por um. Catalina?

— Sim?

— Sei que você tem experiência com pessoas doentes. Peço que me ajude com estes pacientes.

— Não são pacientes — retrucou Carmen. — São meus bichinhos!

— Por enquanto, querida sobrinha, são pacientes suspeitos de ter fungos debaixo das orelhas e em outros lugares onde o sabão nem sempre alcança. Mãos à obra.

Meu tio pediu que Eufrosia pusesse os bichinhos em fila. Ele puxou outra lupa do bolso e a deu para Catalina. Os dois conferiram as orelhas, os olhos, as patas, as garras, os focinhos e os narizes e não encontraram nada demais.

Tio Tito ficou satisfeito com a inspeção:

— Estes bichinhos estão saudáveis como uma maçã — declarou.

Carmen me apresentou aos que eu não conhecia. Mostrou um coelho que sofria de cólicas estomacais terríveis, uma lebre que estava sempre nervosa e uma tartaruga que tinha dor de cabeça como a nossa mãe.

— Aqui vão ficar mais tranquilos e vão se curar de tudo isso — falei para Carmen.

Ela me deu um abraço e notei que tinha crescido um pouco naquelas semanas em que ficamos sem nos ver.

Ajudei a recolher os bichinhos e me surpreendi com a habilidade de Eufrosia, que conseguia carregar até sete em uma só mão.

Em seguida, olhei para Catalina e senti um arrepio percorrer meu corpo.

Seus olhos, que já eram grandes, estavam totalmente arregalados.

Ela encarava algo que estava atrás de mim. Algo importante. Algo que fazia os olhos dela brilharem como fazem as ideias mais incríveis.

Eu me virei. Naquele momento, desejei ter o arpão do capitão Ahab, que lutou contra Moby Dick. Não vi nenhuma baleia, mas, na parte superior de uma estante, era possível vislumbrar uma lombada branca. Um livro que até poucos instantes antes não estava lá. Um exemplar de capa branca, um volume disfarçado de um livro como qualquer outro, sem letras à vista, como se não tivessem terminado de imprimi-lo. Resumindo: um livro que nunca fora lido.

Aproximei-me da estante. Meu tio viu o que eu estava fazendo e deu um grito. Eufrosia derrubou os bichinhos, Carmen tropeçou, eu pisei no pé dela, e, quando minha mão finalmente chegou ao local certo, aquele já não era mais o lugar certo.

*O livro selvagem* havia desaparecido outra vez.

Naquela noite, tive dificuldade para dormir. Ouvia ruídos do quarto ao lado, onde agora Carmen dormia. Por volta da meia-noite, ela pediu que eu a levasse ao Clube da Sombra.

Respondi que não podia, não naquela noite.

Então ela quis dormir na minha cama. Eu não gostava de dormir com ela porque, quando sonhava que estava voando, minha irmã abria muito os braços e ocupava todo o espaço. Eu não conseguia dormir assim. Além do mais, já estava muito grande para dividir minha cama com crianças.

— Vamos até o seu quarto. Farei companhia para você até que consiga dormir — falei.

— Estou sem sono — foi a resposta.

Ela sempre dizia isso. Levei-a até o quarto, e, cinco minutos depois, minha irmã já tinha adormecido.

Voltei ao meu quarto, mais acordado que nunca. Eu invejava a rapidez com que Carmen pegava no sono e se adaptava a tudo.

Eu só conseguia pensar no *Livro selvagem*.

Teríamos outra oportunidade para agarrá-lo? Da última vez, falhamos por tão pouco.

Fiquei imóvel, escutando os barulhos da casa, até que percebi que os rangidos vinham de minhas próprias ideias.

A última vez que olhei para o relógio antes de adormecer foi às três da manhã.

Tive mais um sonho com o quarto escarlate, mas desta vez aconteceu algo diferente. Ouvi o lamento que vinha do fundo do corredor e caminhei até lá com minhas pesadas botas de ferro. Entrei no quarto de paredes vermelhas, mas não havia sangue, era apenas um quarto pintado de vermelho. Sempre gostei dessa cor e não me senti mal por estar lá. Voltei a escutar o ruído, que vinha de um canto. Parecia uma mulher soluçando. Aproximei-me e vi algo enrolado em um trapo. Era uma coisa pequena, mas não consegui carregá-la. Pesava mais que minhas botas de ferro. Tentei retirar o trapo, mas isso também não resolveu. Era um invólucro sem nós ou aberturas. Alguma coisa chorava lá dentro.

Fiquei de joelhos e apalpei aquilo com cuidado. Parecia um livro. Curiosamente, quando entendi do que se tratava, ele ficou mais leve e eu pude levantá-lo.

O que eu deveria fazer com um livro que chorava? Havia alguma maneira de acalmá-lo?

Olhei à minha volta e encontrei uma porta que até então não tinha notado que existia. Ela possuía três fechaduras. Por sorte, cada uma delas trazia uma chave encaixada. Abri a porta e um brilho forte

ofuscou a minha vista. No quarto, era noite, mas atrás da porta era dia, um dia radiante.

O quarto escarlate dava para um campo ensolarado, os raios do sol brilhavam intensamente, como se fosse meio-dia. A luz bateu na coisa envolta pelo trapo e o livro que estava ali parou de chorar.

Saí para o campo e senti a grama sob meus pés. Eu não estava usando as botas de ferro. O trapo, que até então era de uma cor indistinguível, se transformou em um tecido com quadradinhos vermelhos e brancos, como uma toalha. Tentei abri-lo, mas, de novo, não consegui.

Subi até uma colina e me sentei para ver a paisagem. Lembrei-me da foto de minha mãe adormecida e me deitei sobre a grama. Dormi profundamente. Dormi dentro do meu sonho. Em algum momento pensei que não conseguiria acordar, mas então disse a mim mesmo: "Sim, eu consigo, pois estou no meu sonho e aqui eu decido o que acontece". Abri os olhos e foi como se eu tivesse acordado duas vezes, dentro e fora do sonho.

Estava na minha cama, na casa de tio Tito.

Tentei voltar a dormir para retornar ao campo e saber o que aconteceria com o livro misterioso, mas é mais fácil fugir de um sonho do que voltar a ele.

De qualquer forma, senti uma calma que nunca havia sentido antes. Pela primeira vez, tinha conseguido sair do quarto escarlate. Além disso, tinha salvado um livro, um livro que chorava como uma criança.

Talvez o livro quisesse ser adotado. Quem sabe, ao passar do quarto escarlate para o campo, tivesse deixado de ser criança e ficado mais velho.

Pensei que, se alguma vez voltasse a ter esse sonho, eu levaria tesouras para cortar o trapo e saber que livro era aquele.

Eu tinha perdido o medo daquele sonho. Por outro lado, estava ainda mais curioso para entender o que um livro ainda não lido pode conter.

## UMA RADIAÇÃO EM ZIGUE-ZAGUE

Pensei que minha irmã fosse ficar entediada na casa de tio Tito, mas aconteceu o contrário. Ela adorou levar seus bichinhos de pelúcia à cozinha. Amarrou um guardanapo no pescoço de cada um e passou várias horas acompanhando meu tio.

Ele precisava que alguém lesse em voz alta histórias que inspirassem receitas, e Carmen passou a ser sua ajudante. Graças a esse trabalho em equipe, pudemos saborear o excelente “coelho apressado”, receita que bolaram após a leitura de *Alice no País das Maravilhas*.

Enquanto meu tio e Carmen transformavam histórias em comida, Catalina e eu examinávamos os livros da seção “Motores que não fazem barulho”. Mas, depois de nosso sucesso inicial, não avançamos mais.

Até que, em determinado momento, Catalina falou algo que eu nunca imaginei que pudesse dizer:

— Estou com saudades da farmácia.

Tratava-se de uma frase corriqueira. Afinal de contas, era lá que ela trabalhava nas férias e onde estavam os pais dela. Ainda assim, isso podia significar algo horrível: ela seria capaz de abandonar a nossa busca?

Sugeri que parássemos de procurar *O livro selvagem* por um tempo e buscássemos outra aventura de *O rio em forma de coração*.

Foi o que fizemos, mas não foi fácil encontrar um novo episódio daquela história que surgia de repente em qualquer canto da casa.

Na hora do jantar, estávamos muito cansados. O cheiro delicioso da comida nos reconfortou um pouco. Perguntei ao meu tio:

— Por que as histórias de *O rio em forma de coração* nunca aparecem no mesmo lugar da biblioteca?

— Esse livro gosta de pegar seus leitores de surpresa. É um livro caçador.

— E *O livro selvagem* é um livro que não quer ser caçado — comentou Catalina.

— De fato — concordou meu tio. — Os livros gostam de ser encontrados de maneira condizente com a história que aparece em suas páginas. As aventuras de *O rio em forma de coração* acontecem num bosque onde é necessário pescar peixes e caçar animais, por isso o livro também exige que seus leitores procurem os episódios como se a biblioteca fosse a natureza. É preciso lembrar que os livros são feitos de árvores, de modo que esta biblioteca pode ser considerada uma floresta.

— Se soubéssemos do que se trata *O livro selvagem*, poderíamos nos aproximar dele de um jeito parecido ao da sua história — falei.

— Verdade, sobrinho, mas não sabemos que história é essa.

No dia seguinte, estava com medo de que Catalina não aparecesse. Fiquei muito feliz quando ouvi a campainha tocar. Ela chegou animada para encontrar outro episódio de *O rio em forma de coração* e me deu uma bala de anis para adoçar minha travessia pelos corredores da casa de meu tio.

Decidimos nos separar para aumentar as chances de ter sucesso. Eu planejava entregar o sino a Catalina, mas Carmen o tinha amarrado em um coelho de pelúcia que, de acordo com ela, era muito distraído.

— Se eu tirar o sino, ele vai ficar triste — me disse.

Fiquei de mau humor. Minha irmã era muito infantil. Se continuássemos dando bola para as suas manias, nunca conseguiríamos nada. Aquilo não era brincado. Era uma biblioteca onde um livro fantástico se escondia.

Para que eu me acalmasse, meu tio apelou para uma solução provisória: entregou um pandeiro a Catalina, assim ela tinha como nos chamar caso se perdesse. Era um pouco absurdo percorrer uma biblioteca com um pandeiro na mão, mas o recurso era eficaz. Aprendi com as aventuras do rio que, nos momentos de emergência,

não se pode dar atenção aos detalhes: se uma meia serve para fazer um torniquete que ajudará a estancar uma hemorragia, não podemos reclamar que ela está fedida.

Devia ser duas da tarde quando escutei o repique do pandeiro.

O barulho vinha do andar de cima.

As coisas acontecem de um jeito muito estranho. Quando Catalina e eu nos separamos, achei normal que ela fosse a qualquer parte da casa. Porém, quando escutei o ruído do pandeiro e me aproximei do lugar de onde vinha o barulho, achei preocupante que ela estivesse *naquela* parte da casa.

Percorri o corredor que levava ao cômodo onde eu havia confinado o maligno livro de capa azul. Por sorte, Catalina não estava lá dentro. Ela me esperava no corredor.

— E aí, o que acha disso? — perguntou.

— Do quê?

— O que a gente procurava estava no chão. — Apontou para o tapete cheio de livros. Eram os mesmos exemplares que eu tinha atirado no chão quando me escondi no corredor! Não tinha notado que, entre eles, havia mais um capítulo daquela aventura tão interessante.

Lembrei perfeitamente a cena que tinha se desenrolado durante as profundezas da madrugada: meu tio passando por mim, queixando-se de Eufrosia e da bagunça da casa. Ninguém tinha recolocado os livros no lugar. Curiosamente, um deles era o que procurávamos. O título era: *Meia-noite no rio em forma de coração*.

Sugeri a Catalina que fôssemos ler na sala das samambaias, um lugar que eu adorava. Ela sentou ao meu lado no sofá e, pela primeira vez, lemos um livro ao mesmo tempo.

— Já leu? — ela me perguntava para saber se eu já tinha terminado de ler aquela página.

Naquele episódio, a história acontecia durante a noite. Falava sobre um estranho material radioativo que tinha sido enterrado por ladrões em uma colina. Um grupo de guardas-florestais chegava

para revistar o lugar e pedia ajuda a Olho de Águia e a Ernesto e Marina, que tinham ficado famosos por cuidar do bosque.

Os guardas explicavam que o material radioativo tinha desaparecido de uma usina nuclear que gerava eletricidade. Era muito valioso, e os ladrões haviam pedido dinheiro em troca dele. O grupo tinha pistas de que o material estava escondido no bosque. A única maneira de localizá-lo era usando um par de óculos especiais que permitia enxergar material radioativo como um brilho verde.

Ele estava protegido por uma caixa de metal. Mas sua luz era tão forte que, à noite, ultrapassava o metal. Mesmo debaixo da terra, enviava sinais em zigue-zague à superfície e emitia um brilho verde que durava poucos segundos, mas que podia ser percebido por olhos atentos e ligeiros.

O bosque era enorme. Muitos olhos concentradíssimos seriam necessários para achar a caixa. Olho de Águia era capaz de enxergar um filhote de coruja a cinquenta metros na parte mais densa do bosque. Encontrar o material radioativo, no entanto, seria muito mais complicado.

O pior de tudo era que, se o material não fosse encontrado a tempo, poderia contaminar aquela reserva natural. A radiação afetaria todas as espécies: nasceriam codornas de três patas, ursos azuis e águias cegas.

Lemos a história sem parar até o momento em que Ernesto e Marina percorriam o bosque à meia-noite. De repente, viam um reflexo esverdeado.

Na mesma hora, senti que as linhas do livro vibravam. Pensei que fosse efeito de meus olhos, cansados de tanto ler. Esfreguei as pálpebras com força. Quando voltei a ler, Ernesto e Marina avançavam por folhas secas em direção ao brilho verde. Tinham encontrado o material que poderia envenenar o bosque.

Olhei para Catalina: ela estava de olhos fechados.

— O que foi? — perguntei.

— Achei que as letras estavam se mexendo e depois um brilho muito forte apareceu.

Justo naquele instante eu vi um brilho verde.

— De que cor? — perguntei.

— Verde — foi a resposta.

Por trás do brilho, as letras pareciam se mexer, da esquerda para a direita, como se estivessem sendo impressas no papel naquele momento. Não consegui ler o que estava escrito porque a luz era muito intensa.

Segundos depois, o livro voltou ao normal.

— Eu também vi o brilho — falei. — O livro ficou aceso.

— Eu vi a mesma coisa — Catalina se recostou em mim, e eu passei o braço sobre o ombro dela.

Continuamos lendo: Ernesto e Marina localizavam a caixa, enterrada bem fundo na terra (sua radiação era tão potente que se espalhava como um raio fino pelo solo e chegava à superfície em forma de zigue-zague).

Corriam ao encontro de Olho de Águia, que emitia o seu famoso uivo de coite para ser localizado pelos guardas-florestais.

Na última parte do livro, uma equipe de especialistas vestidos com trajes e luvas especiais desenterrava o material contaminador. Lidavam com o maior cuidado com a caixa, amarravam-na com uma corrente e a enganchavam num cabo de helicóptero. Assim, conseguiam devolvê-la à usina elétrica.

Gostamos da história, mas achamos esquisito aquilo que aconteceu com as letras. O que tinha acontecido? O livro havia brilhado como se tivéssemos descoberto algo radioativo dentro dele.

Voltamos a abrir o livro na página 156. Não encontramos nada estranho ou suspeito. As letras estavam tão tranquilas quanto a superfície da água. Mas sabíamos que essa superfície podia se agitar.

Caiu a noite na sala das samambaias. Pela claraboia, vimos a lua, que estava com o formato de fatia de melancia.

Catalina me deu outra balinha de anis e ficamos um tempo em silêncio, felizes por estar juntos, aproveitando a companhia um do outro sem precisar dizer nada.

Pensávamos no estranho efeito que o livro produzira em nós, mas não sentíamos necessidade de falar sobre isso.

Quando terminamos de chupar as balas de anis, fomos ao encontro de meu tio.

Encontramos Tito com farinha até nas sobrancelhas, próximo a um ventilador desligado.

— Que péssimo momento! — falou. — Olhem isso. — Apontou para Carmen e seus bichinhos de pelúcia, todos cobertos de farinha.

— O que houve?

— Liguei esse ventilador e vejam o que aconteceu.

Olhei para o teto. Havia centenas de cerejas grudadas ali.

— Quem disse que cozinhar é uma atividade tranquila? — questionou meu tio.

Para Carmen, a situação era muito divertida, pois ela teria uma nova oportunidade de encher uma bacia com água morna e dar banho em todos os bichinhos.

Meu tio limpou o rosto do jeito atrapalhado de sempre. Esqueceu-se de esfregar as sobrancelhas, que continuaram brancas de farinha. Só se deu conta de seu descuido quando uma formiga subiu até seu rosto em busca de comida.

— Vou só dar um banho nas sobrancelhas e já volto — anunciou.

Quando finalmente ficou pronto, se aproximou de nós com sua xícara de chá e escutou o que tínhamos para contar.

Quando terminamos, ele fez uma pausa bem longa. Em seguida, disse o que pensava:

— Vocês comprovaram a força da leitura. As palavras transmitem energia, por isso enxergaram esse brilho. Ao lerem juntos, somaram a intensidade que cada um tem. Achei estranho que as folhas não tenham pegado fogo.

— A página brilhou quando os personagens encontraram o material radioativo — falei.

— Claro — respondeu meu tio. — Vocês estavam empolgados e queriam ver esse momento. Quando você lê, nunca enxerga as letras, e sim as coisas sobre as quais as letras falam: um bosque,

uma casa com cara de biblioteca, uma farmácia. Os livros funcionam como espelhos e janelas: estão cheios de imagens.

Catalina olhou para o relógio.

— Hora de ir para casa — anunciou.

— Antes que você vá, linda, preciso dizer algo — informou o meu tio.

— O quê? — perguntei.

— O que aconteceu com vocês é muito importante. O livro queria contar algo a mais.

— Algo a mais? — perguntou Catalina.

— As grandes histórias fazem você pensar na sua própria história. *Meia-noite no rio em forma de coração* trata de um material perigoso enterrado no bosque. Algo do qual é preciso se livrar. Um livro é como um lago: traz uma história na superfície e outra nas profundezas. Não acham que há algo por trás daquilo que vocês leram?

— Por trás?

— Uma história escondida sob essa outra história, uma história que tem alguma relação com vocês. Vocês possuem algo que precisam jogar fora, dissipar na noite? Algo parecido com aquela caixa que poderia destruir o bosque?

Lembrei-me do sonho do quarto escarlate em que eu jogava o livro no campo. Salvava o livro para que ele parasse de chorar, mas também me salvava do livro que estava chorando.

— Acho que há algo, sim — falei.

— O quê? — perguntou meu tio.

— Não posso contar — respondi.

Pensei no livro de capa azul. Ele continuava na casa. Eu precisava tirá-lo de lá. Era nosso material radioativo. Ainda que não o enxergássemos, os outros livros podiam sentir que algo ruim saía dali, algo parecido com o zigue-zague verde. Enquanto aquele livro perigoso estivesse entre nós, *O livro selvagem* continuaria desconfiado.

Catalina e meu tio me olhavam com atenção, mas eu não disse nada sobre o livro de capa azul. Não queria que ninguém mais tivesse a ver com aquilo. Não sei por que agi dessa forma. Acho que há momentos em que as pessoas sentem que precisam fazer algo pelos outros, sem que eles o saibam.

Precisava terminar o trabalho que havia começado. O inimigo não podia viver entre nós. Ainda que estivesse sendo controlado pelos livros de sombra, eu precisava tirá-lo de lá.

— O que foi? — perguntou meu tio, estranhando o meu silêncio.

Eu com certeza estava com uma expressão de quem pensa em coisas ousadas e não tem coragem de verbalizá-las.

— Tem uma coisa que eu preciso resolver sozinho.

Catalina me olhou desconfiada:

— Não podemos acompanhar você?

— Para continuarmos juntos, eu preciso consertar uma coisa — falei, com uma segurança que não tinha sentido até então.

— “Uma coisa”, sobrinho? Você não poderia ser mais específico?

— Não.

Essa “coisa” tinha capa azul.

## *O CLUBE DA SOMBRA*

Naquela noite não cheguei a vestir o pijama. Fiquei no meu quarto esperando um bom tempo, até ouvir apenas os rangidos que as casas antigas costumam fazer, como se relembrassem os passos de todos aqueles que algum dia caminharam por seus corredores.

Eu precisava agir sozinho. Meu tio não podia entrar em contato com o livro maligno de novo, pois tinha se revelado mais fraco do que ele. Por outro lado, eu também não queria pôr Catalina em risco.

Nas histórias do rio em forma de coração, Ernesto e Marina costumavam deparar com o dilema de qual caminho seguir no bosque. Quando havia duas possibilidades, cada um escolhia um trajeto diferente, para enfrentar obstáculos também diferentes. Se algum deles passasse por algum grande apuro, o outro teria chance de se salvar.

Tinha chegado a hora de eu fazer algo semelhante. Se o livro de capa azul me machucasse ou me enlouquecesse, os outros poderiam continuar a procurar *O livro selvagem*.

Abri a porta decidido a agir na mais completa solidão, mas encontrei Carmen sentada no corredor.

— Estava esperando você — falou.

Ela carregava o boneco Juanito debaixo do braço.

— Você está indo para o Clube da Sombra? — me perguntou.

Será que eu conseguiria mentir para ela? Minha irmã me olhava, crédula.

— Seus bichinhos precisam que você cuide deles à noite — falei, tentando ganhar tempo para inventar uma desculpa.

— Acabaram de eleger o presidente. O coelho Campanito ganhou e disse que eu podia acompanhar você.

Carmen vivia num mundo de fantasia que sempre a ajudava em tudo que precisasse.

Eu não tinha argumentos para impedir que ela me acompanhasse, então falei o que menos imaginava dizer naquela noite:

— Tudo bem: pode vir comigo.

Peguei a lanterna que tinha trazido de casa (sabia que não estava indo acampar, mas resolvi colocá-la na mala para criar essa ilusão) e caminhei sobre o piso de madeira que a cada três passos emitia um rangido. Minha irmã me deu uma das mãos e com a outra carregava o seu boneco Juanito.

Carmen ficou surpresa com o meu conhecimento dos labirintos daquele casarão, cheio de corredores curvos, escadarias desiguais, estantes que bloqueavam o caminho.

Avançamos até a zona onde o ar começava a ter cheiro de confinamento e logo chegamos ao trecho em que parecia haver mais pó do que ar. Depois passamos pela região onde o piso de madeira rangia ainda mais e sentimos o estranho aroma da emoção e do medo. O cheiro era de um animal de outra época. Era cheiro de dragão.

Paramos em frente ao aposento dos livros de sombra. De algum lugar, soava o tique-taque de um relógio de parede. Uma coruja cantou na escuridão.

Haveria corujas do lado de fora da casa? Ou seria uma coruja imaginária? Será que o relógio emitia esse barulho? Eram tantas perguntas...

Para me acalmar um pouco, contei a Carmen que nosso tataravô e nosso tio-avô eram cegos. Falei sobre os livros de sombra e sobre o exemplar de capa azul que eu havia deixado naquela sala.

— Os livros bons estão vigiando-o — acrescentei.

— É um livro enfeitiçado? — ela perguntou.

— Um livro maligno.

— E você vai acabar com ele?

Era uma boa pergunta, uma que eu ainda não havia me feito. Só sabia que tinha um assunto pendente naquele quarto: ali, havia

largado um livro que não devia estar na biblioteca. Não era bom manter um prisioneiro tão perigoso.

— Você vai queimar o livro? — insistiu Carmen.

Então me lembrei de um trecho de *Meia-noite no rio em forma de coração*. Ernesto pergunta aos guardas-florestais se o material radioativo pode ser destruído para que não traga mais problemas. “Isso causaria um dano ainda maior: poderia contaminar todo o bosque.” Em seguida, Olho de Águia dizia: “Se você encontra uma árvore com praga, o pior que pode fazer é queimá-la: tentando salvá-la, você poderia provocar um incêndio e destruir todas as outras”. Marina encerrava a discussão da seguinte forma: “As árvores são como os livros: quem se atreve a queimar um, corre o risco de queimar todos os outros”.

Não se pode destruir um livro, por pior que ele seja. Ainda que se trate de um livro pirata que rouba e destrói o que os outros dizem.

As aventuras no rio em forma de coração me davam pistas sobre o que eu deveria fazer na minha vida. Não deveria acabar com esse exemplar nocivo, e sim tirá-lo da casa, como tinha feito no sonho do quarto escarlate. Sim, essa era a solução.

Com isso em mente, abri a porta do aposento. Eu estava tão nervoso que me esqueci de apagar a lanterna, o que deixou os livros de sombra muito irritados. Dois ou três deles, bastante pesados, pularam no meu pescoço. A lanterna caiu no chão e se apagou. Ouvi a porta bater às minhas costas. Não houve mais movimento.

— Juan? — chamou minha irmã.

Tentei enxergá-la, mas a escuridão era muito espessa. Caminhei até ela e tropecei nos livros que tinham caído no chão.

Finalmente toquei em algo peludo. Pensei que era o boneco Juanito, mas senti orelhas grandes e peludas.

— Também trouxe o Andrés — explicou Carmen. — Ele estava escondido na minha camisola. As raposas são muito espertas e Andrés é muito qualificado.

Carmen me deu a mão em meio à escuridão.

Nunca nos sentimos tão sozinhos desde que nosso pai tinha ido embora.

— O que faremos? — ela perguntou.

Eu não tinha a menor ideia do que fazer, mas de uma coisa estava certo: não podíamos ficar com medo. Tive um pressentimento estranho. Senti que nosso futuro dependia daquele momento. Se conseguíssemos fazer algo tão importante como nos livrar daquele livro maligno, nos sentiríamos dotados de uma força muito poderosa que nos acompanharia para sempre. Mesmo com nosso pai distante. Mesmo que nossa mãe fumasse tanto e fosse tão preocupada.

— Eu cuido de você — disse a Carmen.

— E depois você vai me levar para Paris?

— Sim.

— E vamos ver as pontes que o papai fez?

— Sim.

— E depois vamos voltar para ver a mamãe?

— Sim.

— E você vai dirigir o carro para que ela não bata?

— Sim.

Naquele momento, eu teria dito “sim” a tudo que minha irmã pedisse. Estava disposto a fazer o que fosse, ainda que não soubesse como.

Será que eu conseguiria encontrar o livro maldito na mais completa escuridão? Tentei acostumar meus olhos à penumbra, mas só consegui distinguir as divisas das estantes. Pareciam esqueletos pretos.

— Precisamos seguir em frente — falei, de repente.

Apertei a mão de Carmen com muita força. Ela me disse:

— É para você cuidar de mim, não me esmagar!

Demos dois passos para a frente. Conseguia ver as estantes e caminhar entre elas, mas eu não sabia em que direção avançava.

À medida que adentrávamos o aposento, eu inspirava o cheiro agradável de papel e começava a me sentir mais tranquilo. O cheiro

não era de confinamento, mas sim de papéis guardados com cuidado, papéis que descansavam.

Apesar de não conseguir ler aqueles livros, eles tinham se mostrado meus amigos. Meu tataravô e meu tio-avô os haviam lido. Lembrei, também, que alguns dos melhores leitores foram cegos. Para eles, os livros normais eram tesouros que existiam apenas em sua imaginação. Como seria ler um livro com a ponta dos dedos? Aproximei-me de uma estante, peguei um livro, abri-o e acariciei aquele alfabeto feito para ser tateado. Senti uma coceguinha e tive a sensação curiosa de que era o livro quem estava me lendo. Cada pessoa tem uma impressão digital diferente; para esses livros, cada leitura era única, incomparável.

Quando era criança, eu tinha amigos invisíveis que se reuniam à noite, mas nunca imaginei que aqueles amigos pudessem ser livros. Agora eu o sabia. Todo livro está adormecido até que um leitor o acorde. Dentro dele vive a sombra da pessoa que o escreveu.

Enquanto eu pensava nisso, uma estante se moveu.

— Não se assuste — falei para Carmen. — Às vezes os livros caem para formar degraus...

Não tinha terminado a frase quando dois ou três volumes despencaram sobre o piso. Logo caiu mais um e depois outro.

Os livros começaram a desabar. Como eu já tinha estado lá, sabia que eles só se movimentavam por propósitos bem definidos. Aquilo era um desabamento bastante ordenado. Os livros estavam formando degraus e eu devia obedecê-los. Pisei no primeiro com muita cautela, mas logo senti que os livros estavam com pressa e passei a andar mais rápido, sem soltar a mão de Carmen.

Era muito estranho dar um passo no ar, sabendo que logo um novo degrau apoiaria aquela pisada. A escada se formava à medida que subíamos.

Subimos até sentir uma brisa leve. Estávamos próximos ao teto. Vi o túnel estreito que já conhecia e a abertura na qual ele desembocava. Uma fatia de lua flutuava no céu.

Estava prestes a sair por ali, impulsionado pela escada que os livros tinham construído, mas algo me preocupava, como se eu tivesse esquecido a torneira de água quente aberta. Eu tinha me esquecido do mais importante: encontrar o livro pirata!

Quando já estava dando meia-volta, Carmen perguntou:

— É esse?

— Quê? — procurei enxergá-la.

— Olhe! O último degrau. É um livro de capa azul!

Os livros tinham nos levado ao encontro de seu rival, como se nos pedissem para tirá-lo dali. Era nosso dever.

Sentei na beira do túnel que levava à janela e tentei levantar o livro. Ele era muito pesado, então pedi ajuda a Carmen. Arrancamos a capa do livro e, depois de muito esforço, conseguimos empurrá-lo.

Pouco a pouco, o volume foi ficando mais leve. Quando chegamos perto da janela, já tinha o peso de um livro comum. Desci com ele pela escada que levava ao jardim.

Carmen me seguiu.

Havíamos ficado mais tempo do que eu imaginava entre os livros de sombra. A lua se dissolvia no céu, e começava a amanhecer. O céu estava de um tom violeta, com algumas faixas azul-claras.

Tínhamos conseguido! Tínhamos retirado da casa o livro que não servia para nada. Então Carmen exclamou:

— Esqueci o Juanito!

Esse tipo de coisa sempre acontecia com ela: esquecia algo, se atrasava, tinha que ir ao banheiro, perdia um brinquedo e queria voltar. Ter uma irmã significava ter que lidar com todos esses problemas.

— E Andrés? — perguntei.

— As raposas são espertas — ela disse, mostrando seu bichinho de pelúcia. — Juanito é o brinquedo mais bobo que eu tenho.

Fiquei olhando para ela, ofendido pelo fato de o boneco ter o meu nome.

— E também é o meu favorito! Precisamos voltar ao Clube da Sombra!

— Primeiro precisamos nos desfazer desse livro — eu disse, para ganhar tempo.

— Onde você vai deixá-lo?

Não tinha ideia do que fazer com um livro que só servia para prejudicar outros livros. Mas foi como se o céu tivesse escutado os meus pensamentos, pois logo em seguida ouvi o som de um sino.

— Ouça isso! — falei para minha irmã.

Prestamos atenção: não era um sininho como o que eu tinha usado na biblioteca, nem aqueles de igreja. Não era pequeno nem grande. Se os sinos tivessem tamanhos como as roupas, eu diria que aquele era tamanho médio.

Claro! Era o barulho do caminhão de lixo!

Eu não tinha a chave de casa, então não podia ir até a rua por conta própria.

O que fazer?

Você já tentou escalar uma trepadeira para passar por cima de um muro? Se isso parece difícil, imagine encarar esse desafio com um livro enorme amarrado às costas. Pois foi o que eu fiz.

A ideia foi de Carmen. Ela tirou o suéter com o qual sempre dormia (do contrário, sonhava que estava no polo Norte) e o utilizou para amarrar o livro às minhas costas. Como já disse, o volume pesava menos ao ar livre. Parecia que ficava mais leve porque tinha vontade de fugir. Mesmo assim, não é nada confortável ter um objeto enorme preso nas suas costas enquanto você tenta encontrar um jeito de subir por uma trepadeira.

O sino voltou a soar, desta vez mais próximo. Eu sabia que os caminhões de lixo ficavam parados nas esquinas por algum tempo. Enquanto isso, um homem de luvas amarelas bem sujas percorria a rua avisando que estavam ali.

Eu tinha por volta de dez a quinze minutos para escalar o muro, pular na rua e correr até o caminhão de lixo.

Enrosquei-me nos galhos. Senti que um deles prendia meu tornozelo. Era trabalhoso se movimentar naquela trepadeira. Os galhos se enrolavam nos meus pés. Talvez meu tio tivesse plantado

um tipo especial de trepadeira para impedir que os ladrões a escalassem e invadissem a casa.

Estava quase desistindo quando algo empurrou as minhas costas. Não foi um golpe forte. Foi como um tapinha de apoio. Vi um galho acima de mim e o agarrei com força. A planta se enroscou em minha mão. Com essa ajuda, consegui subir um pouco mais. Então entendi qual era o método para escalar: se eu usava os pés, tentando aproveitar os galhos como degraus, as plantas me puxavam para baixo, mas, se eu utilizava as mãos, podia usar os galhos como se fossem cordas e subir mais.

Eu tinha aprendido com *O rio em forma de coração* que a natureza tem suas próprias regras, uma maneira especial de funcionar. Eu tinha usado o sistema errado para me mover pela trepadeira, mas acabava de descobrir a maneira correta.

E agora preciso confessar algo que não deixou de me impressionar depois de todos esses anos que se passaram: acho que o livro maligno me ajudou. O tapa que senti nas costas tinha vindo dele, como se ele se apoiasse em mim para me passar confiança. Depois daquele ato, consegui pensar com clareza e concluir o que precisava ser feito.

O livro de capa azul queria escapar da casa tanto quanto eu queria me desfazer dele. Ainda que fôssemos inimigos, por um momento tivemos o mesmo objetivo e estabelecemos um acordo. Nós nos aliamos para chegar lá em cima, onde voltaríamos a ser rivais.

Quando, enfim, alcancei o topo, o sino tinha parado de soar.

O esforço havia sido em vão! Eu tinha demorado demais para subir!

Foi isso que pensei ao olhar para a rua deserta. Mas, então, escutei um ruído de motor e vi a luz de faróis ao longe. O caminhão percorria a rua e se aproximava do muro!

Esperei que ele chegasse mais perto (tão perto que pude sentir o fedor de laranjas podres) e joguei o livro com todas as minhas forças. Ele caiu entre os sacos de lixo.

Vi o caminhão desaparecer pela rua, indo na direção em que nascia o sol.

Não sei se foi a melhor solução. Em todo caso, viajando na companhia de cascas de laranja e outras coisas inúteis, meu adversário teria poucas oportunidades de prejudicar outros livros.

O livro queria se salvar e por isso me ajudou a escalar a trepadeira, disso tenho certeza. Talvez pretendesse viver, de agora em diante, como um vagabundo, sem contato com as páginas de outros volumes que tanto sonhava em arruinar. Parecia uma vida triste para ele, uma vida de livro mendigo, mas pelo menos tinha salvado a própria pele. Lembrei-me então que suas páginas pareciam mesmo ser feitas de pele e fiquei feliz que ele estivesse longe de nós.

Consegui descer rapidamente da árvore que tinha sido tão difícil de escalar. Carmen me esperava com os olhos cheios de expectativa. Ela fitava o muro fixamente, por isso não se deu conta de que algo tinha aparecido no jardim. Juanito estava sobre a grama, logo atrás de minha irmã.

Como tinha chegado até ali? Carmen dizia que seus bichinhos de pelúcia falavam um idioma que não entendíamos, se casavam, tinham filhotes e que seus pelos cresciam. Em poucas palavras, tinha certeza de que eles tinham vida própria.

No entanto, até ela se surpreendeu quando viu que Juanito tinha conseguido chegar sozinho até ali.

— O que aconteceu? — perguntou. — Será que Juanito voou até aqui?

A única explicação que me ocorreu foi que nós tínhamos nos esquecido de Juanito, mas os livros não. Eles o ajudaram a sair de lá. Como? Difícil saber. Os livros de sombra costumam trabalhar sem ser vistos.

Outra explicação é que o boneco tinha chegado até lá por conta própria. As coisas pelas quais sentimos carinho se aproximam de nós naturalmente. Às vezes merecemos que isso aconteça. Tudo parece indicar que é assim que funciona.

Carmen me abraçou, e o sol encheu de luz aquele jardim onde os pássaros cantavam como se soubessem que estávamos felizes.

## *UMA ISCA MAIS SUCULENTA*

Ao longo desta história, falei bem e mal de meu tio. De acordo com as minhas contas, se fizéssemos os cálculos de quanto falei bem e de quanto falei mal, o placar seria de oito a três a favor de seus aspectos positivos.

Prometi ser sincero. Por isso me atrevi a falar coisas incômodas sobre alguém que me tratou com tanto carinho. Agora preciso confessar algo ainda mais difícil. Vou dizer tudo de uma só vez: meu tio pareceu ter ficado mais burro por causa de sua obsessão culinária.

No início, achei curiosa a combinação de histórias com receitas. Adorei que essa mescla tivesse resultados tão deliciosos. Também foi bom vê-lo ocupado e compartilhar de seu bom humor.

No entanto, quando ele se tornou um especialista na cozinha, passou a se concentrar tanto nos ingredientes que não conseguia mais falar sobre qualquer outro assunto. Era capaz de discutir meia hora sobre pimenta ou maionese.

Se no início ele se valia da biblioteca para criar pratos que remetessem a histórias, depois de um tempo meu tio passou a falar de verduras como se fossem livros: se referia ao aipo como se fosse um personagem apaixonante e aos tomates como se fossem protagonistas de um romance de aventura.

Meu tio se deixava levar demais por suas obsessões. O livro de capa azul tinha mudado o seu caráter e agora a cozinha o aprisionava.

Carmen, que antes estava feliz como auxiliar dele, passou a morrer de tédio com as conferências sobre o espinafre.

É preciso reconhecer que os pratos estavam ficando cada vez mais originais e saborosos. Tio Tito tinha se transformado num especialista. A parte não divertida era que, além disso, ele também

falava como um especialista. Nada pode ser mais chato do que alguém que sabe muito sobre muito pouco. Chegou uma hora em que ficou quase impossível conversar com ele. Para conseguir lhe contar algo, era essencial entender muito de alho.

Foram dias difíceis. Catalina e eu percorremos a seção “Motores que não fazem barulho” algumas vezes, sempre trazendo livros que pudessem interessar àquele que queríamos encontrar.

Levamos obras sobre o tempo e a leitura, temas que associávamos à sua vida de livro.

Tínhamos nos livrado de vez do livro de capa azul: *O livro selvagem* poderia se movimentar com mais liberdade. Mas isso não parecia suficiente. Não basta matar um tubarão para que os outros peixes se aproximem de você.

Nossa presa se mostrou curiosa, como uma truta que se aproxima da superfície, mas não havíamos encontrado a isca ideal para fisgá-la.

Nesses longos momentos em que aguardávamos algum acontecimento, como se estivéssemos pescando em um lago de águas plácidas, eu pensava muito em minha mãe.

Estava havia muitos dias sem vê-la, e comecei a ficar com medo de esquecer como era seu rosto. Cometi o equívoco de não levar uma foto sua para a casa do meu tio. A única que havia lá tinha sido tirada muito tempo antes, enquanto ela dormia no campo. Às vezes eu tentava me lembrar dos detalhes de suas feições, mas sentia que algo não encaixava, como se as semanas que passei distante dela tivessem agido como uma borracha. Eu sabia que ela tinha o cabelo e os olhos castanhos, que seu nariz era reto e sua risada, a mais maravilhosa do mundo, mas não podia olhar para tudo isso na sua ausência.

Meu tio havia se transformado em um cozinheiro lunático e eu estava esquecendo o rosto de minha mãe!

Para piorar, eu já perdia a esperança de algum dia encontrar *O livro selvagem*, mas não queria demonstrar isso, o que me deixava

ainda mais nervoso. Se Catalina se desse por vencida, não voltaria à biblioteca.

Até então, eu não tinha tido coragem de dizer que estava apaixonado, pois achava que ela iria achar isso ridículo e pararia de ir à casa de meu tio. Preferia continuar sendo sua sombra a ser rejeitado como namorado.

Tio Tito, Carmen, Eufrosia e até os gatos pareciam saber que eu gostava muito dela, mas eu não me atrevia a dar o passo seguinte. Que situação terrível!

Tudo isso me deixou desanimado. Eu queria ser uma pessoa decidida, que não comete erros, mas não sabia o que fazer. Por sorte, no ápice de meu desespero, Catalina encontrou uma solução. Explicou o que estava acontecendo: ao procurar uma isca para *O livro selvagem*, tínhamos nos comportado como meu tio na cozinha: escolhemos livros para especialistas, livros que só falavam de outros livros.

— *O livro selvagem* quer algo mais divertido — opinou Catalina. — Se oferecermos apenas livros sobre livros, vai achar que queremos classificá-lo dessa forma. Está há um tempão escondido e não acho que ele queira se transformar em um livro de referência entediante. Precisamos mostrar a ele que ser lido pode ser uma aventura muito divertida.

— Verdade. Mas de que livro ele poderia gostar?

— Sabe o que eu acho? — os olhos cor de mel de Catalina brilharam daquele jeito especial que indicava que algo importante lhe ocorria.

Eu estava tão ansioso para ouvir o que ela tinha para dizer que nem respondi. Então, ela falou:

— Se esse livro vai viver conosco, precisamos oferecer algo mais tentador.

— Como o quê?

— Algo de que a gente goste! Precisamos mostrar do que gostamos para que ele nos conheça de verdade.

— Como as histórias de *O rio em forma de coração* — propus.

— E se ele não gostar? — questionou Catalina, insegura, de repente, com sua própria ideia.

Procurei reanimá-la:

— Ele precisa nos conhecer do jeito que a gente é. Se não gostar das nossas histórias favoritas, não tem porque estar conosco.

— Tem razão.

Foi assim que decidimos colocar episódios diferentes de *O rio em forma de coração* em lugares onde supúnhamos que *O livro selvagem* pudesse estar.

Será que ele gostaria daquela aventura tanto quanto Catalina e eu? A coisa mais sincera que podíamos fazer era confessar a ele que tipo de leitor nós éramos.

As histórias de *O rio em forma de coração* tinham sido modificadas pela nossa leitura; continham o enredo original, mas também aquele que colocamos sobre ele. Se *O livro selvagem* queria conhecer as pessoas que poderiam ser suas amigas, isso era o melhor que podíamos oferecer.

Deixamos a isca e fomos até a cozinha, onde meu tio começou a falar sobre a casca do amendoim. Isso acabou confirmando o fato de que tínhamos tomado a decisão correta em relação ao *Livro selvagem*. Durante dias e mais dias levamos livros que davam a impressão de que éramos especialistas em assuntos muito sérios. Desta vez, ele saberia que nós também nos interessávamos por histórias tão diversas como a vida.

O que aconteceu no dia seguinte foi positivo, ainda que estranho.

Percorremos a seção “Motores que não fazem barulho”, até que sentimos uma estranha vibração. De novo, algo parecia prestes a explodir no quarto.

Foi quando avistamos, ao lado de *Um achado no rio em forma de coração*, uma faísca de papel, uma lombada branca, sem nada escrito, um livro que parecia quase pronto, mas que ainda não tinha sido impresso.

Ele apareceu em uma das prateleiras superiores, as mais difíceis de alcançar.

Apoiei as mãos e os joelhos no chão para que Catalina subisse nas minhas costas, mas foi em vão.

Um segundo depois, o livro já tinha desaparecido.

O peixe se aproximava da isca, mas não mordida o anzol.

## *O QUE COMEÇA QUANDO ALGO TERMINA*

Meu tio Tito ligou o telefone de novo porque queria falar com um fornecedor de curry da Índia e acabamos recebendo uma chamada de minha mãe.

— Vocês vão voltar para casa daqui a uns cinco dias — ela anunciou.

Adorei a ideia de vê-la de novo, mas a boa notícia também me encheu de preocupação. Será que conseguiríamos encontrar *O livro selvagem* antes que eu fosse embora? O que aconteceria com Catalina?

Com uma voz segura, minha mãe acrescentou que meu pai estava voltando. Ele moraria em outra casa, mas nós todos continuaríamos nos encontrando.

— Seu pai e eu estamos em bons termos e gostamos muito de vocês.

Os adultos são especialistas em encontrar palavras que podem significar muitas coisas diferentes. “Bons termos” era uma expressão para lá de estranha. Significava que ele não dormiria mais em casa, mas tocaria a nossa campainha sorrindo?

Fiquei feliz com a previsão de voltar a ver minha mãe. Gostava tanto dela que queria relembrar cada detalhe de sua aparência, pois morria de medo de esquecer suas feições. Ainda assim, quando ela disse que viria nos buscar, foi como se um relógio que eu carregava dentro de meu corpo tivesse acelerado.

Gostei de ver que minha mãe ainda estava com o bom humor que mostrara nos últimos dias, mas eu tinha meus próprios assuntos para resolver. Restavam cinco dias para encontrar *O livro selvagem* e

para que Catalina se apaixonasse por mim. Pela primeira vez, as duas coisas me pareceram estar ligadas.

Desliguei o telefone tão perdido nos meus próprios pensamentos que demorei para me dar conta de que tinha alguém mais ali na sala. Era meu tio. Ele olhava para o chão com grande tristeza.

— Vou sentir saudades, sobrinho — confessou. — Só restam cinco dias — acrescentou, mostrando os dedos da mão. — Você virá me visitar? — perguntou, ansioso.

— Claro — assegurei.

— Sua mãe disse que vocês vão se mudar. Espero que não seja para algum lugar muito distante — comentou, resignado.

A cidade crescia a uma velocidade espantosa. O casarão do meu tio ficava no centro e seria horrível se nos mudássemos para longe. Não queria continuar pensando na minha nova casa, que provavelmente seria em Saturno, se dependesse da minha sorte.

O tio Tito desconectou o telefone outra vez, e nós descemos para a cozinha. Ele estava tão afetado pela notícia de nossa partida que não falou sobre culinária: perguntou a Carmen sobre a vida dos bichinhos de pelúcia, mostrando que tinha prestado atenção neles mesmo enquanto falava sobre purês e molhos.

Hoje prefiro que Eufrosia cozinhe.

Então olhou para o relógio de parede na cozinha e exclamou:

— São dez horas e Catalina ainda não apareceu!

Senti um buraco no estômago e fui até a farmácia.

Encontrei-a atrás do balcão, mais ocupada que nunca.

Ela explicou que em algumas escolas as aulas já tinham recomeçado, e os alunos estavam contagiando uns aos outros com os vírus e as bactérias que tinham pegado nas férias. Ela precisava ajudar os pais.

— Não posso ir à biblioteca — falou, com frieza.

Mais que ocupada, parecia incomodada com algo.

A mãe dela me tratou com o jeito amável de sempre e perguntou por minha irmã, minha mãe e meu tio. Em seguida me disse que a filha parecia um pouco cansada.

Se achava que ela estava cansada, por que a fazia trabalhar? Era Catalina quem queria estar ali. Será que ela não aguentava mais a biblioteca? Ou, pior ainda, será que ela não me aguentava mais?

Observei-a trabalhar com uma eficiência incrível. Depois de um tempo, me atrevi a fazer a pergunta terrível:

— O que aconteceu?

Catalina estava com uma expressão irritada, mas respondeu como milhões de seres humanos responderiam quando estão irritados e não querem admitir. Afastou uma mecha de cabelo com um assopro e perguntou:

— Comigo?

Pensei em responder: “Claro que com você! Com quem você acha que estou falando?”. No entanto, fiquei com medo de ofendê-la, pois sua voz parecia soltar faíscas. Queria que ela ficasse bem, custasse o que custasse. Tudo que consegui fazer foi perguntar:

— Fiz algo de errado?

Naquele momento, eu teria assumido qualquer culpa. Teria pedido perdão a Catalina pelas coisas mais estranhas, coisas que não fiz ou nem sequer pensei em fazer, por guerras do passado e naufrágios em mares distantes. Tudo que eu queria é que ela voltasse a sorrir como antes.

— Não se preocupe — ela respondeu, num tom indiferente que quase me matou de preocupação.

— O que foi?! — exclamei, um tanto descontrolado.

— Quer mesmo que eu diga? — Os lindos olhos de Catalina me encararam de uma maneira terrível.

— Sim — respondi, como alguém partido ao meio.

— Está vendo esta receita? — Mostrou um papel que um cliente tinha lhe entregado.

— Sim — respondi, como alguém que continua partido ao meio.

— Na farmácia, consigo encontrar os remédios mais incomuns.

Cansei de procurar um livro que não aparece nunca.

— Estamos quase conseguindo!

— Não acredito.

— Você sugeriu aproximá-lo dos livros de *O rio em forma de coração*. Foi uma boa ideia.

— Só serviu para que ele brincasse de esconde-esconde com a gente. Aqui o meu trabalho é útil, Juan.

Apesar de não gostar do que ela dizia, fiquei feliz quando pronunciou o meu nome.

Desde criança, Catalina trabalhava nas férias, com os pais. Estava acostumada com a farmácia e gostava de ajudar as pessoas que precisavam de remédios. Eu nunca tinha trabalhado e não fazia ideia do que era isso, mas, pela primeira vez, naquela manhã difícil, imaginei como seria.

— Tudo bem — falei para Catalina.

Será que eu devia dizer mais alguma coisa? Contar, por exemplo, que eu só ficaria mais cinco dias na casa de meu tio e precisava urgentemente da ajuda dela para encontrar o livro?

Pensei que, se ela não queria me acompanhar pela diversão, também não me acompanharia por pena.

Dei as costas para Catalina e caminhei até a porta.

Ela me alcançou antes que eu saísse.

— Continue procurando o livro por conta própria. Tenho certeza de que você vai encontrá-lo.

Então, entendi que existia uma diferença entre Catalina e eu: ela tinha um lugar do qual sentir falta quando passava muito tempo na biblioteca. Já eu, só tinha a biblioteca.

Atravessei a rua tão cabisbaixo que quase fui atropelado por um táxi. Entrei na casa de meu tio sem olhar para trás.

Decidi que encontraria o livro a qualquer custo para provar a Catalina que eu era capaz de fazer algo importante sem a ajuda dela. Além disso, não tinha outra coisa a fazer no pouco tempo que me restava.

— Quer ajuda, sobrinho? — Meu tio se aproximou com uma caderneta, disposto a anotar os títulos dos livros à medida que eu os examinava.

Tinha sido tão simpático que não pude recusar sua companhia.

Percorremos a seção “Motores que não fazem barulho”. O único resultado foi uma cãibra na minha perna direita e uma tempestade de espirros no nariz de meu tio, que não estava mais acostumado ao pó dos livros.

Decepcionado, ele me disse:

— Não sou um leitor princeps. Os livros percebem. Precisamos de duas pessoas para essa busca, mas eu não sou o companheiro ideal. Com essas palavras, deu-se por vencido.

À tarde, não tive paciência de continuar procurando. Entrei na seção “O pescador e seu anzol” e um título me chamou a atenção: *Os mistérios de Paris*. Achei estranho que aquele volume estivesse nessa seção da biblioteca, mas já tinha me acostumado com os saltos inconstantes dos livros.

No início das férias, eu detestava Paris, pois meu pai tinha ido para lá sozinho. Depois, quando ele falou comigo por telefone e me contou da ponte que estava construindo e de quanto sentia a minha falta, passei a achar o lugar um pouco melhor. Agora, começava a me interessar pela cidade.

Voltei ao meu quarto, abri o livro e comecei a lê-lo. Ele contava muitas histórias ao mesmo tempo, falando de gente que tinha sido incrivelmente malvada e gente que tinha sido incrivelmente boa. Lá, tudo era incrível. Isso foi perfeito para alguém como eu, que estava afundado em problemas. Paris parecia ser uma coleção de conflitos capaz de me fazer esquecer os meus próprios.

No cair da noite, compreendi por que esse livro apaixonante estava na seção “O pescador e seu anzol”. Era uma isca para mim e tinha me pescado. Graças a ele, sobrevivi a um dia que parecia insuportável.

Continuei lendo pela noite toda.

A luz do dia apareceu, e eu ainda estava com o livro aberto. Então dormi algumas horas. Depois desci para pegar alguns biscoitos e continuei lendo na cama. Não fiz mais nada o dia todo.

Mesmo enquanto eu me perdia naquelas histórias distantes, Catalina não saía da minha cabeça. As pessoas iam à farmácia em busca de remédios para doenças. O único remédio que me interessava era a própria Catalina. Como ela não queria estar comigo, o remédio para a sua ausência era viajar para outro mundo, ler histórias emocionantes que me davam arrepio, mas que acabavam me fazendo pensar em Catalina. Era como estar em um labirinto, um labirinto emocionante, mas que, no fim das contas, não passava de um labirinto. Ao terminar a leitura, senti que conhecia Paris melhor do que meu pai.

Meu tio apareceu no quarto. Estava com uma expressão muito triste, como se tivesse vindo ao meu enterro.

— Você não saiu da cama. Está tudo bem? — perguntou.

— Estou me sentindo melhor — comentei, e era mesmo verdade.

As pessoas ficavam de cama para se curar de uma doença. Eu fiz o mesmo, mas o meu remédio foi a leitura.

Na manhã seguinte, aconteceu um milagre. Bem, pelo menos me pareceu um milagre. Catalina tocou a campainha.

— Por que você não me contou? — foi a primeira coisa que ela disse.

— O quê?

— Que a sua mãe vem buscar você.

— Como você ficou sabendo?

— Carmen foi na farmácia.

Olhei para minha irmã, que falou:

— Foi Juanito quem sugeriu! Ele é bobo, mas de vez em quando tem umas ideias boas. Vai ver conversou com o Andrés.

Carmen também tinha contado a ela como nós havíamos nos livrado do volume de capa azul. Catalina ficou impressionada com o nosso feito e com o fato de não ficarmos nos gabando dele.

— Precisamos encontrar *O livro selvagem* — ela disse —, não temos tempo a perder.

Adorei aquela sua mudança de humor. Eu estava tão emocionado que, quando entramos na seção “Motores que não fazem barulho”,

dei um beijo nela.

Senti a sua pele suave, senti um cheiro doce e magnífico, senti um vazio no estômago, senti cócegas nos pés, senti que viajava pelas estrelas, senti que flutuava, senti meu coração e meu sangue pulsando e percebi que tinha saído de meu corpo, e isso me permitia sentir tudo mais intensamente. Não é sentir coisas demais depois de um beijo? Sim, foi demais, eu fiquei fascinado.

A pele de Catalina tinha gosto de bala de anis. Não, de algo melhor: da espuma da bala de anis, ou talvez do ar da bala de anis. A verdade é que tinha gosto de algo que eu nunca havia provado: gosto de pele. Não pude continuar refletindo sobre minhas sensações porque um livro caiu na minha cabeça.

Seria uma coincidência ou um sinal? Será que os livros estavam reagindo ao que eu tinha feito? Será que eu devia beijar Catalina mais uma vez para testar?

Enquanto eu pensava nisso, ela se afastava em direção ao fundo do aposento. Fiquei no meu lugar, sem olhar para nenhum livro, completamente feliz por Catalina estar comigo e não na farmácia, onde podia encontrar muita gente e ficar sabendo das notícias da cidade.

As bibliotecas são locais afastados onde qualquer um pode se sentir muito solitário. Que divertido seria estar em um lugar que fosse metade biblioteca, metade farmácia! Um local onde fosse possível conversar, saber o que acontece na cidade e, ao mesmo tempo, ler. Um local onde a imaginação fosse parte da realidade. Um lugar com remédios para as doenças que se curam com comprimidos e para as que se curam com livros.

Então, pensei em algo que foi decisivo naquele dia. Na primeira vez que *O livro selvagem* se aproximou de nós, Eufrosia, Carmen, meu tio e os gatos estavam presentes. Talvez o livro tenha se aproximado porque se sentiu cercado de vida, sentiu que não íamos deixá-lo sozinho e que poderíamos adotá-lo.

Depois, entretanto, não fizemos nada a não ser mandar recados por meio de livros. Ele ficou um pouco curioso em conhecer as

histórias de *O rio em forma de coração*, mas não foi o bastante.

Precisávamos contar ao livro que ele era um de nós: não apenas parte da biblioteca, mas parte da família.

Corri até Catalina e expliquei tudo que tinha pensado sem pausas para respirar. Quase engasguei.

— Não sabia que você era capaz de dizer tantas palavras. — Ela sorriu e então pude enxergar meu dente favorito, levemente sobreposto ao dente do lado. — O que devemos fazer? — ela perguntou.

— Dar-lhe boas-vindas. Espere aqui.

Fui até a porta e vi o livro que caiu na minha cabeça quando beijei Catalina. Se chamava *O homem que dorme*. Aquele livro tinha tentado me acordar.

Agora precisávamos acordar *O livro selvagem*.

Carmen chegou ao aposento carregada de bichinhos de pelúcia. Eufrosia veio de mau humor, pois tinha interrompido sua costura. Meu tio chegou muito intrigado, e Dominó, Marfim e Obsidiana, felizes por ganhar um pote de cronópios.

Pedi a todos que nos acompanhassem enquanto Catalina e eu procurávamos o livro. Não estávamos ali para caçá-lo, e sim para convidá-lo para morar conosco.

Tivemos a impressão de ver a sua lombada branca algumas vezes, mas não conseguimos alcançá-lo. Talvez fosse uma ilusão causada por nossos olhos cansados e ansiosos para agarrar de uma vez por todas aquele livro.

O dia terminou com sanduíches feitos às pressas por Eufrosia, que, para ser sincero, não estavam muito gostosos.

A cozinheira estava de mau humor. Não gostava de passar horas e horas junto dos livros, que não tinha vontade de ler. Talvez seu mau humor tivesse contagiado *O livro selvagem*. Resolvi mudar de tática. Pedi a Eufrosia que trouxesse a roupa que estava costurando e ao meu tio que preparasse uma refeição entre os livros. Deveríamos

fazer as coisas de que mais gostávamos para que o livro nos conhecesse melhor.

Meu tio havia dito que Catalina e eu éramos leitores princeps. A minha opinião é que, na verdade, éramos leitores normais com muita vontade de encontrar um livro de que realmente gostássemos. Faríamos qualquer coisa para chegar a essa história.

Enquanto Carmen brincava com seus bichinhos, Eufrosia remendava uma peça de roupa e o meu tio preparava uma pizza em formato de relógio, Catalina e eu percorríamos as estantes.

De tempos em tempos dávamos as mãos e eu fazia carinho no cabelo dela. Finalmente, o momento esperado no qual ela me dava um beijo chegou. Foi quando aprendi que, às vezes, dois milagres acontecem ao mesmo tempo. Sentia os lábios suaves de Catalina quando Carmen gritou:

— O livro branco!

Fomos até a parte do aposento onde ela brincava.

— Não fui eu que vi — disse Carmen. — Foi o coelho. Ele enxerga muito bem. Além disso, é o presidente dos bichinhos.

— Onde está? — perguntei.

— Agora você acredita que os bichinhos de pelúcia estão vivos?

— O que isso tem a ver com o livro?

— Você acredita que o meu coelho tem boa visão? — questionou.

— O seu coelho tem uma visão excelente — assegurei.

— Na terceira prateleira, bem no canto: já faz um tempão que meu coelho o viu — falou Carmen.

Procurei a terceira prateleira.

Lá estava.

Senti a respiração de Catalina em minha nuca, como uma brisa suave, e avancei em direção ao livro.

Desta vez, ele não ofereceu resistência. Toquei a capa rugosa, toquei as suas páginas, levantei-o. Era, ao mesmo tempo, leve e denso, um livro compacto, agradável.

Tio Tito, Eufrosia, Carmen e os gatos se reuniram à nossa volta. Catalina abriu o livro.

As páginas estavam em branco! Tanto esforço para nada!  
Olhei para o teto, que também estava em branco. *O livro selvagem* era um livro vazio.

Então sentimos uma vibração, como o arranque de um motor. O livro tremia. Parecia que as páginas estavam sentindo cócegas porque eram vistas pela primeira vez. Não estavam acostumadas a ser percorridas por olhos.

Em seguida, o livro pareceu se acalmar, como um gato que se deixa ser acariciado, mesmo que nós só o acariciássemos com os olhos, desejando ler a sua história.

Mas ali estavam aquelas páginas em branco como o leite ou a neve. Teria valido a pena lutar tanto por uma aventura sem letras, uma história sem palavras, um conto em branco?

O que devíamos fazer? Sacudir o livro ou apertá-lo na esperança de que ele, enfim, cuspsse a sua mensagem, se é que possuía uma?

Catalina passou os dedos sobre as páginas, como se tentasse ler um livro para cegos.

— Esperem um pouco — falou meu tio, com a voz entrecortada de emoção.

E foi assim que, de tanto desejar aquilo, as letras surgiram diante de nossos olhos, não aos poucos, mas sim de uma hora para outra. O livro já estava escrito, mas precisava de cúmplices para se revelar.

*O livro selvagem* sempre viajou sem revelar sua história a ninguém, e agora, enfim, decidira abandonar a vida solitária.

Estava em casa.

Nunca vou me esquecer dos dias que passei na casa do tio Tito, nem das peripécias pelas quais passamos para encontrar aquele livro tão especial. A partir de então, passei a ler todos os outros livros como se eu também os tivesse agarrado e como se só revelassem as suas letras para mim.

Um dia depois do nosso achado, minha mãe veio nos buscar.

Encontrá-la foi algo extraordinário. Não apenas relembrei o rosto que temia esquecer, como também me senti muito leve, como se até

então estivesse carregando algo muito pesado do qual finalmente pudesse me livrar.

O querido Tito se emocionou muito na hora da despedida e me deu alguns cronópios para comer no caminho. Também ficou feliz de saber que nossa casa nova não ficava longe da dele.

Antes de partirmos, ele disse algo inesperado:

— Aprendi muito durante a sua estada, sobrinho. Agora tenho até vontade de sair à rua! Os livros ficam melhores quando estão cercados de vida, foi isso que você me ensinou. Vou visitá-lo, mas não se preocupe, levarei meu próprio chá de cachimbo. Irei de ônibus, apesar dos outros passageiros terem caspa. Rompi a casca da minha solidão! Me sinto como um pintinho recém-nascido. Tenho cabelos brancos no lugar das penas, mas tudo bem, ninguém é perfeito.

Meu tio continuava sendo o parente mais estranho e simpático que eu tinha.

Em seguida, me entregou *O livro selvagem*.

— É seu — falou.

Passaram-se vários anos desde que esta história aconteceu, mas nunca me esqueci dela. Também nunca me esqueci de Catalina. Ela continuou trabalhando na farmácia até ter idade suficiente para casar comigo.

Meus pais continuaram vivendo separados, mas não parei de ver nenhum deles.

Nas horas de angústia em que me sentia mais sozinho, os livros foram os meus companheiros. Desde então, me acompanham nos bons e maus momentos.

Enfim acabo de contar esta história que por muito tempo guardei como um segredo. E quase concluo estas páginas sem explicar do que se trata *O livro selvagem*.

Façamos uma pausa emocionante para respirar fundo e, se for necessário, comer um biscoito a fim de recuperar as energias.

Muito bem, podemos continuar.

Naquele dia inesquecível, Catalina, Eufrosia, Carmen, meu tio, os gatos, os bichinhos de pelúcia e eu ficamos olhando para as páginas em branco até que o livro decidiu revelar as peripécias que estavam escritas ali.

*O livro selvagem* começa da seguinte maneira: “Vou contar o que aconteceu quando eu tinha treze anos. Foi algo que nunca mais esqueci, como se a história tivesse me agarrado pelo pescoço”.

Sim, *O livro selvagem* começa do mesmo jeito que este livro, mas cada leitor acrescenta algo diferente a ele.

Você leu a aventura que vivi para conseguir a obra que você tem em mãos.

O que vem a seguir, só depende de você.

Copyright © 2008 by Juan Villoro

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
El libro salvaje

*Capa*  
Sabine Dowek

*Preparação*  
Mell Brites

*Revisão*  
Mariana Zanini  
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-8086-270-6

Todos os direitos desta edição reservados à  
editora schwarcz ltda.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — sp

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)